

Sumário

Summary

Editorial

Editorial

Maria Mirtis Caser, Miguel Zugasti, Silvana Pinheiro | 4-6

Portfólio

O lagarto medroso do jardim, de Ester Abreu, numa perspectiva interdisciplinar

Andressa Maria Morais, Karina de Rezende-Fohringer | 7-24

Ester Abreu: entre crítica e autoria de metapoemas

Fernanda de Souza Hott | 25-39

Fotografia e poesia

Josina (Jô) Nunes Drumond | 40-54

Entrevista

Recordações e diálogos: entrevista com Ester Abreu Vieira de Oliveira

André Tessaro Pelinser, Letícia Malloy, Vitor Cei | 55-76

Memória

Apresentação da amiga traída (1989)

Arthur Bogéa | 77-79

A modo de umbral (2005)

J. Agustín Torijano | 80-83

Colofón (2005)

Edna Parra | 84-86

Em voz alta (2016)

Carlos Nejar | 87-88

Prólogo (2016)

Silvia Cárcamo | 89-91

Presentación (2016)

Pedro Sevylla de Juana | 92-93

Abreu: “Conheci o mundo pela literatura. Ela me impulsionou a viajar e conhecer lugares onde algum escritor viveu, morreu, sonhou” (2020)

Joacles Costa | 94-100

Mutações: entre o sonho e a poesia (2021)

Andréa Gimenez Mascarenhas | 101-106

El mar está al final de algunos niños

(Hacia el sentir y el escribir de Ester Abreu Vieira de Oliveira) (2021)

Santiago Montobbio | 107-117

Poemas para no olvidar. Ester Abreu entre dos misterios: el de la palabra poética y el del amor (2022)

José Suárez-Inclán García de la Peña | 118-126

Ester Abreu Vieira de Oliveira: um percurso (2022)

Francisco Aurelio Ribeiro | 127-140

Seleta

A poesia-grito de Waldo Motta e a construção de um sentido para a vida

Marcel Martinuzzo | 141-165

Resenha

Epifanias: como se fossem crônicas, de Ester Abreu de Oliveira

Josina (Jô) Nunes Drumond | 166-171

O jogo, Micha e outros sonetos, de Wilberth Salgueiro

Paulo Roberto Sodré | 172-180

Encontro você no oitavo round, de Caê Guimarães

Rodrigo Leite Caldeira | 181-186

Mutações, de Ester Abreu de Oliveira

Silvana Pinheiro | 187-191

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Paulo Sérgio de Paula Vargas

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Pró-Reitor: Valdemar Lacerda Júnior

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretora: Edinete Rosa

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenador: Vitor Cei

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Coordenador: Sérgio da Fonseca Amaral

Editor-gerente da *Fernão*

Sérgio da Fonseca Amaral

Editores do Número 8

Maria Mirtis Caser (Universidade Federal do Espírito Santo)

Miguel Zugasti (Universidad de Navarra)

Silvana Pinheiro (Secretaria da Educação do Espírito Santo)

Conselho Editorial - Pareceristas

Arlene Batista da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo)

Augusto Massi (Universidade de São Paulo)

Benjamin Rodrigues Ferreira Filho (Universidade Federal de Mato Grosso)

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Universidade Federal do Espírito Santo)

Francisco Aurelio Ribeiro (Academia Espírito-santense de Letras)

Ivana Esteves (Universidade Vale do Cricaré)

Josina (Jô) Nunes Drumond (Academia Espírito-santense de Letras)

Jorge Luiz do Nascimento (Universidade Federal do Espírito Santo)

José Irmo Gonring (Universidade Federal do Espírito Santo)

Karina de Rezende-Fohringer (Universität Wien)

Lino Machado (Universidade Federal do Espírito Santo)

Lucas dos Passos (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo)

Luis Eustaquio Soares (Universidade Federal do Espírito Santo)

Luiz Antonio de Assis Brasil (Pontifícia Universidade Católica-Rio Grande do Sul)

Maria Amélia Dalvi (Universidade Federal do Espírito Santo)

Maria Cristina Ribas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Maria José Sabo (Universidad Nacional de Río Negro - Argentina)

Maria Mirtis Caser (Universidade Federal do Espírito Santo)

Michele Freire Schiffler (Universidade Federal do Espírito Santo)

Rafaela Scardino (Universidade Federal do Espírito Santo)
Vincenzo Arillo (Università Ca' Foscari – Venezia)
Wilson Coêlho

A gerência, o conselho e a comissão editoriais deste periódico esclarecem que as ideias e pontos de vista, a revisão textual e as responsabilidades legais pela autenticidade e originalidade dos textos são de inteira responsabilidade dos/as autores/as, que submeteram seus trabalhos de livre vontade às/aos editoras/es do número.

Catlogação:

Saulo de Jesus Peres – CRB 12/676

Revisão:

Os/as autores/as

**Fernão – Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas
da Literatura do Espírito Santo**

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo
Programa de Pós-graduação em Letras
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Universidade Federal do Espírito Santo

<<http://periodicos.ufes.br/fernao>>
neples.ppgl@gmail.com

<https://blog.ufes.br/neples/?page_id=222>

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Fernão [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo,
Programa de Pós-graduação em Letras. – ano 4, n. 8 (2022)- . –
Vitória : Ufes, PPGL, 2019- .

v.
Semestral

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://periodicos.ufes.br/fernao>>

ISSN 2674-6719 (online)

1. Literatura – Periódicos. 2. Crítica – Periódicos. I. Universidade
Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras.

CDU 82(05)

Editorial

Editorial

A *Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo*, publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), chega a seu quarto ano e oitavo número. O título da revista, *Fernão*, foi uma grata sugestão de Reinaldo Santos Neves, cujo objetivo é homenagear o escritor Renato Pacheco (Vitória, 1928-2004), autor de *Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos* (1985).

Fazem parte deste número cinco seções. Na *Portfólio*, dedicada à poeta e cronista Ester Abreu Vieira de Oliveira, três artigos analisam aspectos importantes de sua obra literária. Em “*O lagarto medroso do jardim*, de Ester Abreu, numa perspectiva interdisciplinar”, Andressa Maria Morais e Karina de Rezende-Fohringer apresentam os resultados do projeto “Os bichinhos da casa da vovó”, para alunas e alunos do Jardim II (5 e 6 anos de idade) de uma escola da rede privada de ensino, no município de Vila Velha/ES, e discutem a recepção dessa narrativa literária pelas crianças. Fernanda Hott de Souza investiga, por meio da metapoética, a relação da obra ensaística com a literária da poeta, em “Ester Abreu: entre crítica e autoria de metapoemas”. Numa abordagem semiótica peirceana, Josina (Jô) Nunes Drumond analisa, em “Fotografia e poesia”, o poema “[Silêncio!!!...]”, baseado numa fotografia do monumento natural O Frade

e a Freira, em Itapemirim/ES, poema e imagem de *Poesias fotográficas: flashes de uma vida*, de Ester de Oliveira.

Ampliando o conhecimento da obra da autora e, por conseguinte, complementando o tema da *Portfólio*, a seção *Entrevista* traz as considerações de Ester de Oliveira acerca de aspectos de sua trajetória literária, levantados por André Tessaro Pelinser, Letícia Malloy e Vitor Cei, em “Recordações e diálogos: entrevista com Ester Abreu Vieira de Oliveira”.

Continuando o conhecimento a respeito da obra da acadêmica, na seção *Memória* republicamos “Apresentação da amiga traída”, um comentário de 1989 de Arthur Bogéa sobre *Ibéria dividida*, de Ester de Oliveira. Em “A modo de umbral”, José Agustín Torijano Pérez comenta suas impressões concernentes ao livro *Para no olvidar: una reunión de vidas em homenaje*, poemas de Ester de Oliveira publicados em 2005. Este mesmo livro é objeto de observação em “Colofón”, de Edna Parra. De *Inesperadas canciones*, de 2016, recolhemos os paratextos sobre esse livro de Ester de Oliveira: a orelha assinada por Carlos Nejar, o “Prólogo” de Silvia Cárcamo e a “Presentación” de Pedro Sevylla de Juana. Trazemos igualmente a entrevista de Ester de Oliveira a Joacles Costa, de 2020, a propósito do lançamento de *Epifanias: como se fossem crônicas*. Andréa Gimenez Mascarenhas observa o diálogo entre sonho e poesia em *Mutações* em resenha de 2021. Deste mesmo ano, o escritor Santiago Montobbio apresenta diversos aspectos da literatura de Ester de Oliveira no artigo “El mar está al final de algunos niños (Hacia el sentir y el escribir de Ester Abreu Vieira de Oliveira)”. De 2022 é o texto “Poemas para no olvidar. Ester Abreu entre dos misterios: el de la palabra poética y el del amor”, de José Suárez-Inclán García de la Peña, em que comenta *Para no olvidar*. De Francisco Aurelio Ribeiro registramos “Ester Abreu Vieira de Oliveira: um percurso”, sua apresentação da jornada biobibliográfica da autora.

A seção *Seleto* apresenta uma recolha de Marcel Martinuzzo, intitulada “A poesia-grito de Waldo Motta e a construção de um sentido para a vida”, cujo objetivo é

o de expor ao/à leitor/a treze poemas de distintos períodos da produção lírica waldiana.

De *Resenhas* constam as apreciações de Josina (Jô) Nunes Drumond sobre *Epifanias: como se fossem crônicas* (2020), de Ester de Oliveira. Paulo Roberto Sodré comenta *O jogo, Micha e outros sonetos* (2019), de Wilberth Salgueiro/Bith. O premiado romance de Caê Guimarães, *Encontro você no oitavo round* (2020), é observado por Rodrigo Leite Caldeira. E ainda, *Mutações* (2021), aqui apresentado por Silvana Pinheiro.

Boa leitura.

Maria Mirtis Caser
(Universidade Federal do Espírito Santo)

Miguel Zugasti
(Universidad de Navarra)

Silvana Pinheiro
(Secretaria da Educação do Espírito Santo)

O lagarto medroso do jardim, de Ester Abreu,
numa perspectiva interdisciplinar

O lagarto medroso do jardim, by Ester Abreu,
in an Interdisciplinary Perspective

Andressa Maria Morais*
Karina de Rezende-Fohringer*

A autora e sua obra infantil: breves apontamentos¹
Com um vasto currículo que lhe deu o título de Professora Emérita da Universidade Federal do Espírito Santo, Ester Abreu Vieira de Oliveira vem, há alguns anos, se dedicando à escrita de livros infantis bilíngues (português/espanhol e português/pomerano). Autora de diversas obras literárias, ensaios e pesquisas acadêmicas, Oliveira diz que passou a produzir histórias do

* Pós-graduada em Literatura, Cultura e Artes na Educação pela Faculdade de Educação da Serra (Fase).

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Andressa Maria Morais intitulado *A literatura infantil da capixaba Ester Abreu em Sala de Aula*, apresentado à Faculdade Saberes, de Vitória, em 2009, sob a orientação da Professora Karina de Rezende-Fohringer.

universo infantil, pensando em suas netas e seus netos. A decisão de publicar tais textos ocorreu após o representante de uma editora sugerir-lhe que ampliasse o seu repertório de leitores.

Assim, *O lagarto medroso do jardim* foi publicado (em espanhol/português) pela Editora Ao Livro Técnico (1999), pela Editora Imperial Novo Milênio (2008) e pela Opção Editora que, em 2018, publicou uma nova versão bilíngue intitulada *O lagarto amedrontado do jardim* e o livro *O coelhinho e a onça / El conejito y el jaguar*. Em 2019, *Uma família feliz* foi publicado em português/espanhol e português/pomerano pela Editora Formar. Mais recentemente, coube à Editora Jordem publicar o conto *As aventuras de um domingo no parque*.

Segundo a autora, muitas de suas obras são escritas em português e espanhol, pois “[...] há momentos em que quero expressar uma emoção em um poema e só me ocorre em língua espanhola; há temas que não consigo desenvolver em português [...]”. Vale ressaltar que a autora é especialista em Filologia Espanhola e em Línguas Estrangeiras Modernas, com estudos sobre poesia, teatro e narrativa das literaturas hispânica e brasileira, além de pertencer à Associação Brasileira e à Internacional de Hispanista.

Ester Abreu Vieira de Oliveira afirma na entrevista concedida ao site *Em Dia ES* (2020) que a literatura é como uma viagem ao mundo onde não apenas é possível conhecer os lugares “geograficamente, mas também levada pelas leituras vi o sol da meia noite, e muitos países distantes e culturas diversas”. E assim, passeando no universo da imaginação, a escritora capixaba captura seus pequenos leitores que sonham e viajam com ela no mundo maravilhoso da literatura.

O projeto interdisciplinar “Os bichinhos da casa da vovó”

A literatura infantil é precursora ao ensejo da ampliação, da transformação e do enriquecimento da experiência da vida humana. Logo deve ser um instrumento

necessário nas salas de aulas desde a pré-escola, sendo encarada de modo singular em sua ambiguidade e pluralidade.

Os livros adequados a essa fase devem proporcionar vivências no cotidiano familiar e social da criança, certo clima de expectativa ou mistério, imagens, o uso de personagens reais ou irreais e, ainda, uma visão de mundo para refletir. Tudo isso são fatores essenciais para que as crianças leitoras:

[...] consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia-a-dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança para nele poder agir (COELHO, 2000, p. 51).

Em *O lagarto medroso do jardim*, da capixaba Ester de Abreu Vieira de Oliveira, encontramos essas características em evidência. Nesse livro é contada a história de um lagarto que, ameaçado por uma criança, fica escondido em sua toca, com medo de ir e aproveitar o dia. Mas um animalzinho do jardim vê toda a cena e ajuda o bichinho que está sendo apedrejado. Apoiado pelo novo amigo, o lagarto volta a ser livre e o menino, refletindo sobre seus atos, muda seu comportamento.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), ao definir o repertório cultural como uma das competências gerais da educação, ensina que “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BNCC, 2018, p. 9, grifo nosso) são estratégias que fazem parte da formação integral dos alunos e contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Considerando que as competências gerais da educação consolidam o direito de aprendizagem e desenvolvimento do estudante, vale ressaltar que:

A literatura do Espírito Santo continua à margem da produzida nos grandes centros do país, à periferia do Rio, São Paulo, Belo Horizonte

ou Brasília, assim como a produção cultural de todos os outros estados brasileiros. No entanto, não mais depende cultural, intelectual e economicamente para existir. Ela criou mecanismos para sobreviver (RIBEIRO, 1996, p. 28).

Portanto, é preciso repensar quanto às produções literárias infantis apresentadas em sala de aula, pois, na praxe, observa-se a marginalização das produções apesar da notoriedade dada a essas pelas Academias de Letras do Estado, pela Lei de Incentivo à Cultura e, mais recentemente, pela Secretaria de Educação do Espírito Santo. A relevância do texto literário, o seu uso e a sua divulgação dentro da sala de aula asseguram a valorização e o gozo das manifestações artísticas e culturais expostas na BNCC.

Assim, a fim de se destacar a importância do/a escritor/a capixaba, privilegiando as manifestações culturais locais, ou seja, do nosso Estado, optamos por esta obra infantil de Ester Abreu, *O lagarto medroso do jardim* (2008), para a realização do projeto interdisciplinar (com duração de 03 semanas), para as alunas e os alunos do Jardim II (5 e 6 anos de idade), da Escola Santa Úrsula (rede privada de ensino), situada em Ponta da Fruta, no município de Vila Velha/ES.

O projeto "Os bichinhos da casa da vovó" teve como objetivo geral estimular e criar, na criança, o hábito e o gosto pela leitura e os objetivos específicos a serem atingidos foram: conduzir a criança para melhor capacidade de organizar mentalmente o pensamento, criar atitude de melhor compreensão do ser humano e do mundo que o cerca; ajudar a criança a adquirir conhecimentos distantes no tempo e no espaço; desenvolver habilidades de raciocínio e de interpretação de informação; aproximar o aluno entre o grupo; ampliar a capacidade de levantamento de hipótese e definições de soluções; incentivar o uso de boas maneiras; valorizar atitudes como a responsabilidade, a cooperação e o perdão; e conhecer outras formas de representação usadas para representar ideias-leituras de obras de arte.

A leitura e interpretação oral do texto e a formação de palavras; a quantidade de personagens e medidas (grande e pequeno); as plantas cultivadas no jardim e animais do jardim; o respeito ao espaço do outro, a amizade e o cuidado com o próximo; bem como, a ilustração e o teatro foram as atividades desenvolvidas nas áreas de Português, Matemática, Ciências e Artes.

Destacamos aqui a importância da leitura e escrita presentes nas etapas do processo. Apesar de aparecer como objetivos secundários, vale evidenciar que

[...] a pedagogia de projetos preenche as condições prévias imprescindíveis e favoráveis a toda aprendizagem. Mas condiz, particularmente, com a aprendizagem da leitura e da produção de escritos porque cria situações autênticas de comunicação com interlocutores verdadeiros sendo necessário, para dar conta dessas situações, aprender a ler e escrever (JOLIBERT, 2009, p. 21).

As etapas do projeto se deram de acordo com o ritmo já conhecido pelas crianças: na *hora do conto* a professora lê a história com a participação das crianças que trazem para a *discussão* seu conhecimento de mundo e linguístico. Valorizadas as trocas no grupo, as crianças passam a desenvolver *atividades específicas* em cada uma das disciplinas. Por fim, mas não no fim, em *trabalhando a criatividade*, as crianças podem utilizar diferentes manifestações artísticas, a fim de representar, compreender e expressar o mundo.

Observou-se o desenvolvimento do projeto dentro de contextos reais por acreditarmos que, dessa forma, a criança (re)constrói seus conhecimentos de maneira mais eficaz e integrada.

Trata-se, portanto, de práticas pedagógicas que extrapolam as atividades tradicionais (que têm "razão de ser" apenas para professores e alguns alunos); práticas que ultrapassam os limites do trabalho escolar restrito ao cumprimento de obrigações. Na perspectiva dos projetos, as aulas deixam de ser um mundo de faz de conta para constituir-se em um encontro de subjetividades; mediante planos elaborados e executados em conjunto realizam-se intenções, e, nessas intenções, coletivamente propostas, encontram-se os propósitos individuais (MICOTTI, 2009, p. 38).

Logo, a partir de uma nova perspectiva para a construção do conhecimento, não somente será garantido uma educação de qualidade, bem como a formação de cidadãos críticos capazes de compreender e intervir nas situações tangíveis em sua volta.

Etapas do projeto: atividades desenvolvidas

Hora do Conto: este foi um momento cheio de significados, tanto para quem ouviu quanto para quem contou a história. Os futuros leitores foram estimulados a desenvolver diversas formas de expressão, ao hábito da leitura, à imaginação e a se abrirem para o universo da palavra escrita. Nesta etapa, as crianças foram organizadas para se sentarem em roda.

Discussão: após a contação da história, foi proposta uma conversa informal, a fim de que as crianças pudessem participar da discussão de forma colaborativa e autônoma, destacando os acontecimentos narrados na história: a provocação do menino com o lagarto; o sentimento do lagarto; a atitude do menino em não se importar com outros seres vivos; a bondade da abelha para com o lagarto; e a nova compreensão do menino.

Atividades específicas: nessa etapa do projeto, as alunas e os alunos tiveram a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre diferentes assuntos abordados a partir da obra lida, ora individualmente ora em grupo, em cada uma das áreas que integraram o referido projeto interdisciplinar. Durante o desenvolvimento das atividades, a história era recontada, dando ênfase ao tema trabalhado em cada uma das áreas de conhecimento.

- Português: a) a leitura e interpretação oral do texto: ao apresentar a capa do livro para as crianças, esperava-se que as mesmas lessem a imagem, a fim de apontarem as possibilidades sobre os elementos do texto narrativo, a saber:

personagem, espaço, narrador, tempo e enredo. A professora pode fazer perguntas, tais como: Onde aconteceu a história? Quais eram os personagens? Por que o lagarto não saiu mais de sua casa?; b) a formação de palavras: nessa etapa, as alunas/os alunos foram estimulados a usar o alfabeto móvel - recurso muito utilizado na sala de aula, uma vez que auxilia no processo de alfabetização - partindo do conhecimento prévio das crianças referentes às letras do alfabeto.

- Matemática: a) a quantidade de personagens: as alunas e alunos, incentivados(a) pela professora, lembraram a história listando os personagens. Dessa forma, trabalhou-se com os números e sua sequência; b) as medidas: as crianças foram estimuladas a desenvolver a sua capacidade de percepção visual, concentração e observação ao estudarem as noções de grandeza (grande e pequeno). Identificaram quais os personagens maiores e menores da história.

- Ciências: a) as plantas cultivadas no jardim: por meio da atividade, foi possível identificar os tipos de plantas que podem fazer parte dos jardins, seja o de casa ou dos parques. Em seguida, cada criança montou o seu jardim dos sonhos, desenvolvendo sua habilidade criativa; b) os animais do jardim: uma nova lista foi proposta, dessa vez organizando o nome dos animais que vivem nos jardins. Em seguida, as crianças fizeram comparações a fim de perceberem as semelhanças e as diferenças entre os bichinhos. Como estímulo, algumas perguntas foram feitas, como por exemplo: Eles voam ou rastejam? Quantas patas têm? Possuem pelos ou penas?

- Trabalhando a criatividade: confecção de desenhos e pinturas dos personagens e de outros elementos da história produzidos pelos alunos para uso na peça teatral, *O lagarto medroso do jardim*, apresentada no encerramento do projeto.

Avaliação: a avaliação aconteceu durante o desenvolvimento do projeto. Ao longo das três semanas, os envolvidos (educadoras/es e alunas/os) puderam reajustar

o plano de ação, os objetivos e a metodologia antes elaborados. Além disso, o/a professor/a observou os aspectos da participação, da aprendizagem, da coordenação motora nas atividades desenvolvidas, da criatividade e do raciocínio das/dos alunas/alunos nas discussões sobre o conto.

Conclusão: o conteúdo interdisciplinar em sala de aula foi uma importante ferramenta que permitiu a criança conectar o mundo da escola com os fatos da vida real. Dessa forma, o aprendizado se tornou mais efetivo e os objetivos planejados foram alcançados de forma lúdica e prazerosa, sem perder de vista os conteúdos visados neste processo de aprendizagem.

Apresentação dos resultados do projeto “Os bichinhos da casa vovó”

Vultoso! Essa é a melhor palavra para representar o resultado do projeto interdisciplinar “Os bichinhos da casa vovó”, realizado, em 2008, com a turma do Jardim II da Escola Santa Úrsula, localizada na Ponta da Fruta, em Vila Velha. A participação e a troca de experiências foram muito positivas.

O projeto permitiu que as/os alunas/os experimentassem uma nova vivência e maneira de se expressar quanto aos temas abordados durante sua execução. A recepção da obra foi imediata, de maneira que todas/os se envolveram ativamente nas discussões, dando opiniões e encontrando soluções para os conflitos apresentados.

Na *hora do conto*, a leitura foi interrompida inúmeras vezes, pois as/os alunas/os sempre tinham perguntas ou observações a fazer. Apenas na segunda vez, pararam para ouvir de modo mais atento. Buscaram relacionar a história com situações cotidianas. Durante e após a leitura, foram feitas perguntas aos alunos: “*Onde está acontecendo a história? Por que o lagarto está triste? A atitude dos meninos é correta? O que aconteceu com os meninos?*”. Todos queriam

responder ao mesmo tempo. Ao saberem que o lagarto não saia mais de seu buraco, foram levantadas hipóteses como o fato de estar com medo de algo. Ao descobrirem que acertaram, eles ficaram mais entusiasmados e atentos a cada detalhe da história.

A *discussão* se deu pautada em diversos temas que estimularam a participação das crianças. A atitude má dos meninos para com os bichinhos permitiu uma longa conversa e despertou em algumas/alguns alunas/os a vontade de relatar histórias de pessoas que maltratam os animais, inclusive os próprios pais foram apontados como portadores dessas atitudes. Como tarefa de casa, afirmaram que diriam aos pais que todos os seres vivos sentem dor e que as suas atitudes estavam erradas. No dia seguinte, dois alunos contaram que os pais prometeram não fazer mais maldades com os animais.

Na história, a abelhinha ajuda o lagarto a sensibilizar os meninos que o amedrontavam. Isso abriu espaço para uma conversa a respeito da amizade. Todos aprovaram a atitude da abelha. Foi comum ouvir durante o período de aula frases como: "Temos que ser amigos e ajudar um ao outro, igual a abelhinha ajudou o lagarto".

Foto 1 – Palavras descobertas com a utilização do alfabeto. Fonte: arquivo pessoal.



Respeitar o espaço, o direito e a cultura do próximo é um tema que, diariamente, precisa ser trabalhado na sala de aula. Com a leitura de *O lagarto medroso do jardim*, de Ester Abreu Vieira de Oliveira, as/os alunas/os perceberam que cada ser vivo tem seu lugar e que devemos respeitar as nossas diferenças.

Durante as *atividades específicas* de Português, as/os alunas/os utilizaram o alfabeto móvel para formar palavras. Algumas crianças tiveram dificuldades para reconhecer as letrinhas, mas fizeram da história um grande incentivo e, com o trabalho em grupo, verificamos que acabaram aprendendo umas com as outras.

O trabalho colaborativo foi amplamente valorizado, o que aproximou ainda mais as crianças e potencializou de forma positiva o processo de ensino-aprendizagem. Essa etapa foi instigante, pois foi possível perceber o quanto é importante um contexto para motivar a escrita.

O trabalho desenvolvido em Matemática, a fim de verificarmos a quantidade de personagens, exigiu uma nova leitura da história e, juntamente com as crianças, elaboramos uma lista. Em seguida, desenhamos os personagens no quadro e contamos de diferentes maneiras. Quantas borboletas e abelhas, o lagarto, os meninos e, depois, o total. Aproveitando as figuras, foi possível trabalhar medidas. Qual o bichinho maior e o menor? Era feito muitas comparações entre eles.

Em Ciências, voltamos ao texto com o intuito de identificarmos os tipos de plantas que podem ser cultivadas nos jardins. Realizamos um trabalho dividindo as plantações em horta, jardim e pomar. Os alunos procuraram em jornais e revistas as figuras e confeccionaram cartazes, distribuindo-as de acordo com seu ambiente.

Foto 2 – Alunos procurando os tipos de plantaço.



Eles tiveram muitas dúvidas em relação à divisão das hortaliças e frutas. No final, identificaram plantaçoões que tinham em suas próprias casas e adoraram o trabalho em equipe.

Foto 3 – Confeccão do cartaz "Pomar".



Os animais encontrados no jardim da vovó, também, causaram polêmicas. O lagarto, por exemplo, não era um bichinho comum para as crianças, mas quando um colega disse que era parecido com a lagartixa e com o jacaré, eles fizeram as associaçoões.

Foto 4 – Colagem das figuras.



As borboletas, conhecidas por todos, coincidentemente, fizeram uma visita a nossa sala de aula. Então, surgiu a ideia de fazermos um estudo a respeito das mesmas. Por meio de imagens, conhecemos o seu processo de desenvolvimento que causou grande admiração em todas/os, pois elas/eles não sabiam que a borboleta era uma lagarta desenvolvida. No final da aula, realizaram uma atividade de ilustração com todos os bichinhos que faziam parte da história.

Foto 5 – Os bichinhos da casa da vovó.



Desenhar é uma das várias maneiras de estimular a criatividade, a imaginação e a capacidade de deixar fluir os sentimentos das crianças. O uso das cores, a disposição dos elementos na página e a escolha da parte mais importante da história que foi registrada na folha em branco.

Foto 6 – O menino jogando pedras no lagarto.



No decorrer deste projeto, os alunos elaboraram vários desenhos baseados na história do lagarto medroso. As partes que mais chamaram a atenção das crianças foram o ambiente do jardim da vovó e os bichinhos que lá viviam.

Foto 7 – O lagarto e a borboleta.



Como não poderia deixar de ser, o ponto alto do projeto (e o que mais alegrou as crianças) se deu com a encenação de *O lagarto medroso do jardim* protagonizada por elas. Tivemos dificuldades para escolher quem faria o quê na dramatização, pois todos queriam ser os personagens centrais da história: o lagarto, a abelha ou o menino picado pela abelhinha.

Foto 8 – Durante encenação: narração do jardim da vovó.



Depois de muita conversa, escolhemos por sorteio o papel de cada um na peça. Para enfeitar o jardim, as crianças se fantasiaram de flores e árvores.

Foto 9 – Durante diálogo da borboleta e lagarto.



Nos ensaios, elas brincaram e ficaram muito contentes porque se sentiram dentro da história. Cerca de nove ensaios foram realizados antes da apresentação da peça para as turmas da educação infantil da escola. Nesse dia, a agitação das crianças revelou a emoção do desafio de se apresentar em público.

Foto 10 – Durante a ação dos meninos e da abelha.



As fantasias confeccionadas por eles, que foram utilizadas na dramatização, facilitaram a expressão e a comunicação, bem como permitiram uma maior concentração das crianças, que se sentiram como se fossem os personagens da história.

Foto 11 – A turma do Jardim II e a Profa. Andressa Maria Morais.



Nesse jogo de faz-de-conta, em que se colocam num outro lugar, assumindo as características de outras pessoas, animais ou objetos, as crianças brincam ao mesmo tempo em que desenvolvem a sua criatividade e a capacidade de representação.

À guisa de conclusão

Apresentamos um registro da caminhada percorrida pelas/os alunas/os em cada uma das etapas do projeto interdisciplinar “Os bichinhos do jardim da vovó”, desenvolvido em 2009, com a turma do Jardim II da Escola Santa Úrsula, em Vila Velha, que teve como base o livro *O lagarto medroso do jardim*, de Ester Abreu Vieira de Oliveira.

Propusemos um trabalho interdisciplinar na Educação Infantil por acreditarmos que, dessa forma, a criança (re)constrói seus conhecimentos de maneira mais eficaz e integrada. A junção de várias disciplinas para explorar um ou mais temas aproxima a realidade escolar do cotidiano das/os alunas/os. Abre-se, então, uma nova perspectiva para a construção do conhecimento.

Nesse sentido, a literatura tem papel fundamental e as obras feitas para crianças no nosso Estado também precisam ser divulgadas e estudadas nas escolas, pois trazem aspectos da nossa cultura, do nosso povo, do nosso falar. Não estamos afirmando que devemos nos contaminar por uma visão bairrista das coisas. Estamos, sim, alertando os leitores, professores, pesquisadores e estudiosos da literatura que voltem seus olhares também para a literatura que é produzida no Espírito Santo.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. p. 9.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

JOLIBERT, Josette. A pedagogia por projetos como alavanca para as aprendizagens. Prefácio. In: MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira (Org.). *Leitura e*

escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-24.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. O ensino fundamental: políticas públicas e práticas pedagógicas. In:_____. *Leitura e escrita*: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-44.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *O lagarto medroso no jardim*. Edição bilíngue. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1999.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Leitura em dia. Entrevista concedida a Joacles Costa. *Em Dia ES*, Vitória, 25 out. 2020. Disponível em: <[https://www.emdiaes.com.br/Noticias/Cultura/coluna-abreu--conheci-o-mundo-pela-literatura-ela-me-impulsionou-a-viajar-e->](https://www.emdiaes.com.br/Noticias/Cultura/coluna-abreu--conheci-o-mundo-pela-literatura-ela-me-impulsionou-a-viajar-e-). Acesso em: 12 mar. 2022.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A Literatura do Espírito Santo*: uma marginalidade periférica. Vitória: Nemar, 1996.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

RESUMO: Com o objetivo de estimular a criança a exercitar diferentes saberes ao se comunicar, representar e (re)pensar o mundo ao seu redor, bem como a desenvolver o hábito e o gosto pela leitura, realizamos, em 2009, juntamente com as/os alunas/os do Jardim II, da Escola Santa Úrsula, situada em Ponta da Fruta, no município de Vila Velha/ES, o projeto interdisciplinar "Os bichinhos da casa da vovó". Neste artigo apresentamos o projeto, a recepção da obra *O lagarto medroso do jardim* (2008), de Ester Abreu, pelas crianças e os resultados alcançados. O estudo se justifica pela importância da literatura infantil, principalmente da capixaba, e da pedagogia de projetos, considerando o aporte teórico de Nelly Novaes Coelho, Francisco Aurelio Ribeiro e Josette Jolibert, respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil brasileira. Literatura infantil do Espírito Santo. Ester Abreu Vieira de Oliveira – *O lagarto medroso do jardim*.

ABSTRACT: In order to encourage children to exercise different knowledge when communicating, representing and (re)thinking the world around them, as well as developing the habit and taste for reading, in 2009 we carried out, together with the students of Jardim II, from Escola Santa Úrsula, located in Ponta da Fruta, in the municipality of Vila Velha/ES, the interdisciplinary project "Os bichinhos da casa da vovó". In this paper, we present the project, the reception of *O lagarto medroso do Jardim* (2008), by Ester Abreu, by the children

and the results achieved. The study is based on the importance of children's literature, mainly from Espírito Santo, and the pedagogy of projects, considering the theoretical contribution of Nelly Novaes Coelho, Francisco Aurelio Ribeiro and Josette Jolibert, respectively.

KEYWORDS: Brazilian Children's Literature. Literature from Espírito Santo. Ester Abreu Vieira de Oliveira – *O lagarto medroso do jardim*.

Recebido em: 14 de março de 2022
Aprovado em: 17 de outubro de 2022

Ester Abreu: entre crítica e autoria de metapoemas

Ester Abreu: Between Metapoems Criticism and Authorship

Fernanda de Souza Hott*

O trabalho propõe mostrar como alguns metapoemas de Ester Abreu Vieira de Oliveira dialogam com citações de sua obra crítica. Nosso objeto de estudo serão os metapoemas de Ester Abreu na parte intitulada "Poemas da criação", em *Salmos de inquietação e eclosão do ser*, (2006) e trechos de estudos críticos da autora em *Ultrapassando fronteiras em metapoemas* (2004), no capítulo intitulado "A poesia em torno de sua própria textura", em que a autora exemplifica suas colocações sobre o ato da criação poética e suas implicações através de poemas de Adolfo Bécquer, Pablo Neruda, Octavio Paz, entre outros.

Ao investigarmos o diálogo sobre criação poética da Ester poeta com a crítica de literatura, entendemos que a autora disserta sobre o fazer poético em sua obra crítica com o rigor científico de uma pesquisadora, e essas considerações são

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

revisitadas, dessa vez de forma autoral e emocional, do ponto de vista da criação e da criadora em seus metapoemas.

Para Foucault (1992), o discurso científico depende de um sistema que lhe confere credibilidade, mas não o texto literário. A "função-autor" não se constrói simplesmente atribuindo um texto a um indivíduo com poder criador, mas se constitui como uma "característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade".

O princípio de autoria caracteriza-se como uma das funções enunciativas que determinado sujeito pode assumir enquanto produtor de linguagem. Em meio à dispersão de textos e sujeitos, a função-autor deve ser pensada como o princípio de organização, coerência e regularidade de uma determinada prática de escritura, assumida por um sujeito (função-sujeito) em um processo de enunciação (FOUCAULT, 1992, p. 46).

Aqui será confrontada essa visão sobre autoria como construção de um discurso, ou ainda a visão pós-estruturalista da autoria como uma colagem de ideias preexistentes, com a compreensão "nietzscheana" de que há em cada sujeito um impulso criador que contribui individualmente para a criação artística. Tentaremos entender como Ester Abreu lida com o texto científico na análise de metapoemas e como criadora de seus próprios metapoemas.

Portanto, pela ordem cronológica das obras, nossa hipótese seria a de que as pesquisas de Ester para *Ultrapassando fronteiras em metapoemas* teriam permitido elaborações que, naquele momento, cumpriram o rigor científico necessário a uma obra de crítica literária, mas que mais tarde seriam apropriadas por Ester nos metapoemas de *Salmos de inquietação e eclosão do ser*.

Observamos ainda que, neste trabalho, Ester Abreu Vieira de Oliveira será a pessoa com sua biografia e produção artística e acadêmica. Ester Abreu, ou simplesmente Ester é a autora das obras a que nos referimos aqui.

A importância e autoridade da autora que assina as obras pesquisadas aqui ficam evidenciadas pela sua vasta produção e atuação nas cenas acadêmicas e literárias em nível nacional e internacional. Assim segue uma breve biografia de Ester Abreu na tentativa de resumir tal atuação.

Ester Abreu Vieira de Oliveira nasceu em Muqui, em 1933 e sua atuação acadêmica começa em 1960, quando foi licenciada em Letras Neolatinas pela Ufes . É também Especialista em Filologia Espanhola - Madri (1968), Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Curitiba (1983), Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e pós-doutora em Filologia Espanhola: Teatro Contemporâneo- UNED - Madri (2003).

Atualmente ocupa a cadeira no. 27 e preside a Academia Espírito-santense de Letras e também ocupa a cadeira no. 31 da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, da qual foi presidente. Faz parte do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, da Associação Brasileira de Hispanistas, Asociación de Lengua y Filologia de América Latina, da Associação Brasileira de Literatura Comparada, de Trois Culture Méditerranée, da Associação Internacional de Hispanistas, é membro fundador da Associação de Professores de Espanhol - ES, e é titular da Câmara de Literatura do Conselho Estadual de Cultura e da Comissão de História na Lei Rubem Braga (POETAS).

Professora emérita da Universidade Federal do Espírito Santo, tem destacada atuação na área de Letras com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, além de estudos sobre poesia, teatro e narrativas da literatura hispânica e brasileira.

Além disso, atua como professora voluntária no Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes.

Em 2006, acompanhei o lançamento do livro *Salmos de inquietação e eclosão do ser*, com poemas que remetem à criação poética, sendo que apenas dois anos antes, Ester havia lançado *Ultrapassando fronteiras em metapoemas*, obra crítica em que são analisados metapoemas de autores espanhóis, brasileiros e hispânicos de várias épocas. Tendo a oportunidade de ler as duas obras quase simultaneamente, percebi que muitas ideias e conclusões sobre o fazer poético na obra crítica transpareciam em sua própria obra poética.

Assim, propomos a investigação de como as duas obras estão interligadas a partir do princípio de que a fronteira entre a crítica e a criação pelo mesmo sujeito pode ser ultrapassada pelo sujeito que atua como crítico e produtor de literatura.

Uma relação entre crítica e criação: a questão da autoria

Em *O nascimento da tragédia* (apud DIAS, 2015), Nietzsche apresenta a produção artística como fruto de um estado de sonho ou embriaguez. Assim, o artista, sem estar em um desses estados, não pode criar. Ou seja, é necessário que o artista tenha acesso a seu inconsciente para que sua potência emocional possa encontrar sua expressão na criação. Apenas mais tarde a filosofia trata da produção artística como um fenômeno sócio-interacional, e não apenas estético ou psicológico.

Em 22 de fevereiro de 1969, Michel Foucault proferiu a famosa conferência, intitulada "O que é um autor?", em um encontro da Sociedade Francesa de Filosofia. Esse texto, que foi novamente apresentado no ano seguinte nos Estados Unidos, recebendo uma versão em inglês ligeiramente modificada, teve um importante impacto nas discussões acerca do estatuto da autoria, especialmente

no seio dos estudos literários. Além dessa apresentação, outros dois importantes trabalhos de Foucault desenvolvidos na mesma época, na virada da década de 1960 para os anos 1970, também abordaram diretamente a questão da autoria. São eles: *A arqueologia do saber*, publicado em março de 1969, e *A ordem do discurso*, sua aula inaugural no Collège de France em 2 de dezembro de 1970 (ALVES, 2015).

Em um segundo momento Foucault argumenta na defesa da “Morte do Autor”, concluindo que o sujeito que o sujeito conhecedor e criador é mais um produto de práticas discursivas do que de uma presumida unidade transcendental da razão”.

Ainda sobre discurso e autoria, Foucault (1992), em *A escrita de si*, trata da individualização da memória, afirmando que o discurso sobre as próprias experiências não está pronto para o escritor, este não possui um texto no interior de si que porta, já pronto, a sua vida inteira.

Mais recentemente, Terry Eagleton, em consonância com sua identificação com o Marxismo, afirma que

As obras literárias não são misteriosamente inspiradas, nem explicáveis simplesmente em termos da psicologia dos autores. Elas são formas de percepção, formas específicas de se ver o mundo; e como tais, elas devem ter uma relação com a maneira dominante de ver o mundo, a “mentalidade social” ou ideológica de uma época. Essa ideologia, por sua vez, é produto das relações sociais concretas das quais os homens participam em um tempo e espaço específicos; é o modo como essas relações de classe são experimentadas, legitimadas e perpetuadas (EAGLETON, 2005, p.19-20).

Ester Abreu entende que o sujeito é também fruto de seu tempo, mas não ignora o fato de que ele tem sua individualidade capaz de uma produção estética que não se aliena do contexto do criador enquanto ser-social, mas que é formada pela experiência do autor como protagonista do diálogo entre suas vivências objetivas e sua subjetividade.

Às vezes o poeta, para descrever o mundo que o rodeia, elabora uma imagem que ninguém pode explicar o porquê da eleição. A palavra escolhida veio-lhe à tona de uma maneira instintiva, como um reflexo de seu prazer ou desprazer guardado no inconsciente. O poema parte de uma prévia experiência do autor (OLIVEIRA, 2004, p. 102).

Assim, enquanto Foucault e Eagleton, entre outros, entendem a autoria como uma construção discursiva, histórica, estética e social, Ester entende que a experiência do autor é individual, mas não necessariamente alienada de sua realidade, como em Nietzsche. A autoria pode ser influenciada por fatores externos e vivências, não como um discurso construído em práticas e procedimentos, mas como uma construção entre a experiência e as subjetividades no inconsciente do indivíduo.

Ester Abreu na fronteira entre a crítica e o fazer poético

Antes de abordar os poemas e as passagens críticas que são objeto de estudo neste trabalho, trataremos brevemente da definição de metapoemas e da questão da autoria nessas criações.

De acordo com Massagli (2019), a metapoesia é uma criação artística que sempre inclui uma avaliação da própria poesia. Massagli cita Sanchez-Torres (1993), afirmando que o conceito de metapoesia inclui não apenas a ruptura entre texto e comentário textual, mas também um exame das possibilidades do poema como poética pessoal ou crítica literária.

Aqui, portanto, a Ester Abreu pesquisadora e crítica literária encontra a Ester autora de metapoemas. Nesse momento a objetividade da crítica encontra a subjetividade da autora enquanto criadora. No capítulo "A poesia em torno de sua própria textura" de *Salmos de inquietação e eclosão do ser* (2004), Ester expõe sua visão sobre metapoesia como dependente da poesia, ou seja, incluindo

também a questão da autoria, visto que a metapoesia depende da poesia para se justificar. Segundo Ester:

Na metapoesia o discurso poético tem como assunto ou um deles a relação entre autor, texto e leitor (público) [...]. O poema fala de si mesmo e de sua própria textura. [...] O metapoema é uma reflexão sobre o problema da escritura. É nele que a essência da arte opera com a verdade do ser [...] E onde existe a pergunta sobre a origem da obra de arte, quando o poema se interroga, aí está a sua essência. Ele procede à poesia, logo é só havendo poesia que há metapoesia (OLIVEIRA, 2004, p. 107).

Em *Ultrapassando fronteiras em metapoemas* a poesia de Ester relaciona-se com esse conceito durante a análise do poema "Oda a Frederico Garcia Lorca", de Pablo Neruda, escrito em 1935. Por exemplo, na estrofe

Para que servem os versos se não é para essa noite
em que um punhal amargo nos procura, para esse dia,
para esse crepúsculo, para esse lugar destruído
onde o golpeado coração do homem se dispõe a morrer
(Tradução de Eugênio de Andrade) (NERUDA, 1935, apud OLIVEIRA, 2004).

O eu lírico do poema de Neruda busca responder a pergunta sobre a necessidade do poema e ao mesmo tempo o "usa" para expressar toda a sua dor pela morte do amigo.

Aqui, no entanto, nosso material são poemas da própria Ester. Portanto, selecionamos um trecho do poema "Fazer poemas". Aqui a pergunta não será sobre para que servem, mas como fazer poemas. Portanto, temos aqui exemplos do diálogo entre autor, leitor e poema.

- Como fazer poemas?
- Juntar de tudo um pouco
De tudo e nada.
Espremer da memória
Do coração e da teimosia
Palavras abstratas.
[...] (OLIVEIRA, 2006, p. 108)

A referência à memória, como veremos a seguir, é recorrente nos metapoemas da autora. No artigo “A poesia em torno de sua própria textura”, Ester fala da importância da vivência e da memória na construção de poemas: “Todo poeta fala de coisas que vê e que se fazem suas, fala de seus sentimentos, emoções e experiências, do mundo interior e exterior e da visão pessoal que dele faz” (OLIVEIRA, 2004, p. 101).

Menemosina, na mitologia grega, é a deusa que personifica a memória. De acordo com Gadamer (2006), “Mnemosine, a musa da memória, a musa da apropriação recordativa, que aí impera, é ao mesmo tempo a musa da liberdade mental” (GADAMER, 2006, p. 20). Assim, o passado é trazido à memória tornando-se presente. O tempo pretérito torna-se passado-presente-futuro, num processo interminável, um caminho aberto para o ser além de si mesmo. É o conhecimento que liberta o homem e a escritura do tempo.

No poema “Menemosina”, Ester Abreu celebra a tudo o que a musa representa, como verificamos no trecho abaixo:

Seduzida por metamorfose
Pensa envolta em mantos
Menemosina.
Dualidade do homem
Presente eterno:
Memória
Presente que se volta para o futuro e o passado
Passado que aprisionou carícias
Submergiu sentidos.
Presente que emerge a dor
Aluvião de sofrimentos
Erupção de larvas incandescentes.

Futuro que eterniza o passado.
[...]
(OLIVEIRA, 2006, p. 112).

No poema “Anamnesis”, Ester Abreu trata da experiência de criação como a completude de sentido entre ação e emoção. De acordo com Japiassú e Marcondes (1996, p. 10), na filosofia de Platão, anamnese é o esforço

progressivo pelo qual a consciência individual manda informações para o mundo das ideias.

Na última estrofe, o eu lírico cita Proust, sobre a ambição do narrador proustiano de recuperar a totalidade de sua experiência vivida por meio da arte. Novamente, a memória individual não proporciona uma descrição da vida de fato, mas a vida lembrada por quem viveu (SOUZA-AGUIAR, 1984, p. 17). Sobre essa questão, Lyotard (1998) afirma que a arte não poderá ser reduzida a uma função instrumental, já que ela não é um instrumento constituído e passível de ser manuseado, tendo em vista um objetivo concreto. Assim, o trabalho da arte implica um permanente trabalho de imaginação criadora por parte do sujeito – artista ou espectador – que o subtrai à figura de emissor ou receptor de uma mensagem crítica a ser decodificada. O poema, como podemos perceber abaixo, coloca a anamnese a serviço da criação.

ANÁMNESIS

A memória guarda tesouros

Dela vem o apelo estético
- enfrentamento do passado com imagens -
A paz da exatidão da coisa acontecida
e, na compulsão da exatidão,
a ação destruidora do tempo na melancolia.

Contudo, ainda que queiramos,
Não somos donos de nós mesmos,
Como disse Cícero,
Na antiga Roma

Mas com Proust
aprendemos:
a memória apela
para um texto literário
na busca
da exatidão
e do prazer (OLIVEIRA, 2006, p. 111).

A memória, na última estrofe, usa a criação como instrumento de recuperação do prazer e da perpetuação da experiência vivida. A busca pela exatidão se dá pela subjetividade e, portanto, não será exata. De acordo com Ricoeur (2007), a

memória enquanto lembrança diz respeito ao passado, algo que aconteceu, mesmo que esteja ausente. Por sua vez, a imaginação também se configura na ausência, mesmo sendo ficcional.

Na imaginação, que ocupa esse mesmo lugar de ausência, também reside a liberdade da autoria, que não está presa ao rigor da exatidão.

No artigo "A poesia em torno de sua própria textura", Ester escolhe, como objeto de reflexão sobre a escritura de metapoesia, poemas hispânicos contemporâneos. De acordo com a autora:

Na metapoesia vemos um texto que se solta do limite de entre o texto com uma elaboração artística e o texto como exame crítico da elaboração artística. O poema, fracassando em uma comunicação da linguagem poética para expressar uma emoção do criador, é levado à metapoesia. O poeta contemporâneo se cala, porque não sabe como expressar a essência poética que busca e se volta para o poema, criando um poema de índole conceptual. [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 107)

Como mostramos nas citações de filósofos do século XX, e XXI, há um grande esforço da filosofia moderna e contemporânea, assim como na própria arte, de dissociar a criação da consciência individual do artista.

Outro aspecto que permeia a questão da criação é a ausência de inspiração, o que confirma a teoria de que a criação artística não é feita apenas de método, discurso e historicidade. Muitos autores de poesia já abordaram esse tema. Cito aqui Sylvia Plath no poema "Stillborn" (Natimorto) que fala dos poemas que já nasceram mortos, apesar de terem tudo que um poema necessita, e ainda assim não enchem os pulmões e o coração não começa a bater ("they are proper in shape, in number, and every part [...] and still the lungs won't fill and the heart won't start").

No poema "Inconstrução", o eu lírico aceita o convite da lauda branca e está em um ambiente silencioso em que tudo está preparado para a escrita, mas o fazer

e desfazer torna-se um “baile macabro” e as trevas são “braços castradores”. As trevas aqui são essa ausência de inspiração naquele momento em que ter todos os instrumentos e habilidades não se configura na criação artística.

INCONSTRUÇÃO

A lauda branca
Silenciosamente convida
Ao brinde azul
Das incógnitas de luz.

Dedos, grafites, látex, eucaliptos
Se encontram num macabro
Baile de fazer e desfazer.

Angustiante e inválido momento!

Mas que adiantam tantos movimentos
De mãos, olhos, dedos, se as trevas
Se multiplicam em mil braços castradores?
(OLIVEIRA, 2006, p. 105).

Portanto, neste passeio por alguns dos metapoemas de Ester Abreu Vieira de Oliveira dialogando com algumas passagens de sua obra crítica, encontramos nas obras visitadas a recorrência da expressão da subjetividade como fonte da criatividade, que, por fim, revela a verdade da alma em diálogo com a verdade dos fatos vividos pelo autor.

Na orelha de *Salmos de inquietação e eclosão do ser*, a autora afirma que “Sem dúvida a poesia é capaz de revelar a verdade mais íntima do Ser e do mundo que o contorna e, em um poema, moldar a idéia no murmúrio da música”. Assim, Ester cumpre a missão de ultrapassar as fronteiras entre o fazer crítico e literário através de metapoemas.

A proposta do trabalho consistiu na pesquisa sobre o entendimento de Ester Abreu sobre crítica e autoria de metapoemas. Para tanto revisamos os conceitos de autoria, crítica literária, memória e metapoesia no intuito de comparar diferentes visões filosóficas sobre essas questões.

Nosso objeto de estudo foram metapoemas de Ester Abreu na parte intitulada "Poemas da criação", em *Salmos de inquietação e eclosão do ser* (2006) e trechos de estudos críticos da autora em *Ultrapassando fronteiras em metapoemas* (2004), no capítulo intitulado "A poesia em torno de sua própria textura".

Ao investigarmos o diálogo sobre criação poética da Ester poeta com a crítica de literatura, entendemos que Ester, disserta sobre o fazer poético em sua obra crítica com o rigor científico de uma pesquisadora, e essas considerações são revisitadas, dessa vez de forma autoral e emocional, do ponto de vista da criação e da criadora em seus metapoemas.

O impulso para este trabalho surgiu pela data aproximada entre as duas publicações que tratavam de metapoemas. Na primeira obra, *Ultrapassando fronteiras em metapoemas* (2004), Ester Abreu faz considerações críticas sobre metapoemas de autores latinos e logo depois publica seu livro de metapoemas autorais, *Salmos de inquietação e eclosão do ser*.

Assim, pela ordem cronológica das obras, nossa hipótese seria a de que as pesquisas de Ester para *Ultrapassando fronteiras em metapoemas* teriam permitido elaborações que, naquele momento, cumpriram o rigor científico necessário a uma obra de crítica literária, mas que mais tarde seriam apropriadas por Ester nos metapoemas de *Salmos de inquietação e eclosão do ser*.

Durante a investigação, cruzando trechos de crítica, no livro de 2004 e alguns dos metapoemas, no livro de 2006, constatamos que a maneira como Ester trabalha com o conceito de autoria, que, diferente da crítica pós-estruturalista e marxista dos séculos XX e XXI, entende o autor também como indivíduo capaz de elaborações subjetivas e individualizadas, e não apenas como produto de experiências concretas.

Sobre a questão da memória, Ester entende que a busca do indivíduo sobre a exatidão da memória é possível através da literatura, visto que nas suas passagens críticas e literárias a verdade do sujeito é mais bem expressada pela literatura, pois na criação somos livres para expressar uma verdade de alma que a objetividade de outras narrativas não permitem.

Outra questão abordada foi o processo de criação, que não necessariamente terá uma regularidade protocolar. Diante da folha em branco, como ilustramos no poema “Inconstrução”, mesmo que todos os recursos materiais e contextuais estejam disponíveis, nem sempre a criação se dará, por falta da inspiração do artista.

Dentre as dezenas de publicações de Ester Abreu Vieira de Oliveira em sua longa e produtiva carreira acadêmica e literária, estão obras nos mais diversos gêneros literários como livros infantis, crítica de poesia, narrativa e teatro, traduções e crítica de tradução, publicações na área da educação, entre outros. Nesta breve pesquisa, buscamos ressaltar, através de apenas duas obras, sua capacidade de analisar e criar metapoemas como objetos de criação, reconhecendo as limitações que os diferem dos poemas, mas ainda assim, criações que entendem os metapoemas ainda como obras autorais.

Referências:

ALVES, Marco Antônio Sousa. A autoria em questão a partir de Foucault. In: *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 37, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19932>>. Acesso em: 12 mar. 2022

APIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BARRETT, Estelle. Materializing pedagogies. In: _____. *Working Papers in Art and Design 4*. Disponível em: <http://sitem.herts.ac.uk/artdes_research/papers/wpades/vol4/ebfull.html>. Acesso em: 15 mar. 2022.

DIAS, Rosa Maria. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche* [online]. v. 36, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Unesp, 2005.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. Metapoesia e autorreferencialidade na antilírica de Paulo Leminski. *Texto Poético*, Goiânia, v. 15, n. 27, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.25094/rtp.2019n27a584>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Ultrapassando fronteiras em metapoemas*. Vitória: Ufes, 2004.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Salmos de inquietação e eclosão do ser*. Vitória: CESV, 2006.

PLATH, Sylvia. Stillborn. In: _____. *Allpoetry.com*. Disponível em: <<https://allpoetry.com/>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

POETAS capixabas. Disponível em: <<https://www.poetascapixabas.com.br>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

SNYDER, I. *Hypertext. The Electronic Labirinth*. Washington: New York University, 1996.

SOUSA-AGUIAR, Maria Arminda de. *Introdução a Proust*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

RESUMO: O trabalho propõe que algumas citações de crítica literária de Ester Abreu Vieira de Oliveira no livro *Ultrapassando fronteiras em metapoemas*, publicado em 2004, dialogam com poemas da mesma autora na parte "Poemas da Criação" do livro *Salmos de inquietação e eclosão do ser*, de 2006. Analisamos esses poemas de forma intertextual com os estudos críticos da própria autora sobre metapoemas de diferentes autores espanhóis, brasileiros, e hispânicos de várias épocas. O trabalho revisa conceitos de autoria, expressão da

memória e emoções em metapoemas, conceitua autoria, propondo que Ester Abreu exercita sua voz crítica em sua obra poética.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia brasileira do Espírito Santo. Metapoesia brasileira – Ester Abreu Vieira de Oliveira. Ester Abreu Vieira de Oliveira – Metapoemas.

ABSTRACT: The research paper proposes that some literary critic quotes by Ester Abreu Vieira de Oliveira in the book *Ultrapassando Fronteiras em Metapoemas*, published in 2004, are related to poems by the same author in the part entitled “Poemas da Criação” from the 2006 book *Salmos de Inquietação e Ecloração do Ser*. Therefore, we analyze Ester Abreu’s poems and the author’s critical studies of metapoems by Spanish, Hispanic and Brazilian authors from different generations. We discuss the notion of authorship and expression of memories and emotions in metapoems. Thus, it proposes that Ester Abreu exercises her critic voice in her metapoetry.

KEYWORDS: Brazilian Poetry from Espírito Santo. Brazilian Metapoetry – Ester Abreu Vieira de Oliveira. Ester Abreu Vieira de Oliveira – Metapoems.

Recebido em: 15 de março de 2022

Aprovado em: 17 de outubro de 2022

Fotografia e poesia

Photography and Poetry

Josina (Jô) Nunes Drumond*

A intelectual capixaba, professora Doutora Ester Abreu Vieira de Oliveira, eclética e dedicada aos estudos, tem obras diversificadas que perpassam gêneros e subgêneros literários. Publicou cerca de cinquenta livros (ensaios, poemas, crônicas, contos, livros infantis), artigos em jornais e revistas especializadas, assim como uma infinidade de textos acadêmicos em anais de congressos nacionais e internacionais.

Seu livro aqui focalizado intitula-se *Poesias fotográficas: flashes de uma vida*. O conteúdo encontra-se implícito no próprio título. Ester brinda o leitor com *flashes* de sua vida, por meio de poesias e de fotografias autorais. Cada imagem é acompanhada de uma referencialidade verbal em linguagem poética. A grande maioria dos versos tece louvores à natureza pelo que ela nos proporciona. O livro é dedicado aos familiares e amigos, diz a autora, “para em um rápido momento, folhearem, lerem, concordarem, criticarem e lembrarem-se de mim”. Trata-se do

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

desejo de compartilhar momentos felizes e de rara beleza vividos em suas andanças mundo afora.

As páginas não são numeradas, donde se conclui que não há intenção de registro temático nem cronológico. Logo no início vê-se uma paisagem de sua terra natal onde verdolengas montanhas contrastam com o azul celeste de Muqui: “Entre o azul e o verde / Minha infância / Perorri.”

Logo após as imagens iniciais, há uma sequência de paisagens marítimas que mostram o movimento de vento sobre o espelho d’água, em eterno conflito. Veem-se, na maioria das vezes, águas ondulantes, mas também o mar pacífico na “frígida paisagem sulina onde azuis se entreolham na esperança do eterno renascer da vida”. Após o percurso marítimo, a autora mostra poeticamente *flashes* de viagens nacionais e internacionais: de Foz do Iguaçu, do jardim de Monet, do Lago Titicaca, da Jordânia... Seguem-se fotos da frutificação outonal, com exuberante mostra de árvores frutíferas: videiras, cafezais, cacauais, bananais. Há também closes de apetitosas frutas, segundo ela, para estimular o olfato (romãs e jacas). Para incitar a visão, diversos tipos de flores multicoloridas, do branco ao escarlata. Aqui, o leitor tem acesso a flores e cascatas do Solar da Ester, onde a autora fixou residência, no bairro Jucutuquara, em Vitória (ES). A aquariana, nascida aos 31 de janeiro, um cardume de peixes coloridos em um laguinho de seu jardim, sob pequena cascata, cercado por grande pedreira, com a seguinte referência poética: “Aquariana / Aprisiono liberdades / coloridas.”

Ester reserva algumas páginas aos seres vivos e mortos: denuncia a mortandade de peixes em águas contaminadas, mostra a hora sagrada necessária aos seres vivos (manada de camelos em volta dos cochos), o relaxante repouso dos pássaros em fiações paralelas “que cortam o azul”, e também a divisão fraterna dos patos na utilização do espaço aquático. Quanto ao registro de suas andanças mundo afora, há uma foto da escritora tendo ao fundo a pirâmide de Gizé, próxima ao Cairo, no Egito, e, em outra, uma paisagem peruana.

A poeta termina o livro com anseios de Liberdade, ao mostrar animais aprisionados: "Ó Liberdade! abre as asas sobre nós." Na última página vê-se uma foto de pássaros presos por tela de aço, com os dos seguintes dizeres: "Aço inibe o Voo: amplidão sonhada!!!" Tal foto, da última página, opõe-se diametralmente à primeira foto do livro, na qual a autora se posta no alto de uma montanha de braços abertos, cabelos ao vento e sorriso aberto, festejando a Liberdade e louvando a beleza da Natureza. Ao fundo, vê-se uma magnífica cadeia de montanhas, onde o verde e o azul se mesclam harmonicamente.

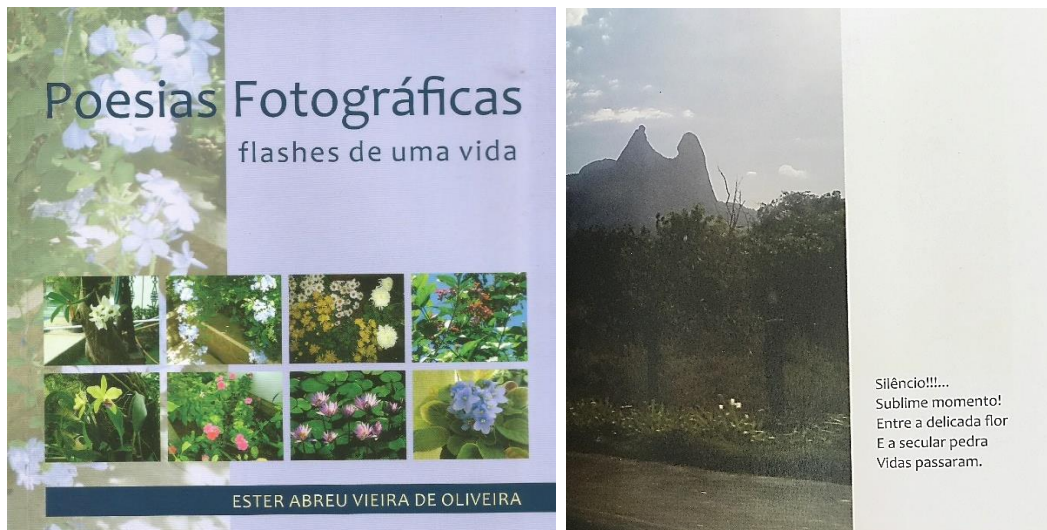
Ao se passarem os olhos sobre os *flashes* textuais e imagéticos, tem-se a impressão de que a autora, ao folhear álbuns de fotografias, extraídos de seu baú de reminiscências, se ateuve às que lhe atraíram a atenção graças à sua sensibilidade estética, sinestésica e poética.

Entre tantas imagens, uma delas foi escolhida para uma breve leitura semiótica em três etapas: a primeira, sem nenhuma informação complementar a respeito da imagem escolhida; a segunda, após a leitura dos textos marginais explicativos e referenciais concernentes à imagem; a terceira busca possibilidades simbólicas nela contidas. Tais leituras terão como suporte algumas tricotomias do semioticista e filósofo Charles Sanders Peirce (1839-1914).

A leitura de textos não-verbais faz parte de nosso cotidiano. No entanto isso não significa que seja uma leitura simples. Como o texto não-verbal é plurissígnico, sua leitura, às vezes, torna-se um complexo ato de recepção, no qual se mesclam processos de contiguidade e de similaridade. O resultado da leitura (ou das leituras) pode ser vário. Depende das informações e experiências contidas na memória do leitor. Cada um pode fazer diferentes leituras de um mesmo texto em diferentes momentos de sua vida. Não existe um método de leitura pré-estabelecido para esse tipo de texto. Há estratégias de leitura não-verbal, mas a manifestação desse processo se faz por meio do verbal, da metalinguagem. O receptor tenta apreender o heterogêneo por meio de um olhar multissensível,

projetando sobre ele suas vivências individuais e coletivas, de modo a participar de seu significado.

O objeto de estudo escolhido é uma foto na qual se veem, ao fundo, duas silhuetas esculturais rochosas (O Frade e a Freira).



Capa do livro, fotografia e poema de Ester de Oliveira (2014, [p. 45]).

Quase não se vê a sombria natureza do entorno, devido à tênue claridade do final do dia. Em primeiro plano, o acostamento de uma rodovia às margens da qual se veem delicadas flores brancas.

Faremos uma leitura demonstrativa, em três níveis, baseando-nos na semiótica peirceana, a partir dos teóricos Winfried Nöth e Lúcia Santaella.

Começaremos pela análise dos quali-signos das mensagens, ou seja, de seus aspectos qualitativos, tais como linhas, cores, volumes, movimentos. Em seguida analisaremos os sin-signos da mensagem, isto é, seu aspecto singular e, finalmente, seu caráter simbólico, nos legi-signos.

Portanto a primeira mirada do objeto imediato é mais simples; a segunda, intermediária; a terceira, mais complexa. Assim, três pontos de vista fundamentais serão abordados:

- 1- Ponto de vista qualitativo-icônico: o ícone sugere, por meio de associações por semelhança.
- 2- Ponto de vista singular-indicativo: o índice indica, por meio de uma conexão de fato, existencial.
- 3- Ponto de vista convencional-simbólico: o símbolo representa, por meio de uma convenção.

Primeira leitura (iconográfica)

Como foi dito é uma leitura pessoal do objeto, feita antes de se ter acesso a textos referenciais, considerando-se apenas a experiência colateral laica.

O primeiro olhar dirigido aos fenômenos deve ser contemplativo, sem nenhuma intenção de interpretação ou julgamento. É preciso deixar o signo se mostrar tal como ele é, com seus aspectos qualitativos (quali-signo).

Na fotografia escolhida, o fundo da paisagem (4º plano) corresponde ao céu, com nuvens esparsas à esquerda que se realçam no fundo azul celeste. À medida que o olhar segue à direita, tais nuvens vão desaparecendo, e o azul vai-se diluindo, perdendo a coloração até aproximar-se do branco. No 3º plano, a claridade do céu contrasta com as silhuetas rochosas em tons de grafite. No 2º plano, o verde musgo obscuro da paisagem não permite completa visualização. Percebe-se o rendado das grimpas das árvores no paredão da rocha. Na vegetação há pouquíssima nuance de cor. No 1º plano há um acostamento asfaltado de uma estrada ou rodovia, com plantas verdolengas de maior nitidez, à margem. Há inicialmente três flores brancas e alguns pontos brancos ao longo do acostamento, que insinuam a existência de mais flores silvestres, da mesma qualidade.

O ícone é um quali-signo que se reporta a seu objeto por similaridade. Ele não representa nada, apenas se presentifica. O objeto imediato de um ícone é seu próprio fundamento, quer dizer, a qualidade que ele exhibe. No momento em que, através de uma comparação, essa qualidade sugere uma outra coisa, a qualidade sugerida vem a ser o objeto dinâmico do ícone. Por exemplo: manchas de tinta vermelha no papel são simplesmente manchas, mas podem despertar cadeias associativas de semelhança com uma infinidade de outras coisas: fogo, violência, guerra...

Segunda leitura (indicial)

Após leituras complementares e/ou referenciais, passa-se a dispor de pré-requisitos para melhor se identificarem os elementos sígnicos. O que antes era "coisa existente não conhecida" passa para a esfera do conhecimento, transformando-se em "objeto conhecido".

O colossal conjunto escultural, O Frade e a Freira, pode ser visto a partir da rodovia BR-101, próximo à divisa do Estado do Espírito Santo com o Rio de Janeiro. São formações rochosas de granito localizadas em Itapemirim, cujos municípios limítrofes são: Cachoeiro de Itapemirim, Rio Novo do Sul e Vargem Alta. Está localizado no sul do Estado do Espírito Santo, Brasil.

Cabe ao intérprete descobrir o objeto dinâmico, através de sua experiência colateral que, no caso, é o conhecimento dessa atração turística capixaba denominada O Frade e a Freira, assim como o conhecimento de certa lenda a respeito da origem dessa formação granítica. As duas rochas, que remetem às ditas figuras, têm 683 metros de altitude, estão situadas na divisa do município de Itapemirim com Vargem Alta e podem ser vistas pelos viajantes que percorrem a BR-101.

Diz a lenda que um frade e uma freira se conheceram trabalhando juntos na catequização dos índios. Eles se apaixonaram, mas, como suas vidas deveriam ser dedicadas a Deus, não podiam se render a esse amor. Apesar de tentarem sufocar o sentimento, proibido pela Igreja e pela crença de cada um deles, a paixão foi se tornando mais forte, a cada dia. O sacrifício de ambos foi recompensado por Deus. Para permanecerem unidos, foram transformados em rochas, de modo a poderem se admirar um ao outro, eternamente. Atualmente o Parque Municipal O Frade e a Freira tornou-se Monumento Natural.

O objeto imediato é um certo modo de ver algo. É por meio dele que o signo se vincula ao objeto dinâmico. O objeto dinâmico em questão é tudo aquilo que se aplica ao contexto lendário e religioso vinculado à paisagem. O objeto dinâmico não expressa; apenas indica algo que será descoberto pelo intérprete segundo sua experiência colateral. Por exemplo, na cultura ocidental, uma figura humana com asas e aura nos indica que se trata de um anjo. Alguém que desconhece essa simbologia, não a reconhecera como tal. Na foto em questão, por que uma freira? Poderia ser simplesmente uma mulher de cabelos longos. No Oriente, provavelmente, veriam uma muçulmana usando um chador ou um *hijab* para cobrir os cabelos. Por que um frade? Poderia ser um simples homem com uma capa nos ombros. A carga religiosa local (experiência colateral) certamente induz a essa visualização.

Quanto à desproporção das personagens, seria bem mais lógico imaginar uma mulher, tendo em mãos uma escultura, postada um pouco acima de seu olhar, de modo que ela precisa erguer a cabeça para fitá-la. Como justificar tamanha desproporção entre ambos? Reza a lenda que Deus criou os dois proporcionalmente à intensidade amorosa. Portanto a freira seria bem mais apaixonada que o frade. Quem teria inventado essa lenda? Um homem ou uma mulher? Por que estaria a mulher em posição inferior, como se estivesse em estado contemplativo, de veneração ou de submissão diante de um homem? Haveria, na lenda, uma conotação pré-conceitual?

No caso dessa imagem, a formação rochosa, ou seja, o interpretante imediato, deu margem iconográfica à geração de interpretantes dinâmicos, entre os quais, a lenda amplamente conhecida em terras capixabas.

No exemplo acima citado, o objeto imediato é pura e simplesmente uma fotografia. Acontece, porém, que, como tem natureza sígnica, ele inspira sugestões ou alusões, mediando o objeto dinâmico.

Ao lado de imagens geralmente há um texto referencial (verbal), que pode ou não facilitar e/ou conduzir a leitura do texto imagético. No livro de Ester, a mensagem deixa o tom referencial e assume o tom poético-reflexivo: "Silêncio!!!... / Sublime momento! / Entre a delicada flor / e a secular pedra / Vidas passaram." À primeira vista, a autora alerta o leitor para a beleza da paisagem e para a contraposição: efemeridade da flor (por conseguinte da vida) e perenidade da rocha.

Se no caso do ícone não há distinção entre o fundamento e o objeto imediato, já no caso do índice essa distinção é importante. Por exemplo: para que se faça uma foto das esculturas rochosas O Frade e a Freira, é preciso que tais esculturas existam. Há uma conexão entre elas e a foto, mas a foto em si não é uma escultura rochosa. Apenas a indica, dentro dos limites próprios da fotografia. A fotografia é o objeto imediato; a formação rochosa é o objeto dinâmico. Ela pode ser fotografada em diversos ângulos (objetos imediatos distintos). Todos os índices envolvem ícones. Assim, a imagem que aparece na foto pode ter alguma semelhança com a aparência do monumento turístico capixaba.

Terceira leitura (simbólica)

O simbolismo do rochedo comporta diversos aspectos, sobretudo o da imobilidade. A ausência de movimento tem uma ligação com o Divino. É por isso

que, no medievo, tanto as iluminuras, os trabalhos pictóricos, quanto os esculturais eram sempre estáticos. No Renascimento, os artistas plásticos introduziram o movimento em suas obras. Movimento refere-se à vida; vida refere-se à efemeridade; efemeridade refere-se à morte. O estaticismo é perene e, portanto, divino. A formação rochosa tem uma forte carga simbólica de aspecto religioso. Sabe-se que, no Antigo Testamento, o rochedo é o símbolo da força de Jeová. Tal rochedo pode prefigurar Cristo, metáfora de "rochedo espiritual". Na mitologia japonesa é símbolo de firmeza.

Foi dito inicialmente que as nuvens vão desaparecendo, à direita. O azul vai perdendo a tonalidade e se aproximando do branco. Segundo a mitologia cristã, no Juízo Final, os eleitos ficam à direita e os iníquos à esquerda de Deus. O branco situa-se nas duas extremidades da gama cromática. Significa ora ausência de cor, ora a soma das cores. Situa-se na junção do visível e do invisível. Muitos povos relacionam o branco aos dois pontos extremos onde o Sol nasce e morre, ou seja, é uma cor de passagem e do eterno retorno. Daí o fato de ser a cor privilegiada dos ritos de passagem usada em casamentos, em algumas culturas ocidentais, e na morte, em culturas orientais. Destarte, a morte não é o fim de nada. Ela precede a vida. Seguindo esse tipo de pensamento, todo nascimento é um renascimento. Sob esse prisma, o frade e a freira não morreram; renasceram em outra dimensão, onde permanecerão eternamente juntos.

O azul é a mais profunda, a mais imaterial, a mais fria das cores. É a cor do infinito, onde o real se transforma em imaginário. A cor azul sugere a ideia de eternidade tranquila e altaneira, inumana. Na iconografia cristã o azul foi escolhido para o manto que cobre e vela a divindade. O azul e o branco, cores marianas, exprimem o desapego aos valores deste mundo e o arremesso da alma liberada em direção a Deus. Ambas as cores são frequentemente associadas a significações mortuárias. Na fotografia em questão, o azul e o branco se mesclam. Os amantes desapegaram-se das coisas terrenas, foram acolhidos e

agraciados pelo Pai Todo Poderoso, pelo fato de terem sido fiéis a seus princípios religiosos.

O Frade e a Freira se apresentam em cinza escuro, com tonalidade grafite. O cinza, composto de preto e branco dá a impressão de tristeza e de melancolia. Pode-se inferir, desse cromatismo mediano, o sentimento amoroso impossibilitado de se realizar em toda sua plenitude.

Na imagem em questão, a escultura rochosa se encontra exatamente entre o verde/terra e o azul/celeste. Segundo a simbologia, o verde é o mediador entre o alto e o baixo, entre o céu e a terra. É a cor do reino vegetal, da esperança, da força, da longevidade e da imortalidade. O verde pode também ter um caráter ambíguo: o verde do broto e o verde do mofo (vida e morte).

Na referência verbal que acompanha a imagem, a autora frisa a polaridade: por um lado a delicadeza e efemeridade das flores, por outro, a firmeza e a durabilidade da pedra. Ambos os elementos terrenos ligados ao sublime, ao imaterial.

Como vimos, o fundo da paisagem, em azul, corresponde à cor do divino, da imensidão do céu onde se encontram os dois apaixonados. No entanto, na fotografia, é um azul esmaecido, cambiante, que tende à branquidão. O branco, como vimos, associa-se ao absoluto, ao começo e ao fim, assim como à união de ambos. Tais cores são bem apropriadas para a dinâmica interpretativa do objeto em questão.

Vejamos rapidamente o que vem a ser o "interpretante". Para uma análise semiótica, um texto, seja imagético seja verbal, não se deve confundir intérprete com interpretante. O intérprete é a pessoa que faz a análise, ou seja, a mente interpretativa. Interpretante é o efeito interpretativo provocado pelo signo. O signo funciona sempre como mediador entre o objeto e o interpretante. O

interpretante, no caso da análise da fotografia em questão, corresponde aos efeitos interpretativos produzidos no intérprete. Um mesmo penhasco (objeto) fotografado por diferentes fotógrafos (foto = signo) e, por conseguinte, com diferentes focalizações, produz evidentemente, diferentes interpretantes ou efeitos interpretativos. Destarte, o interpretante é responsável pela dinâmica da significação, pois pode gerar outro interpretante, que gera outro, *ad infinitum*.

A ação do símbolo é mais complexa que a do índice e que a do ícone. Seu fundamento é um legi-signo. Um texto verbal (sistema linguístico) tem uma complexa simbologia. Uma bandeira, por exemplo, é um símbolo simples. O objeto dinâmico da bandeira brasileira é o Brasil. O objeto imediato é o ícone com suas cores e formas que representam o Brasil, por convenção.

As tricotomias peirceanas não funcionam como categorias estanques. Elas são coordenadas e onipresentes em todos os fenômenos. Por questões didáticas, focalizaremos, abaixo, algumas noções mencionadas rapidamente no início deste trabalho: os pontos de vista qualitativos do signo (quali-signo, o sin-signo e o legi-signo), o objeto (imediato e dinâmico) e os níveis do interpretante (imediato, dinâmico e final)

Quali-signo, o sin-signo e o legi-signo

Onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade. Todo signo tem, portanto, uma qualidade. A pura possibilidade está também habilitada a funcionar como signo (quali-signo). O objeto imediato do quali-signo é o modo como a qualidade se apresenta ela mesma, pois ela não pode indicar nada. A qualidade é rudimentar, é monádica, mas pode ser altamente sugestiva. Ela não representa nada, mas tem alto poder de sugestão. Só funciona como signo se surgir um intérprete. Como quali-signos, na fotografia em questão, podemos destacar: cores sombrias contrastantes com a claridade do céu, delineamento das

formações rochosas, signos imagéticos, mensagem escrita, rigidez das silhuetas etc.

O sin-signo é o aspecto existencial de algo. Ele tem uma vida que lhe é própria. A imagem em questão, reproduzida em papel convencional, no formato de livro, como réplica de um original ou matriz, por meios convencionais (imprensa), passa também a ser legi-signo. Em verdade, todo sin-signo é uma atualização de um legi-signo. Hoje em dia quase todos os sin-signos são réplicas de um tipo geral.

Um legi-signo é capaz de gerar signos interpretantes. O texto verbal que acompanha essa imagem, por exemplo, é um legi-signo, pois pertence a um sistema linguístico e pode ser traduzido para idiomas e linguagens, criando novos signos. Para esclarecer o significado de uma palavra, recorreremos, muitas vezes a outras palavras, gerando outros signos.

Objeto imediato e objeto dinâmico

Há dois tipos de objeto: imediato e dinâmico. Segundo Pinto (1995, p. 37), "O objeto é aquilo que é denotado como representação".

Mais adiante, diz ele: "Para que se conheça algo, é necessário que haja representação, isto é, para haver objetos, é preciso que haja signos. Qualquer relação com qualquer objeto já é uma relação sígnica, e o próprio signo já é um objeto". Em semiótica, faz-se mister distinguir objeto e coisa, ainda segundo Pinto: "A coisa é um existente, conhecido ou não, e o objeto é um conhecido existente ou não". E, antes um pouco, diz ele: "O que se conhece é um objeto, o que não se conhece é uma coisa". Aquilo que não fazia parte do conhecimento (coisa) e que passa a fazer parte dele torna-se objeto daquele conhecimento. À primeira vista, um leigo faz uma leitura da composição ou da paisagem,

observando traços, formas, cores e identificando alguns elementos que integram sua experiência colateral.

Sintetizando, para a análise em questão, partimos de um objeto imediato, ou seja, uma fotografia tal e qual ela se apresenta. Outros elementos visuais contidos na imagem se vincularam evidentemente aos respectivos objetos dinâmicos que, com seus elementos indiciais, remeteram o intérprete a algo a ser por ele descoberto, levando em consideração sua bagagem cultural. O interpretante imediato, nesse caso, nada mais é que a foto reproduzida em livro. O interpretante dinâmico e final aqui, como já foi dito, corresponde ao aporte da lenda e da religião.

Qualquer pessoa (intérprete) mesmo desconhecendo a conotação religiosa e/ou lendária da foto em questão, é capaz de interpretá-la. É evidente que o interpretante dinâmico será sempre diversificado, devido às inúmeras possibilidades interpretativas do signo. Cada leitor faz uma leitura diferenciada da mesma imagem, de acordo com sua experiência colateral.

Como foi dito, cada signo oferece diversas possibilidades de interpretação, e isso muitas vezes ocasiona divergências, que são perfeitamente normais, considerando-se que o interpretante dinâmico pode ser falível.

Finalmente, em todos os fenômenos encontram-se presentes as tricotomias peirceanas, que se imbricam e se coordenam harmoniosamente. Aqui, primeiridade, secundidade e terceiridade se dão as mãos, numa magnífica "ciranda" estético-lendária.

Referências:

- BUCI-GLUCKSMANN, Christine. *La folie du voir*. Paris: Galilée, 1986.
FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1986.

- HERDER, Verlag. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1997.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.
- OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Poesias fotográficas: flashes de uma vida*. Vitória: GM, 2014.
- PEIRCE, Charles Sander. *Semiótica e filosofia*. Tradução de Octanny S. da Mota Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PEIRCE, Charles Sander. *Semiótica*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PINTO, Júlio. *1,2,3 da semiótica*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, Lúcia. *A assinatura das coisas. Peirce e a literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SANTAELLA, Lúcia. *Percepção. Uma teoria semiótica*. 2. ed. São Paulo: Experimento, 1998.
- SANTAELLA, Lúcia. *Teoria geral dos signos. Semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.
- SANTAELLA, Lúcia; WINFRIED, Nöth. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

RESUMO: Este estudo se divide em duas partes: na primeira, breve visão panorâmica do livro *Poesias fotográficas: flashes de uma vida*, de autoria de Ester Abreu Vieira de Oliveira, contendo imagens e textos poético-referenciais; na segunda parte, leitura semiótica de um texto imagético contido no referido livro. Como suporte teórico, optou-se pela semiótica peirceana, sob o prisma dos teóricos Winfried Nöth e Lúcia Santaella. Quanto à metodologia, faz-se uma leitura em três níveis, a partir de diferentes pontos de vista, a saber: qualitativo-icônico, singular-indicativo, convencional-simbólico.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia e fotografia. Poesia brasileira contemporânea - Ester Abreu Vieira de Oliveira. Ester Abreu Vieira de Oliveira - *Poesias fotográficas: flashes de uma vida*.

ABSTRACT: This study is divided into two parts: In the first one, a brief overview of the book *Photographic Poetry: Flashes of a Lifetime*, by Ester Abreu Vieira de Oliveira, containing poetic-referential images and texts; In the second part, a semiotic reading of an imagery text contained in the aforementioned book. As theoretical support, we opted for Peircean semiotics, under the prism of the theorists Winfried Nöth and Lúcia Santaella. As for the methodology, a reading is carried out at

three levels, from different points of view, namely: qualitative-iconic, singular-indicative, and conventional-symbolic.

KEYWORDS: Poetry and Photography. Contemporary Brazilian Poetry - Ester Abreu Vieira de Oliveira. Ester Abreu Vieira de Oliveira - *Poesias fotográficas: flashes de uma vida*.

Recebido em: 30 de março de 2022
Aprovado em: 17 de outubro de 2022

Recordações e diálogos: entrevista com Ester Abreu Vieira de Oliveira

Recollections and Dialogues: Interview with Ester Abreu Vieira de Oliveira

André Tessaro Pelinser*
Letícia Malloy*
Vitor Cei*

A homenageada deste número da revista *Fernão* nasceu em Muqui (ES), em 1933. Nessa cidade do sul do Espírito Santo, Ester passou a infância na fazenda cafeeira do pai e concluiu o ensino secundário, à época sob a denominação de Ginásio e Curso Normal. Mudou-se para Vitória em 1956, para estudar na Universidade Federal do Espírito Santo, graduando-se em Letras Neolatinas em 1960.

Pesquisadora de língua espanhola, literaturas hispânicas e literatura brasileira, Ester Abreu especializou-se em filologia espanhola no Instituto de Cultura Hispânica de Madrid, em 1968, com bolsa do Ministério de Assuntos

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Internacionais da Espanha. Em 1983, concluiu o Mestrado em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba. Em 1994, doutorou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2003, fez pós-doutorado em Filologia Espanhola e Teatro Contemporâneo na Universidad Nacional de Educación a Distancia, em Madrid, com bolsa do Ministério de Assuntos Estrangeiros da Espanha.

A professora Ester Abreu trabalhou na educação básica estadual entre 1952 e 1981. Começou a lecionar na Ufes em 1965, aposentou-se em 1996, foi agraciada com o título de Professora Emérita em 2018 e atualmente ainda trabalha na universidade, voluntariamente, como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras. Ao longo de sua carreira, foi também professora e diretora de pesquisa e pós-graduação do Centro de Ensino Superior de Vitória. Coordenou eventos e publicações de obras e participa de conselhos editoriais no Brasil e no exterior.



Ester Abreu Vieira de Oliveira (Foto de José Magnago).

Atualmente, Ester Abreu é presidente da Academia Espírito-santense de Letras. Também pertence à Academia Feminina Espírito-santense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, à Associação Brasileira de Hispanistas, à Asociación Internacional de Hispanistas e à Associação de Professores de Espanhol do Espírito Santo.



ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS



Ester Abreu

4ª ocupante

Ester Abreu Vieira de Oliveira nasceu em Muqui, em 31 de janeiro de 1933, filha de Ataulfo Vieira de Almeida e de Maria da Penha Abreu Vieira. Escritora, atua nas áreas de teatro, poesia e narrativa das literaturas brasileira e hispânica e é membro voluntário do colegiado do PPGL/UFES – Mestrado e Doutorado. Tem publicações de: poesia, ensaio, crônica, memória, infantil, didático, traduções e discurso. Terminou o ginásio e o normal em Muqui. Foi professora primária e secundária e é professora emérita da UFES. Graduada em bacharelato e licenciatura em Letras Neolatinas (Vitória, UFES). Especialista em Filologia Espanhola (Madri), com o texto: “Estudio comparativo de la sintaxis verbal portuguesa y española con especial atención al uso brasileño”. Especialista em Português Superior – Universidade de Lisboa. Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com a dissertação: “Alguns aspectos do possessivo português em confronto com o espanhol”. Doutorado em Letras Neolatinas – Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas, pela Universidade

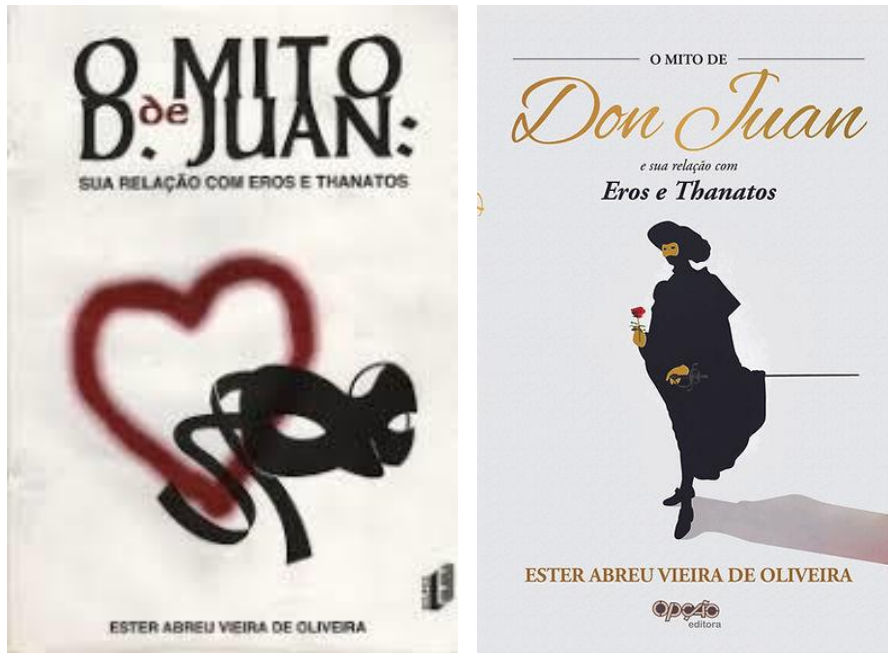
Página da Academia Espírito-santense de Letras com informações sobre Ester de Oliveira.

Dentre os inúmeros prêmios recebidos, destacam-se a Comenda Rubem Braga, concedida pelo governo estadual, e homenagens na Embaixada de Cuba, na Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, no Tribunal de Contas do Estado do Espírito Santo e nas Câmaras Municipais de Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória.

Autora de vasta obra literária e acadêmica, publicou mais de uma centena de artigos e dezenas de livros, dentre os quais destacamos *Português para estrangeiros* (Edição da autora, 1981), *Momentos* (Fundação Ceciliano Abel de Almeida [FCAA]/Ufes, 1988), *Iberia Dividida* (FCAA/Ufes, 1988), *O mito de Don Juan* (Edufes, 1996), *Metapoemas* (Opção, 2017), *O lagarto amedrontado do jardim* (Opção, 2018), *O coelhinho e a onça* (Cajuína, 2019) e *Uma família feliz* (Formar, 2019).



Capas de livros de poemas de Ester de Oliveira.



Capas de livros de ensaio de Ester de Oliveira.

A entrevista online estruturada que segue, atividade do projeto de pesquisa interinstitucional (Ufes/UFRN) “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, foi originalmente concedida a Letícia Malloy, André Tessaro Pelinser e Vitor Cei em junho de 2020 e publicada no livro *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas* (Cousa, 2021). Esta versão foi revista e atualizada entre fevereiro e março de 2022 para publicação neste número da *Fernão*.

Seguindo um conjunto sistematizado de questões, estruturadas a partir de um roteiro previamente estabelecido, enviado e respondido por e-mail, registramos o posicionamento de Ester Abreu Vieira de Oliveira em relação a temas fundamentais para a discussão da vida literária contemporânea, como a “nebulosa biográfica” (BARTHES, 2005, p. 168), isto é, os trânsitos e as interseções entre vida e obra, as negociações entre seus agentes (autores, leitores, editores, críticos, tradutores), os fluxos migratórios e os processos de desterritorialização, as questões de gênero, o machismo e outros fatores que têm produzido impactos sobre o campo literário do Espírito Santo e do Brasil.

Esta entrevista soma-se às outras que vêm sendo publicadas desde o primeiro número da *Fernão*, como uma espécie de mapeamento em curso da história da

literatura contemporânea feita no Espírito Santo e como registro do que os autores homenageados pensam e escrevem, “ampliando, dessa forma, o horizonte de leitura das obras”, como observa Rita Olivieri-Godet (2020, p. 5) a respeito do projeto “Notícia da Atual literatura brasileira: entrevistas”.

N.A.L.B.: Cada escritora possui um método e estilo de trabalho próprios. Em sua escrita literária, percebe-se uma característica marcante, que o professor Francisco Aurelio Ribeiro, em discurso durante a cerimônia em que a senhora foi empossada como membro da Academia Espírito-santense de Letras, em 1996, qualifica como uma “poética da esperança, da simplicidade, do sentimento”. A senhora poderia comentar as opções formais e temáticas que norteiam seu projeto literário?

E. A.: Há dois tipos de produções minhas: a estética e a didática. Dois gêneros me absorvem: poesia e teatro. Eles me levam a ler e a escrever (falar) sobre as obras que me tocaram a sensibilidade ou aquelas em que procuro desvendar pela leitura o objetivo do autor.

Nunca escrevi uma obra dramática. Só sou leitora. Quanto à poesia, produzo pela carga de beleza nas imagens, musicalidade e sentimentos. Num poema posso tentar extravasar a dor, a emoção, a alegria, sentimentos vários sobre a arte e a vida. Não sei se faço um poema bem ou mal. Mas algumas vezes gosto de um poema meu. Creio que foram os poetas parnasianos e os românticos que me levaram a gostar de poesia. Nessa forma desejo sempre tentar, vamos dizer, expressar sentimentos, alguns secretos, que as imagens encobrem.

Nunca escrevi um romance, seja por falta de tempo e/ou competência. Quanto às crônicas, elas me servem para lembrar fatos, afirmar ideias, conceitos, explicar uma situação.

Também, como sou leitora e devido à minha profissão, que busca ensinar e procurar fazer o outro identificar belezas de uma obra, produzo ensaios.

Como professora, também, dediquei-me ao tema didático e, como mãe e avó, ao infantil. Creio que por aí seguem os meus temas: anseios, emoções, frustrações, amizades, lembranças, vertentes poéticas de outros.

N.A.L.B.: Na crônica “Letras transformam a vida”, a senhora afirma ter crescido “ouvindo poemas ou lendo-os, antes mesmo de aprender a ler, porque meu pai levava suas filhas a memorizar poemas que recitávamos em público, em festas cívicas ou para os amigos que em nossa casa iam.” Entre as experiências de leitura e a escrita de textos próprios, em que momento a senhora se percebeu escritora? Ao longo dos anos, houve mudanças significativas em seu processo criativo?

E. A.: Nunca fui uma pessoa de produção aqui e agora, como ser escritora na infância e juventude. Possivelmente estive como a lagarta num casulo, em gestação. Mas foi-me dito “escritora” com mais de quarenta anos. E isso ocorreu por estímulos de outros. Foram eles que me fizeram escritora.

Ler, desde que aprendi, ou mesmo antes de aprender a ler, pois ouvia o que liam, é uma minha atividade constante. E ela sempre me provocou a ler mais e a sonhar em escrever. Eu devia ter menos de doze anos, talvez nove, eu ia à casa de uma vizinha tagarelar e falar sobre os livros, os romances que havia lido (e muitos escondidos), lia tudo que me caía às mãos. E ela me dizia para eu escrever um romance. Mas por essa época escrevia cartas para meus avós e composições no colégio. Com treze, preenchi em uma caderneta pensamentos retirados de um retiro religioso e ideias, desejos. Com quinze, fiz um poema: TU. Ao lê-lo para o meu pai, dizendo-lhe que havia encontrado, ele me disse “Que porcaria”. Rasguei-o e só fui escrever poemas com mais de trinta anos, estimulada por um amigo e professor de literatura que dizia que eu era muito sensível, e passei a mostrar o que escrevia e ele gostava. Continuei escrevendo meus poemas, deixando-os num caderno, até que em 1988 publiquei alguns

poemas em dois livros, um em espanhol e o outro em português: *Momentos* (FCAA/Ufes, 1988) e *Iberia dividida* (FCAA/Ufes, 1988). A publicação de *Momentos* tem uma história por trás dela de cobrança de amigos e poetas. Foi aí, isto é, depois da publicação dessas duas obras, que foi dito que eu era escritora, pois escrevia e publicava em jornais, até de outros estados, em revistas e antologias de outros estados e em anais de congressos, mas esse epíteto de escritora foi só depois da publicação dessas obras poéticas.



Ester de Oliveira (Foto de Robson Maia).

Mas, em verdade, eu sou professora, esse é o título mais importante para mim. Tento dizer que sou escritora. Meu afã de professora me fez publicar (estimulada por colegas, que diziam que eu deveria dividir com outros o que levava para a sala de aula) livros e textos didáticos. Por exemplo, em 1981 foi publicado

Português para estrangeiros e bem antes já haviam sido impressos livros de exercícios em espanhol e de verbos. *Estudios de verbos comparativos* foi em 1968. (Eu não me esqueço dessas pessoas que carinhosamente acreditaram em mim e me valorizaram. Elas, talvez, nem se lembrem do fato.)

Quanto às mudanças na maneira de produção, são constantes. Tudo contribui. E o renovar é permanente em todos nós. Seja pela nossa vivência, experiência de leitura, estudos, críticas, e o nosso próprio temperamento nos traz esse afã. O que escrevo dou (antes de publicar) para amigos sinceros que releem e sempre me trazem novas aprendizagens. Depois, creio que nem familiares nem colegas leem. Uma e outra vez me enviam comentários que me enchem de satisfação. Agora, como não dou aulas mais na graduação, abandonei os textos e obras didáticas e me dedico a ensaios, crônicas, livro infantil e a poesia.

N.A.L.B.: Seu trabalho possui amplo reconhecimento, como comprovam esta homenagem da revista *Fernão* e as diversas homenagens e premiações que tem recebido desde os anos 1980. Como a senhora vê a recepção de sua obra? O fato de viver em um estado que recebe pouca visibilidade na cena cultural brasileira influenciou a recepção?

E. A.: Creio que leio mais dos outros do que sou lida. Não sei se é porque sou mulher e com muitas tarefas sempre, e por elas absorvida, sem muita expressão política e social... Não penso que seja o Estado. É mesmo falta de propaganda. Às vezes no exterior elogiam e publicam textos meus. Mas isso ocorre quando algum conhecido os lê. Assim o que falta, em verdade, é divulgação. Para ser escritor é isso: internet, Facebook, jornais, revistas e, principalmente, leitor amigo com coragem de escrever sobre o que leu.

Recebi certa vez de uma importante escritora mexicana um comentário de três poemas meus, que foram publicados num livro na Argentina e que ela tinha lido, que me encheu de alegria, pois disse o seguinte sobre eles: "Interesantes tus poemas y plenos de imágenes y asociaciones maravillosas. Incalculable juego del

lenguaje”. Esses elogios, inesperados, que muitas vezes vêm de fora me emocionam.

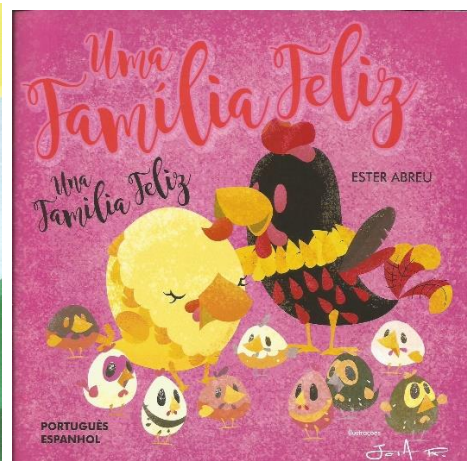
N.A.L.B.: Na crônica intitulada “Ponte da Aliança”, que se encontra no volume *Vitória – Poesia e História* (GM, 2013), lê-se: “As imagens do passado passam, como uma ponte, para o atual presente e, nesse ir e vir ressurgem outras imagens de pontes: a quase trágica, a angustiante-misteriosa e a alegre.” Em que medida a combinação ou sobreposição de imagens, personagens e costumes do interior capixaba e da ilha de Vitória participam de sua escrita criativa?

E. A.: O homem não é fruto de seu tempo e de seu ambiente? A atividade de quem escreve é uma forma de dialogar com as ideias, as recordações e visão do mundo. O texto precisa ter vida e para isso é necessário que o autor tenha vivido, sentido e sonhado por onde andou. É preciso que ele olhe o mundo que o envolve e o sinta em todo o seu aspecto: cor, cheiro e imagens. E tudo isso se extravasa quando se escreve. O que se escreve se revive, faz reviver e reexperimentar. Um acontecimento visto e lembrado esgota o poético. Então, pelo explicado, onde vivi e estou participam de minha “escrita criativa”, porque eles estão dentro de meu ser, fazem parte de meu inconsciente.

N.A.L.B.: Em livros voltados ao público infantil, como *O lagarto amedrontado do jardim* (Opção, 2018), *O coelhinho e a onça* (Cajuína, 2019) e *Uma família feliz* (Formar, 2019), verifica-se que a trama se desenrola no quintal das casas de avós. Embora as avós não participem diretamente dos eventos narrados, a simples referência a tais personagens parece se afigurar como uma espécie de salvo-conduto para que a ação possa ser iniciada. Como a senhora avalia a importância e o lugar das personagens idosas em seus textos e, de modo geral, na literatura infantil?

E. A.: Em toda história há um pouco de real e de imaginário, e minha casa é o centro do real, seja pelo espaço ou pelo calor humano. O fato é que, quando a

história foi contada a netos, eles gostaram (público apoiador), quando foi lida para crianças, também gostaram (público estimulador). Alguns leitores mirins chegaram a vir à minha casa e se emocionaram perguntando onde está isso ou aquilo. Mas, possivelmente, lá dentro de meu inconsciente, o arquétipo da anciã contadora de histórias remonta às lembranças que tenho de minha tia-avó, a que chamávamos Mãe Cínica. Creio que o contato com ela, principalmente, tenha soprado a permanência de pessoas simpáticas e idosas em meus contos.



Capas de livros para crianças de Ester de Oliveira.

Também, quando jovem, fui contadora de histórias para irmãos, primos e alunos, nas aulas de alfabetização. Quando as crianças entravam no colégio com sete

anos, espantadas pelo repentino ambiente, fora do lar, e tinha que distraí-las, inventava histórias.

N.A.L.B.: A senhora já traduziu textos literários do espanhol para o português, dentre os quais podem-se destacar poemas de Santiago Montobbio e de Alfonso Vallejo. Também fez autotraduções do português para o espanhol, em livros bilíngues como *O coelhinho e a onça* (2019), *O lagarto amedrontado do jardim* (2018) e *Uma família feliz* (2019). Que concepção de tradução orienta seu trabalho? A senhora percebe traços em comum entre a tradução (como a senhora a pratica) e a escrita autoral? Qual é a função do bilinguismo literário em seu projeto ético-estético?

E. A.: 1) Concepção como a) gerar ou b) compreender? a) GERAR: para a escrita em espanhol há duas modalidades de escrita: nos livros infantis, nasce a história primeiro em português e depois vai para o espanhol. Na poesia em geral já sai o texto em espanhol. Em ensaio surge em espanhol e com palavras ou expressões em português para serem corrigidas. b) COMPREENDER: nas obras infantis busco expandir a leitura para os dois ou três falantes ou aprendizes. No poema e no teatro busco divulgar a obra e o autor. Pois um livro só tem valor se vai além dele.

2) No item 1. b) falo de expansão da produção e divulgação. Na tradução estão, naturalmente, a minha vivência e a minha percepção de mundo, que caracterizam a escrita autoral, embora não se possa deixar de reconhecer a marca do autor do texto de partida, que busco respeitar em meu trabalho de tradutora. A tradução de um teatro clássico poético difere de uma tradução de um poema moderno, pois é preciso atualizar a linguagem e adequar algum evento para que possa interessar ao público a que se destina, isto é, vai depender da finalidade da tradução.

Na tradução de um romance, como fiz com colegas em *Casa de Luco*, da autoria de Julio Camba, uma obra moderna, as adaptações foram mais suaves, enquanto

na peça clássica do *Retablo de las Maravillas*, de Miguel de Cervantes, as adequações à atualidade foram mais determinantes, devido a um maior afastamento social. Realizei com a amiga Mirtis Caser uma tradução do romance *Os esperandos, piratas judeu portugueses... e eu*, de uma autora mexicana [Angelina Muñiz-Huberman], cuja história ocorre no século XV, com muitas ações náuticas, e foram necessárias adaptações de linguagem para a compreensão do leitor atual e brasileiro.



Capa de uma das traduções de Ester de Oliveira.

3) O texto bilíngue tem uma função didática, além da estética. Como professora de língua estrangeira, tenho sempre como objetivo a sedução de jovens leitores para a aprendizagem de um novo idioma.

N.A.L.B.: Como pesquisadora e crítica literária, a senhora já publicou artigos e ensaios sobre as obras de José de Anchieta, Oscar de Almeida Gama Filho, Carlos Nejar, Roberto Almada, Frederico Garcia Lorca, Pablo Neruda, Torres Naharro, Tirso de Molina, Lope de Rueda, Lope de Vega, dentre outros. Em sua escrita criativa, com que autores brasileiros e estrangeiros a senhora procura estabelecer interlocuções?

E. A.: Sobre a interlocução, como já disse, sou essencialmente leitora e eu sou os livros que li, escrevo sobre o que li e nos meus textos estão intertextualmente

os meus autores mais queridos. Dada a minha dedicação durante a vida aos estudos da língua espanhola e da literatura em língua espanhola, eu diria que “converso” especialmente com os poetas hispânicos: García Lorca, Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, Rosalia de Castro, Gabriela Mistral, Pablo Neruda seriam talvez a minha inspiração. Mas os brasileiros Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima e Cecília Meireles são modelos a seguir e a não esquecer poetas românticos e parnasianos, por exemplo, Castro Alves, Olavo Bilac, Fagundes Varela.

Como leitora, entre mim e o texto do outro procuro um diálogo. Busco compreender e dialogar com ele e me aproximar do “autor”, tentando desvendar o que quis dizer. E, como escritora (ensaísta), procuro falar com o meu “fictício leitor” as maravilhas do texto e sobre o que compreendi da mensagem do autor. Assim há um diálogo entre três, num ensaio.

N.A.L.B.: Diante do panorama da literatura brasileira atual, o que a senhora vê? Que autores e, especialmente, que autoras tem lido? Gostaríamos que comentasse sobre suas principais inquietações e estímulos em face da produção literária contemporânea, em língua portuguesa e em língua espanhola.

E. A.: Quanto à literatura produzida por mulheres, estou sempre lendo e relendo peças teatrais, contos ou romances, e sobre esse tema tenho escrito. Além disso, faço parte de grupo de pesquisa com este assunto. Gosto das narrativas de escritoras espanholas e portuguesas atuais e não deixo de deleitar-me com escritoras brasileiras. Li romances de Ana Maria Machado que retratam o ambiente político da ditadura militar, obras de Conceição Evaristo que mencionam problemas raciais, Lya Luft (*A casa inventada*), sobre preconceitos, várias obras ou quase todas de Clarice Lispector, algumas de Nélide Piñon, *O Quinze* e *Maria Moura* de Rachel de Queiroz. De Cleonice, só ensaios. Li, creio, todas as obras de Bernadete Lyra, algumas de Jô Drummond e três obras de Neida Lúcia. E outras aqui e ali que não me lembro agora. Tenho que, também, ler obras de literatura em língua espanhola, dos escritores (do Brasil e do

exterior) e a literatura produzida no Espírito Santo, por isso, falta-me e muito ler muitas escritoras brasileiras. Não tenho muito tempo. Sempre há uma lacuna na leitura. Tenho que ir dividindo o tempo, pois o campo literário do Brasil e do mundo está como infinito. Há romances muito extensos. Nesses, demoro mais. Quais os últimos romances escritos por mulher que li? Foi, se não me falha a memória, *Las hijas del capitán* e *Entre costuras e Sira*, de Maria Dueñas, *Los esperandos*, de Angelina Muñiz Huberman e *Passagens e Ulisses*, de Teolinda Gersão. Leio obras também de escritores para fazer comentários. Por exemplo, li um romance de um escritor nosso, o Praxedes, para fazer um breve gancho com obra de escritor médico e música. Leio e releio, frequentemente, obras de teatro clássico, para participar de congresso de hispanistas ou colaborar em alguma revista, e assim vou sucessivamente, lendo e me entranhando nos mais variados temas, técnicas e gêneros. Mas pelos últimos romances que li escritos por mulheres, observei que esses romances trazem novidades no aspecto formal, têm temáticas variadas dentro dessas novas técnicas. Há também uma tendência em apresentar o tema de despotismo político e de tratar de violência contra a mulher, tanto no teatro como no romance, e em abandonar os temas amorosos.

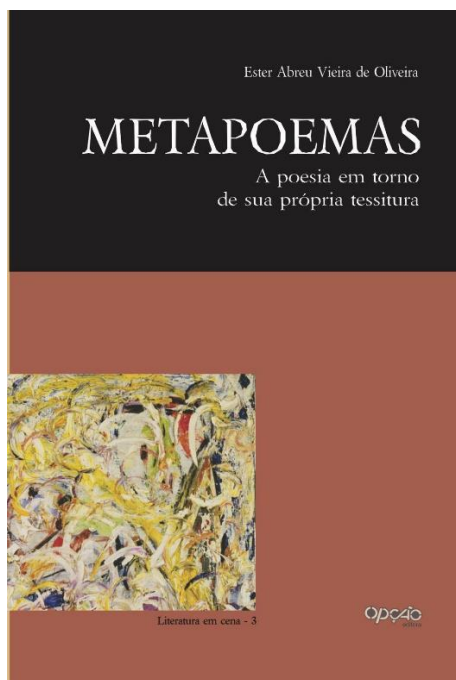


Ester de Oliveira (Fotos sem crédito).

N.A.L.B.: Na Apresentação de *Metapoemas – A poesia em torno de sua própria tessitura* (Opção, 2017), o professor Jorge Luiz do Nascimento destaca, enquanto traço importante de seu trabalho como pesquisadora e crítica, o esforço pela superação de fronteiras territoriais e a construção de análises da poesia lírica escrita em

espanhol a partir de diálogos transnacionais. Como a senhora avalia o papel e o espaço do crítico latino-americano na proposição de leituras capazes de questionar – ou mesmo de reinventar – as relações entre periferias e centros culturais hegemônicos?

E. A.: O crítico latino-americano tem um poder limitado de expansão, salvo se participa de fortes programas universitários internacionais ou jornalísticos.



Capa de *Metapoemas*, de Ester de Oliveira.

N.A.L.B.: Em maio de 2020, vários jornais publicaram notícias sobre Adriel Oliveira, um menino de apenas doze anos que divulga dicas de leitura em redes sociais e havia sido vítima de ataques racistas. A fim de encorajar Adriel a manter suas práticas de leitura e a divulgá-las, Marco Lucchesi, então presidente da Academia Brasileira de Letras, entrou em contato com Adriel e, em nome da ABL, doou livros ao garoto. Levando-se em conta a sua atuação como membro da Academia Espírito-santense de Letras e da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, o que a senhora poderia comentar sobre a função social das Academias de Letras quanto ao fomento à leitura em um país onde o

número de leitores segue sendo pouco expressivo, se comparado a outros contextos?

E. A.: Creio que no Estatuto da Academia Espírito-santense de Letras (AEL) há o objetivo de divulgar a literatura, logo fomentar a leitura. Em geral, os acadêmicos escrevem crônicas (poemas, textos diversos) nas quais manifestam suas inquietações sobre os processos antidemocráticos e repressivos na sociedade, e a AEL, anualmente, no seu projeto de Incentivo à Cultura Literária, com o apoio da Prefeitura Municipal de Vitória, tem publicado livros de escritores “clássicos” do Espírito Santo, em reedição, revistas e *Os escritos de Vitória*, este com temas anualmente variados, mas com participação de autores da comunidade. Essas obras são lançadas e distribuídas gratuitamente à comunidade.

Além disso, AEL tem o projeto *Academia vai à escola*, com o apoio do Governo do Estado. Um acadêmico vai a uma escola pública da periferia, em que, frequentemente, os alunos foram estimulados a ler a obra daquele acadêmico, antes de sua ida, e fala da academia e de temas relacionados à literatura e eles são questionados pelos alunos.

A AEL promove concursos literários para a comunidade em geral e para escolas públicas.

A Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL) também promove concursos literários nas escolas, as acadêmicas vão muitas delas contar histórias para as crianças e já houve uma participação, e com concursos, nas penitenciárias do Estado. Era um estímulo à leitura. Funcionou por uns três anos. Depois houve mudança de governo e de política e o projeto foi paralisado.

A ABL tem um projeto de ações que levam livros às penitenciárias. A AFESL, AEL e o IHG organizaram feiras literárias com o objetivo de estimular a leitura e tornar conhecidos os escritores capixabas.

N.A.L.B.: Em sua trajetória como docente, a senhora testemunhou diferentes momentos políticos pelos quais a universidade pública brasileira precisou atravessar. A partir de suas memórias sobre esses diferentes estágios, como a senhora observa o papel da universidade no contexto atual, em que a legitimidade do discurso acadêmico é seguidamente relativizada?

E. A.: Seu questionamento implica uma amplidão de resposta, pelo próprio significado de “universidade”. Há o aspecto do seu governo e divisões (Reitoria), dos participantes de seu andamento (Funcionários), dos seus usuários (Alunos) e dos seus atuantes (Professores) e, nesse percorrer de mais de meio século em que por ela ando, muitas mudanças ocorreram que orientam os seus gestores e participantes. E, parece-me, o papel da importância da universidade num contexto governamental e social como um todo tem sido colocado por um menor pedestal que no passado. A universidade já foi bastante elitista, lugar de alguns poucos privilegiados. As políticas que alteram esse quadro, mudando o ingresso para permitir que os menos privilegiados socialmente tenham acesso a ensino de qualidade são urgentes e necessárias. Não se pode conceber que a divisão entre as classes continue tão violenta e aos responsáveis pela educação cabe tomar as medidas para que as políticas do ensino superior atendam aos interesses da população como um todo. Há um pouco de cegueira ou areia nos olhos na cúpula política, no referente à Educação.



A autora Ester de Oliveira (Foto de Gustavo Rodrigues Vieira de Oliveira).

N.A.L.B.: No texto “Pão e circo”, publicado na página *Debates em Rede* durante a pandemia da Covid-19, a senhora oferece suas memórias ao leitor, afirmando que “no tempo que vivemos agora, com um cenário político-social desanimador, sinto que uma viagem pela minha meninice pode trazer algum alento para corações e mentes.” Não sabemos o que nos aguarda após a pandemia, mas como a senhora poderia nos ajudar a refletir sobre o papel efetivo e potencial da literatura e, de modo geral, da arte nestes tempos de distanciamento social?

E. A.: Talvez a literatura nestes tempos de pandemia tenha efeito eu diria mesmo terapêutico, assim como as artes (pintura, teatro e música). O ser humano precisa de pão e poesia (arte) para sobreviver com dignidade. (Creio que é mais ou menos isso que quisemos dizer no texto “Pão e circo”.) Diariamente leem-se textos: poemas, crônicas e comentários ou sugestões de leituras de romances, no Facebook, WhatsApp, *lives*, sites e e-mails. Com isso, estimulam as pessoas em quarentena à produção e quem sabe teremos na saída desses casos algum fio de esperança de gente mais sensível.

The image shows a printout of a webpage. At the top left, the site logo 'Debates em Rede' is visible. A green navigation bar contains categories: CAPA, ECONOMIA, POLÍTICA, CIÊNCIA, POLÍTICAS SOCIAIS, AMBIENTAL, RESENHAS, CULTURA, and VÍDEOS. A search bar is on the right. The main content area shows the article title 'PÃO E CIRCO' dated '26 MAI 2020'. Below the title are social media icons for Facebook, Twitter, LinkedIn, and YouTube. The author is listed as 'Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*'. The beginning of the text reads: 'A falta de entretenimento social, a constante e obrigatória permanência em casa, a solidão, a reviravolta na vida cotidiana provocada pelo mundialmente conhecido, o minúsculo coronavirus, que provoca a pandemia covid-19, é o tema que domina as falas atualmente. Para fugir do assunto entristecedor do momento, pode-se recorrer à memória de acontecimentos venturosos, pois o pão e o circo alimentaram e alimentam o público. Distribuí-los é atitude política ancestral, ricamente comprovada'. A 'publicidade' placeholder is visible on the right side of the page.

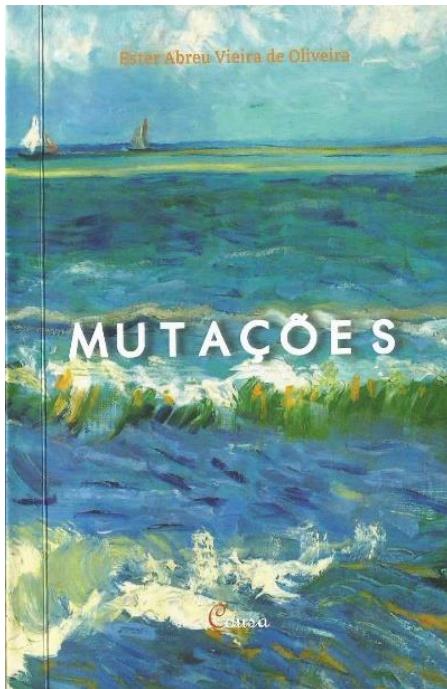
Print da página de *Debates em rede*, em que consta “Pão e circo”, de Ester de Oliveira.

Mas neste período de pandemia muitos escritores produziram. Há excelentes produções de romances, antologias, ensaios e livros de poemas. E um fator que alterou o conhecimento de teorias literárias, escritores, de vários lugares, uma internacionalização da literatura e das artes foi a intensidade, que levou o período, de *lives*, com palestras, aulas, debates e até lançamento de obras.

N.A.L.B.: Nos últimos anos, o Brasil e o mundo têm presenciado o fortalecimento de ondas reacionárias que trazem matizes autoritários, opressores, fascistas, racistas, misóginos e homofóbicos, frequentemente alimentados por fatores de ordem política ou religiosa. Gostaríamos que a senhora nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que a senhora imagina ou espera como desfecho do atual estágio da humanidade?

E. A.: Temos que olhar esse contexto com um pouco de calma, talvez, pois no decorrer dos séculos a história tem nos mostrado períodos atroz de autoritarismo e a amenização deles: Roma em seus circos, Japão sob o domínio chinês, Europa no processo da Inquisição, África sob o poder europeu, Alemanha nazista, a Itália fascista, o Brasil sob o domínio militar e outros países americanos sob a tutela de poderes. Depois de um pico retoma-se a paz (por um tempo, pois o círculo é permanente do homem-fera ressurgir).

N.A.L.B.: Seu último livro publicado, *Mutações* (Cousa, 2021), é composto por poemas arquivados em seu repositório digital e selecionados a pedido de Saulo Ribeiro. Com que frequência a senhora continua escrevendo? Podemos esperar mais publicações inéditas?



Capa de *Mutações*, de Ester de Oliveira.

E. A.: Tem uma editora que está me solicitando organizar uma obra ensaística com ensaios meus sobre a literatura hispânica. Acredito que tenha mais de uma centena de trabalhos, e bastantes publicados em anais e revistas. Mas não estou com tempo de fazer esta seleção e digitar. Na Formar Editora está para sair a obra infantil *Um domingo na casa da vovó*. Tenho escrito alguns ensaios e contribuo com poemas e artigos em revistas e jornais, daqui e de além-mar. Bem, sempre perto da gente tem um papel, um bloco em que a gente joga algumas palavras tentando expressar o que no momento sentimos de prazer ou saudade. Isso a gente vai deixando, porque se escreveu desabafou. Talvez se alguém venha solicitar textos e a gente sentir amizade sincera no que pedem, quem sabe, pode breve sair alguma obra poética. Mas o tempo está muito curto. Participação em antologias poéticas é mais fácil.

Referências:

BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade*. Notas de curso no Collège de France (1979-1980). Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Português para estrangeiros: 31 lições*. Vitória: Edição da Autora, 1981.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Iberia dividida*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes, 1988.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Momentos*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes, 1988.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *O mito de Don Juan: sua relação com Eros e Thanatos*. Vitória: Edufes, 1996.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Metapoemas: a poesia em torno de sua própria tessitura*. São Paulo: Opção, 2017.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *O lagarto amedrontado do jardim*. São Paulo: Opção, 2018.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Uma família feliz*. Vitória: Formar, 2019.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *O coelhinho e a onça*. São Paulo: Cajuína, 2019.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Entrevista concedida a Letícia Malloy, André Tessaro Pelinser e Vitor Cei em junho de 2020. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2021, p. 58-68

OLIVIERI-GODET, Rita. Mapeando a pluralidade da produção literária brasileira. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020. p. 5-6.

Recebida em: 10 de março de 2022.
Aprovada em: 17 de outubro de 2022.

Apresentação da amiga traída

Betrayed Friend Presentation¹

Arthur Bogéa*

Estou traindo uma amiga ao revelar sua poesia – grande parte dela em espanhol – mas como esconder estes versos, que ela mostra quase com o mesmo pudor de quem desnuda o seio para amamentar um filho? Por que guardá-los, se ela consegue captar toda a essência da vida numa pergunta tão breve como **¿Dónde las rosas...?... (Nuevos Tiempos)**.

Por que escreve também em espanhol? Riscos a que um poeta se expõe, esse de querer entrelaçar outras sonoridades nos versos. Imediatamente a resposta estaria ligada à participação em um concurso hispano-americano. Mas isso não explica seus versos. O que explica é a musicalidade que transcende, sem compromissos de rimas, nas duas línguas.

¹ BOGÉA, Artur. Apresentação da amiga traída [sobre o livro de poemas *Ibéria dividida*]. *A Gazeta*, Página aberta, Vitória, p. 3, 18 maio 1980.

* Ensaísta. Professor do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). (*In memoriam*)

Choro/ Sonho (Desilusão) e **olorosos/ llorosos (Noche triste)** são dois exemplos (por que chegar à exaustão?) de que tanto numa como em outra língua ela busca apenas uma poesia feita da música do silêncio que se pode encontrar no instante em que o **río** (que) **va a dar en la mar (Amargor)** e que transcende ao instante maior de **morir** (idem).

¿Para donde? (...) **¿Para qué?** São perguntas inerentes aos seus versos, onde lutam **centauros guerreiros (...)**! **Y no obstante hay cisnes (Nuevos tiempos)**. Estas perguntas são a origem da poesia, para esse conhecer que em versos como **El despertar termina la ilusión (Blanca ilusión)** tem ressonâncias como **La vida es sueño** de Calderón.

E, na vertente que vai da Península à Hispano-América, se encontram os seus versos, em alguma suavidade que lembra as **Canciones de Cuna**, de Gabriela Mistral (**Berceuse**), e uma infância que não dorme, mas brinca em muitos poemas de Cecília Meireles, e, como no estro da poetisa brasileira, essa minha amiga reencontra o precário da felicidade (**Desilusão**).

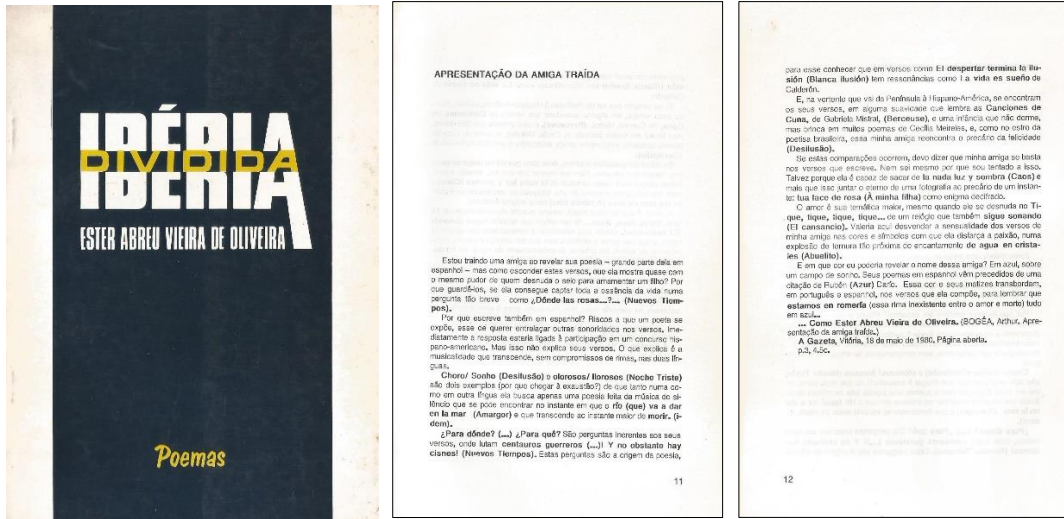
Se estas comparações ocorrem, devo dizer que minha amiga se basta nos versos que escreve. Nem sei mesmo por que sou tentado a isso. Talvez porque ela é capaz de sacar de **la nada luz y sombra (Caos)** e mais que isso juntar o eterno de uma fotografia ao precário de um instante: **tua face de rosa (À minha filha)** como enigma decifrado.

O amor é a temática maior, mesmo quando ela se desnuda no **Tique, tique, tique, tique...** de um relógio que também **sigue sonando (El cansancio)**. Valeria aqui desvendar a sensualidade dos versos de minha amiga nas cores e símbolos com que ela disfarça a paixão, numa explosão de ternura tão próxima do encantamento **de agua en cristales (Abuelito)**.

E em que cor eu poderia revelar o nome dessa amiga? Em azul, sobre um campo de sonho. Seus poemas em espanhol vêm precedidos de uma citação de Rubén (**Azur**) Darío. Essa cor e seus matizes transbordam, em português e espanhol,

nos versos que ela compõe, para lembrar que **estamos em romería** (essa rima inexistente entre o amor e morte) tudo em azul...

... Como Ester Abreu Vieira de Oliveira.



Capa de *Ibéria dividida* e texto de Arthur Bogéa.

A modo de umbrío umbral

Como um limiar sombrio¹

J. Agustín Torijano Pérez*

¿Puede haber mayor honor que el de intentar presentar un libro de un Maestro, de una Maestra? ¿Puede haber mayor osadía que la de tratar de unir balbucientes palabras a alientos casi divinos como son los poemas de la doctora Abreu Vieira de Oliveira?

Sólo desde la profunda admiración y el mayor de los agradecimientos puede entenderse el atrevimiento de querer ser apenas umbrío umbral de esta Casa de la Literatura que Ester ha construido, piedra a piedra, verso a verso, para dar abrigo en ella a lo más profundo, lo más ética y estéticamente profundo, de nuestra Literatura.

Y todo ello lo hace desde la humildad, desde esa inconcebible humildad de quien no tiene motivos para serlo, para acercarse con cautela, pero con sabiduría, a los

¹ TORIJANO PÉREZ, José Agustín. A modo de umbrío umbral. In: OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Para no olvidar: una reunión de vidas en homenaje*. Vitória: Centro de Ensino Superior de Vitória, 2005. p. 11-13.

* Doutor em Filologia Hispânica pela Universidad de Salamanca, Espanha (Usal).

más grandes, a los prohombres de la Literatura, la de acá y la de allá, a quienes puede tratar de amigos, de próximos, de parientes, sentando a su mesa a Bécquer con Eduardo, a Cervantes con Toninho, a Machado con Mariana o a Manrique con su padre, haciendo así que la dignidad de las personas se calibre con la medida del amor. Ester nos abre la ventana para que veamos la fiesta donde los invitados, no en desorden sino espontáneamente, iluminan de su mano las estancias que visitan.

Para no olvidar: una reunión de vidas en homenaje es un acto de inmensa generosidad (uno más en su vida) para que las personas, las palabras y las palabras de esas personas no se queden en el olvido, aun a riesgo de contradecir, quizá mejor de aliviar, la pena de Cernuda, cuando la autora le dedica el magnífico “¿Quién dice que hay olvido?": *Morir parece fácil. / La vida es lo difícil* [...]. Nuestra autora también lo ha descubierto. Sabe en carne propia que la vida, que seguir viviendo es la condena de los que se quedan aquí, con el único consuelo de perdurar en la memoria de los que vengan, como los que se fueron lo hacen en la nuestra.

Por eso este libro es también un acto de egoísmo, un ejercicio de necesidad de recordarle al mundo que somos mientras recordamos y mientras nos recuerdan. No sabemos cómo, ni siquiera si, nos recordarán cuando no seamos, pero necesitamos mantener el fuego de la memoria, del cariño, del afecto para no morir en el frío de la ingratitud, en el del olvido. Ester quiere seguir siendo porque ama la vida con todas sus fuerzas y este amor la lleva a catalizar su sensibilidad en esos alientos casi divinos, que la gente cree palabras, para plasmar su gratitud y su afecto por los destinatarios de sus poemas, personas todas grandes porque están en la mente y en el corazón de Ester.

Comienza *Para no olvidar...* con una declaración de principios, de deseos, aunque la autora no sabe que todos ellos ya son antiguos, porque todo el poemario es la palmaria demostración de que Ester ya ha cumplido esos anhelos. Ya sabe cómo transformar el idioma en canto a la vida, en himno, y, aunque ella no quiere

saberlo, en ese surtidor a borbotones del que bebemos tantas aves sedientas, canoras o no.

Pedidos los deseos – ésos que ya hemos dicho que se han cumplido –, nuestra profesora poetisa siente que, en manos de Jimena, *sale el poema*, e y es a ella, la mujer, esa Virgen María castellana, a quien le dedica su canto y hasta su plegaria, porque Jimena, el “descanso del guerrero” de tiempos pasados, representa a tantas mujeres que son columna del amor y sufridoras silenciosas de tantas despedidas, porque este precioso poema quiere cantar *a este amor sufrido de las mujeres / Que de la frialdad de los héroes que parten construye*.

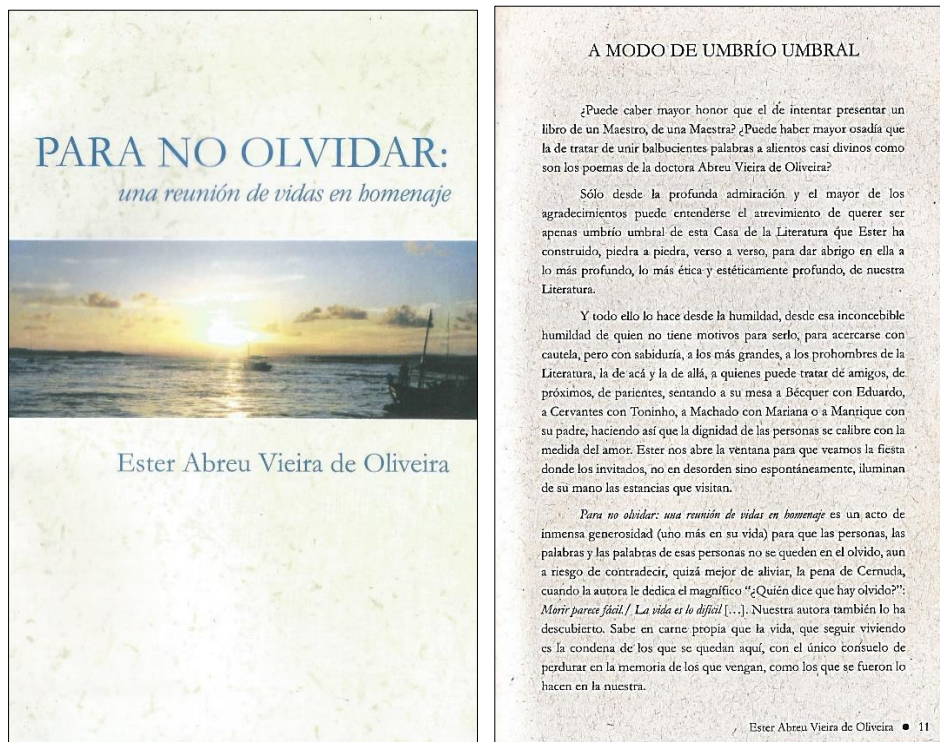
Porque Jimena, como la otra Virgen María de Belén, no está sola. Ester, mujer, luchadora y defensora de las mujeres, para que éstas alcancen los lugares que nunca debieron perder, dedica su afecto y su poesía a esas otras mujeres, a la eterna enamorada, a la “chata recia”, a la vaquera serrana, a la casamentera (como nuestras queridas Celestina e Trotaconventos), a la fea, a doña Endrina, a Dulcinea, a Mariana, a su Adelina, a su madre (que llora la madre lágrimas de rosas), a Adorila, la abuela y, cómo no, a la maestra, que es igual que decir a todas las mujeres.

Ester, amiga, poetisa, traductora, académica, sí, pero, sobre todo, Maestra, no deja de serlo ni cuando honra con su amistad, ni cuando escribe poesía, ni cuando traduce, ni cuando se hace académica. Ester, doña Ester, es siempre Maestra y *Para no olvidar...* es una lección permanente, no sólo de humanidad, no sólo de afectos, no sólo de gratitud para con los suyos, sino también de Teoría Literaria, de doctrina poética porque ha conseguido regalarnos un tratado de Historia de la Literatura en español, más profunda que muchas bibliotecas. En ella está el recuerdo a Cervantes, a don Quijote (ese *héroe del amor*), a nuestro querido Sancho, pero también al gigantesco Neruda, para *hacer un canto a América*, y al perdido romanticismo de Rubén, y a Federico, el poeta más vivo por haber sido asesinado por la ignorancia y el desprecio. Y en ella no falta el granítico Unamuno, que busca su mar del norte, como Rafael buscaba su mar del sur, ni falta don Antonio Machado, el Humanismo hecho poesía también en los versos de Ester.

Ahora deben entenderse mejor mis palabras iniciales cuando justificaba este tímido umbral con la admiración y el agradecimiento por esta poetisa que vuelve a regalarnos un pedazo de vida, porque todo en ella es poesía de la vida, sí, y poesía de la muerte, y poesía del amor, y poesía de la gente, y poesía de poesía.

Y dejen ya las balbucientes palabras paso a los alientos divinos.

Salamanca, primavera de 2005.



Capa de *Para no olvidar* e apresentação de José Agustín Torijano Pérez.

Colofón

Cólofon¹

Edna Parra²

Tal vez estemos habituados a concebir el arte como una forma esencialmente autónoma y refinada; sin embargo, al margen de sus problemas específicos, el arte se engendra en la “cabeza histórica” del hombre.

Toda individualidad encarna fuerzas grupales y los poetas son instrumentos y vehículos de determinadas constantes y tendencias sociales, temporales, una vez que se sirven de formas de expresión estéticamente depuradas que toman del mundo y de imágenes colectivas. El artista no está aislado, sino en una relación de reciprocidad con su medio.

Ester Abreu, en *Para no olvidar*, presta atención a muchas voces: por un lado revela las características individualizadoras de su arte, por otro, cumple una misión histórica compleja. Los entes que rescata, de bulto mítico o real, son los

¹ PARRA, Edna. Colofón. In: OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Para no olvidar: una reunión de vidas en homenaje*. Vitória: Centro de Ensino Superior de Vitória, 2005. p. 53-54.

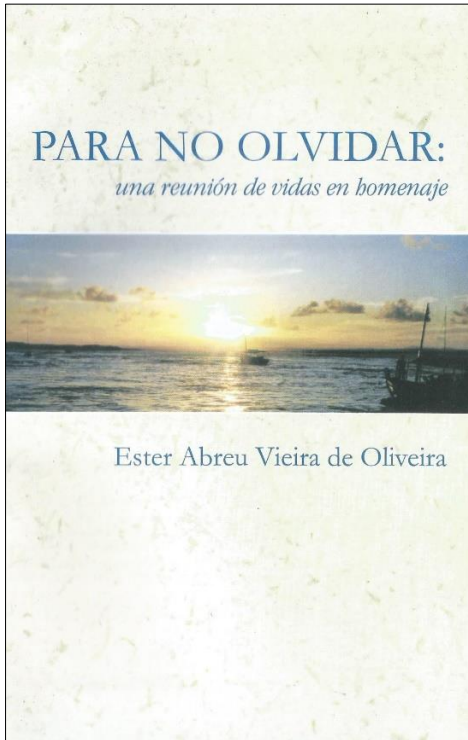
² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

frutos de una reminiscencia común, memorables para una colectividad, no sólo por los estados de conciencia individual de la poeta. Su rememoración consume una función catártica: forma parte de instantes en los que su experiencia personal se siente interrogada por la presencia de la historia, que necesita evocarse para que los ausentes recobren vida y para que el presente cobre sentido.

Para cumplir la norma que la inspira, la poeta comienza por desentrañar la raíz de sus valores reputados incondicionales, sus bienes absolutos: éticos, metafísicos, religiosos. No obstante, su obra no trata de hechos decisivos de la historia – no los evoca por esa vía – sino de calvarios morales, de pecado y de gracia, de destino gratuito y de amor como libertad condenada.

Al evocar unas vidas que rescata al presente, su poética retorna de la exterioridad a la intimidad, buscando soporte en sí misma, de lo que deriva el sentimiento de soledad y angustia. Telúrica de fruto y tumba, dulce y marítima, visual, instintiva, revela un yo escindido entre ardor y sublimación, afecto y resentimiento. Su verso transita por naturaleza y cultura, reclusión y sociabilidad, historia y eternidad.

Para no olvidar, con sus acentos dolorosos de amargura esperanzada, ingenia un poemario de ausentes y de ausencias, en el cual la realidad aparece como desesperación y expectativa angustiosa ante la contingencia personal de la separación y de la muerte, sentimientos inconclusos y tempestuosos de la limitación y grandeza del destino de cada uno de los hombres, de cada una de las mujeres y de toda la humanidad.



A MODO DE UMBRÍO UMBRAL

¿Puede haber mayor honor que el de intentar presentar un libro de un Maestro, de una Maestra? ¿Puede haber mayor osadía que la de tratar de unir balbucientes palabras a alicientos casi divinos como son los poemas de la doctora Abreu Vieira de Oliveira?

Sólo desde la profunda admiración y el mayor de los agradecimientos puede entenderse el atrevimiento de querer ser apenas umbrío umbral de esta Casa de la Literatura que Ester ha construido, piedra a piedra, verso a verso, para dar abrigo en ella a lo más profundo, lo más ética y estéticamente profundo, de nuestra Literatura.

Y todo ello lo hace desde la humildad, desde esa inconcebible humildad de quien no tiene motivos para serlo, para acercarse con cautela, pero con sabiduría, a los más grandes, a los prohombres de la Literatura, la de acá y la de allá, a quienes puede tratar de amigos, de próximos, de parientes, sentando a su mesa a Bécquer con Eduardo, a Cervantes con Toninho, a Machado con Mariana o a Manrique con su padre, haciendo así que la dignidad de las personas se calibre con la medida del amor. Ester nos abre la ventana para que veamos la fiesta donde los invitados, no en desorden sino espontáneamente, iluminan de su mano las estancias que visitan.

Para no olvidar: una reunión de vidas en homenaje es un acto de inmensa generosidad (uno más en su vida) para que las personas, las palabras y las palabras de esas personas no se queden en el olvido, aun a riesgo de contradecir, quizá mejor de aliviar, la pena de Cernuda, cuando la autora le dedica el magnífico "¿Quién dice que hay olvido?": *Morir parece fácil! La vida es lo difícil [...]*. Nuestra autora también lo ha descubierto. Sabe en carne propia que la vida, que seguir viviendo es la condena de los que se quedan aquí, con el único consuelo de perdurar en la memoria de los que vengan, como los que se fueron lo hacen en la nuestra.

Ester Abreu Vieira de Oliveira • 11

Capa de *Para no olvidar* e pós-escrito de Edna Parra.

Em voz alta

Out Loud¹

Carlos Nejar²

Ester Abreu nos surpreende com este livro de poemas. E surpreender é a arte da poesia.

Diz o poeta francês René Char, entre “furor e mistério”, que a poesia deve perturbar. E essa perturbação se estabelece através da forma de os versos captarem os sonhos, ou de como eles nos tocam. Ou no espanto de viver se entranham.

Ester é mestra reconhecida no magistério de literatura espanhola. Com livro precioso sobre o teatro e seu poema exprime “coraçõemente” (o termo é de Guimarães Rosa) o espírito ibérico, que ela tanto conhece, numa versão pessoal e romântica, ao considerar o romantismo, bem mais do que escola, um estado de alma. Ao transparecer a rica tradição hispânica nos versos, a sombra dos

¹ NEJAR, Carlos. Em voz alta [Orelha]. In: OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Inesperadas canciones*. São Paulo: Opção, 2016.

² Escritor da Academia Brasileira de Letras.

grandes poetas, seu segredo é saber sondar os desconhecidos dessa aventura de linguagem, unida ao universo da cultura, sempre com adverbial musicalidade.

São poemas para serem lidos em voz alta, pela sua natureza fonética. Sob o rítmico tambor do tempo. Afirma Cassiano Ricardo que ler é muito mais do que ver. Ou melhor, é ver sentido, ver imaginando.

A poesia – e Ester Abreu – o comprova: não é máquina de signos, é entonação, espécie de silêncio, que Pascal comparava aos espaços infinitos, mas é fundo e afinado silêncio de palavras.

Morada do Vento, Vitória
7 de março de 2016



EM VOZ ALTA

Ester Abreu nos surpreende com este livro de poemas. E surpreender é a arte da poesia.

Diz o poeta francês René Char, entre "furor e mistério", que a poesia deve perturbar. E essa perturbação se estabelece através da forma de os versos captarem os sonhos, ou de como eles nos tocam. Ou no espanto de viver se entranham.

Ester é mestra reconhecida no magistério de literatura espanhola. Com livro precioso sobre o teatro e seu poema exprime "coração" (o termo é de Guimarães Rosa) e o espírito ibérico, que ela tanto conhece, numa versão pessoal e romântica, ao considerar o romantismo, bem mais do que escola, um estado de alma. Ao transparecer a rica tradição hispânica nos versos, a sombra dos grandes poetas, seu segredo é saber sondar os desconhecidos dessa aventura de linguagem, unida ao universo da cultura, sempre com adverbial musicalidade. São poemas para serem lidos em voz

alta, pela sua natureza fonética. Sob o rítmico tambor do tempo. Afirma Cassiano Ricardo que ler é muito mais do que ver. Ou melhor, é ver sentido, ver imaginando.

A poesia – e Ester Abreu – o comprova: não é máquina de signos, é entonação, espécie de silêncio, que Pascal comparava aos espaços infinitos, mas é fundo e afinado silêncio de palavras.

Morada do Vento, Vitória,
7 de março de 2016.

Carlos Nejar
Escritor da Academia Brasileira de Letras.

Capa de *Inesperadas canciones* e orelha de Carlos Nejar.

Prólogo

Prólogo¹

Silvia Cárcamo²

La poesía de Ester Abreu Vieira de Oliveira siempre me provocó ese placer que no se agota en la superficie de sí mismo. Cada poema nos obliga a levantar la vista para seguir pensando, ya que se trata de la clase de poesía que nos sitúa, de pronto, frente a las grandes cuestiones de la vida: el sentido de cada acto del que somos responsables, el amor, la separación, la muerte y la reconciliación final con los otros y con nosotros.

Inesperadas canciones me pareció un libro discretamente autobiográfico en el cual el yo se insinúa de dos maneras. Por un lado, se manifiesta en la figura de la lectura; por otro, la vida personal se hace presente en la alusión de afectos familiares declarados. Dijo cierta vez Ricardo Piglia que la autobiografía de un escritor se condensa en la historia de sus lecturas, de los gustos literarios. Para saber quién es un escritor, debemos seguir la pista de sus lecturas. En ese sentido, resulta evidente que Ester, una lectora apasionada que escribe poesía,

¹ CÁRCAMO, Silvia. Prólogo. In: OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Inesperadas canciones*. São Paulo: Opção, 2016. p. 9-10.

² Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

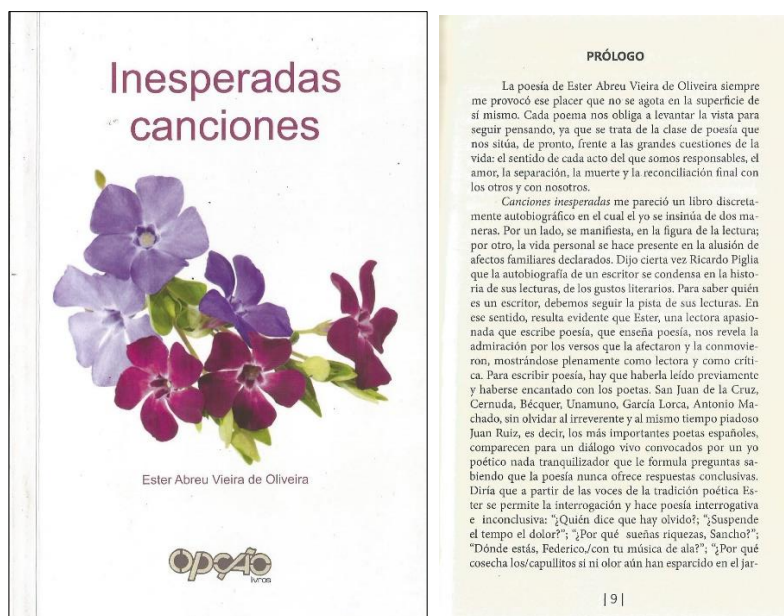
que enseña poesía, nos revela la admiración por los versos que la afectaron y la conmovieron, mostrándose plenamente como lectora y como crítica. Para escribir poesía, hay que haberla leído previamente y haberse encantado con los poetas. San Juan de la Cruz, Cernuda, Bécquer, Unamuno, García Lorca, Antonio Machado, sin olvidar al irreverente y al mismo tiempo piadoso Juan Ruiz, es decir, los más importantes poetas españoles, comparecen para un diálogo vivo convocados por un yo poético nada tranquilizador que le formula preguntas sabiendo que la poesía nunca ofrece respuestas conclusivas. Diría que a partir de las voces de la tradición poética Ester se permite la interrogación y hace poesía interrogativa e inconclusiva: “¿Quién dice que hay olvido?”; “¿Suspende el tiempo el dolor?”; “¿Por qué sueñas riquezas, Sancho?”; “¿Dónde estás, Federico, / con tu música de ala?”; “¿Por qué cosecha los / capullitos si ni olor aún han esparcido en el jardín?”. Preguntas con apariencia de ingenuidad que nos llevan, sin embargo, al fondo de las cosas. A la interrogación se suma la paradoja tan familiar a la lectora de Unamuno, y por ello nos habla de una “exactitud naturalmente inexacta” o nos confiesa, ya en una reflexión metapoética que con “mis palabras compongo mis silencios”.

La incompletitud y la angustia no están ausentes en *Inesperadas canciones*. Hay una falta que no es posible llenar, y si la expresión se justifica se debe también a que “mis palabras ahogan mis sollozos”. El abismo está allí y la voz poética se asoma con coraje preguntándose: “¿Qué es la vida?”, para responder que es “un vivir y desvivir”.

En cuanto a los afectos familiares, que nos hablan de la relación madre/hijo/hija/marido/abuelo/suegro, instalándonos aparentemente en la estabilidad del hogar, también nos conducen a las separaciones dolorosas, a las renunciaciones por la desaparición momentánea o permanente de los seres queridos. Los versos se hacen íntimos, sin abandonar el pudor o la discreción femeninas.

Cuando terminé de leer ese conjunto extraordinario de poemas, fue inevitable preguntarme por qué esas “canciones” serían “inesperadas”. Me parece que

como cualquier acontecimiento que no se aguarda, como algo que aparece en el medio del camino, nos produce sorpresa, nos descoloca, pero puedo asegurar que el encuentro propuesto como no premeditado con la poesía de Ester Abreu nos lleva a una experiencia deliciosa por la cual sentimos el goce de quien se expresa por la creación artística. Esa poesía es una continuación, por otros medios, de la incansable actividad de una mujer dedicada a la docencia y a la investigación de las literaturas hispánicas, que desde su hogar y su sala de clase se abrió al mundo.



Capa de *Inesperadas canciones* e início do "Prólogo" de Silvia Cárcamo.

Presentación

Apresentação¹

Pedro Sevylla de Juana²

Este libro no fue escrito para ser premiado en un concurso, ni para ser leído esperando al ómnibus. Me imagino lector junto al mar – pero no en la suave playa – en lo alto del acantilado abrupto. Hay misticismo en él, hay forma y fondo místicos, hay manera de existir mística. Los títulos del sumario son versos que en sí mismos conforman un poema. Hay delicadeza al elegirlos, hay voluntad de explicar intenciones. Todos los cantos, por su propia naturaleza son inacabados. Pero este libro-canto lo es menos que otros, porque es circular o elíptico, su comienzo y su final se unen en un giro sin fin. Basta con quitar la palabra prefacio. Brota el canto sin lucha, de manera espontánea natural y voluntaria. Surge como el agua del manantial. Y el manantial de Ester Abreu es profundo.

Hay en él vida, propia y ajena amalgamadas, porque Ester Abreu fue alumna antes de ser maestra, y sigue siendo alumna en cuanto sale del aula. Sus lecturas, toda su enorme capacidad de lectura, obedecen a la necesidad de alimentarse, de llenar el vacío de su curiosidad. Curiosidad de aprendiz y amor agradecido de

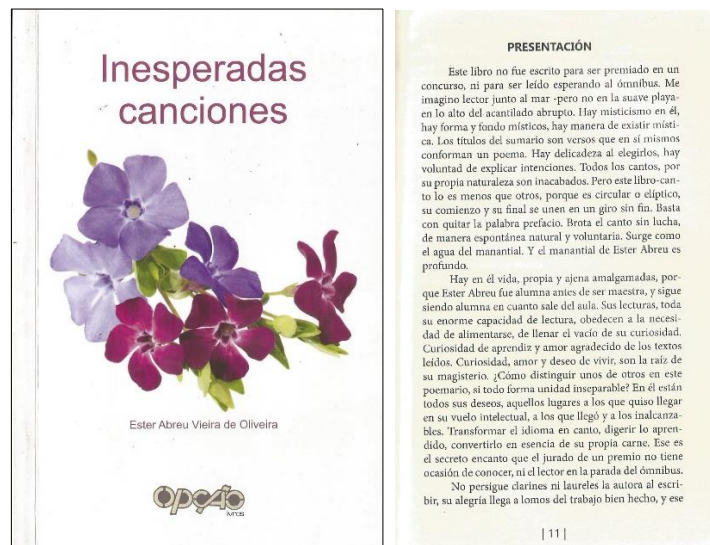
¹ SEVYLLA DE JUANA, Pedro. Presentación. In: OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Inesperadas canciones*. São Paulo: Opção, 2016. p. 11-12.

² Escritor e acadêmico correspondente da Academia Espírito-santense de Letras.

los textos leídos. Curiosidad, amor y deseo de vivir, son la raíz de su magisterio. ¿Cómo distinguir unos de otros en este poemario, si todo forma unidad inseparable? En él están todos sus deseos, aquellos lugares a los que quiso llegar en su vuelo intelectual, a los que llegó y a los inalcanzables. Transformar el idioma en canto, digerir lo aprendido, convertirlo en esencia de su propia carne. Ese es el secreto encanto que el jurado de un premio no tiene ocasión de conocer, ni el lector en la parada del ómnibus.

No persigue clarines ni laureles la autora al escribir, su alegría llega a lomos del trabajo bien hecho, y ese contento llena el orgullo íntimo, único orgullo de Ester Abreu, que en el interior queda. Los otros, solos y en conjunto, van siempre con ella de la mano, también en los poemas. Su mirada es crítica porque es mirada de investigadora, pero el juicio destaca lo positivo y lo ensalza.

No sabe cantar, pero su canto es excelso. Conviene subir a lo alto del acantilado interior o cerrarse en el claustro íntimo que cada lector tiene, para allí leerlo y saborear despacio la miel que ella, como abeja incansable, forma con el polen que va libando de la vida, de las vidas, propia y ajenas, aglutinadas en estos poemas.



Capa de *Inesperadas canções* e início da "Presentación" de Pedro Sevilla de Juana.

Abreu: “Conheci o mundo pela literatura.
Ela me impulsionou a viajar
e conhecer lugares onde algum escritor
viveu, morreu, sonhou”

Abreu: “I Knew the World through Literature.
It Boosted me to Travel and Know
Places Where Some Writer
Has Lived, Died, Dreamed”¹

Joacles Costa²

Ester Abreu Vieira de Oliveira nasceu em Muqui – Espírito Santo em 31 de janeiro de 1933 é Professora e escritora, possui graduação em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória (1960), Especialização em Filologia Espanhola – Madri (1968), Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba (1983),

¹ OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Entrevista a Joacles Costa. *ES em Dia*, Vitória, 25 out. 2020. Disponível em: <<https://www.emdiaes.com.br/Noticias/Cultura/coluna-abreu--conheci-o-mundo-pela-literatura-ela-me-impulsionou-a-viajar-e-#:~:text=Ela%20me%20impulsionou%20a%20viajar%20e%20conhecer%20lugares%20onde%20algum,Gald%C3%B3s%2C%20Santander%2C%20por%20Pereda>>. Acesso em: 14 out. 2022.

² Escritor e jornalista.

Doutorado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e Pós-Doutorado em Filologia Espanhola: Teatro Contemporâneo-UNED - Madri (2003).

Atualmente é aposentada e Professora Efetiva – (Voluntaria) e Emérita da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES - CCHN - DLL - PPGL Mestrado e Doutorado em Estudos Literários. Foi professora e diretora de Pesquisa e Pós-Graduação (DIPEPG) do Centro de Ensino Superior de Vitória. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, com estudos sobre a poesia, o teatro e a narrativa das literaturas hispânicas e literatura brasileira. Pertence à Academia Espírito-santense de Letras, à Academia Feminina Espírito-santense de Letras, ao Instituto Histórico, Geográfico do Espírito Santo, Associação Brasileira de Hispanista, Asociación Internacional de Hispanista, à AITENSO. Coordenou eventos e publicações de obras e participa de conselhos editoriais no Brasil e no exterior.

Joacles Costa: Quais são os seus livros publicados?

Ester Abreu: *O Coelho e a Onça / El Conejito y el Jaguar* (2019), Literatura infantil, Editora Cajuína, *O lagarto amedrontado do jardim / El lagarto amedrentado del jardín* (2018), *Uma família Feliz*, Português e Espanhol, Editora Formar (2019), *Uma Família Feliz*, Português e Pomerano, Editora Formar (2019), *As Aventuras de um Domingo no Parque*, conto, Editora Jordem (2020) Literatura infantil, *A poética de Santiago Montobbio: análise e tradução* (2017), *Relações entre Don Juan, Eros e Thanatos* (2017), *Metapoemas – A Poesia em torno de sua própria tessitura* (2017), *Ensaio sobre a dramaturgia: do clássico ao contemporâneo* (2016), *Inesperadas canciones* (2016), *Teatro clássico espanhol: quatro grandes dramaturgos: Torres Naharro, Lopes de Rueda, Lope de Vega, Tirso de Molina* (2016), *Aspectos de possessivo em português e em espanhol* (2014), *Poesias fotográficas – flashes de uma vida* (2014), *Presença de Judith Leão Castello Ribeiro* (2014), *Bibliografia, Estudio comparativo de la sintaxis*

verbal portuguesa y española con especial atención al uso brasileño (2013), *O mito de Don Juan: sua relação com Eros e Thanatos* (2013), *Antologia Caminhos Literários no Espírito Santo: Veredas Literárias: patronas e acadêmicas* (2013), *Vitória: poesia e história* (2013), *La casa de Lúculo o el arte de comer / A casa de Lúculo ou a arte de comer* (Tradução bilíngue) (2013), *O teatro se subjugou ao poder? Ideias esquartejadas sempre renascem* (2011), *Para una lectura del teatro actual. Estudio de PANIC de Afonso Vallejo* (2010), *Recordações de Muqui – Cidade Menina – em prosa e verso* (2010), *Salmos de inquietação e eclosão do ser* (2006), *Para no olvidar: una reunión de vida en homenaje* (2005), *Estudio de verbos españoles. Con ejercicios* (2004), *História em verso* (2004), *Ultrapassando fronteiras em metapoemas* (2004), *Momentos*. Vitória (1988), *Ibéria dividida* (1988), *Português para estrangeiros: 31 lições* (1981), *Los judios en Espírito Santo, Epifanias (como se fossem – Crônica)*, Editora Formar, (2020), *A Mulher Escritora no Espírito Santo e a Academia Feminina Espírito-santense de Letras, Academia Espírito-santense de Letras* (2019), *Enlaces Poéticos* (Antologia AFESL) *Café & Livros* (2020), *No limiar da Imortalidade*, IHGES, (1998), *Trevo de Quatro Folhas, Haikais*, IHGES, (1999), *Sorriso de persona. Estudos sobre teatro e recepção*, Edufes (2014), *Miguel de Cervantes Saavedra. Retablo de las Maravillas / Retábulo das Maravilhas* (Bilíngüe), Embajada de España em Brasil - Consejería de Educación. (2004). Além dessas obras tenho participações em antologias, revistas, anais de congresso e jornais.

Joacles Costa: Como você foi estimulada a desenvolver o gosto pela escrita?

Ester Abreu: Desde menina escrevia pequenas composições às vezes pedidas no colégio. No terceiro ano primário com 9 anos, participei até de um concurso de redação. Escrevia cartas para meus avós. No curso Ginásial e, principalmente no Curso Normal, nas aulas do Professor Lugon, no Colégio de Muqui, quando faltavam poucos minutos para terminar as aulas ele dava uma atividade relâmpago. Em cinco minutos tínhamos que desenvolver um tema. Na próxima aula ele levava os textos e sempre os meus eram escolhidos para leituras. Ficava

muito orgulhosa porque ele depois elogiava a meu pai. E para mim era uma glória ouvir o comentário de meu pai. Mas as cartas que escrevia e recebia de meu tio Sadinho, me estimularam a fazer Letras para melhor ter conhecimento de português e francês. Durante o curso de Letras os professores davam tarefas de pesquisas, que resultavam em ensaios. As notas aferidas dos textos serviam só para entrar em exame, mas desenvolvia a escrita, pois ela sempre só vem acompanhada pela leitura e, claro, por uma boa crítica. Então Joacles, o gosto pela escrita pode-se dizer que desenvolveu por duas vertentes paralelas: estímulos dos professores e leituras.

Joacles Costa: Quando o escritor escreve, a palavra adquire realidade?

Ester Abreu: Realidade é por si só tudo o que existe, o visível e também o que se encontra no íntimo do Ser. Sendo assim o que o escritor escreve é realidade. Ainda que o mundo seja diferente do visível é uma realidade da palavra escrita que veio da mente do escritor. E o leitor vai questionar aceitar ou negar ou duvidar do exposto pelo escritor. O autor propõe um jogo de símbolos e o leitor fica a cargo de descobri-lo. A impressão que o leitor tem é o verossímil na literatura, e o que concebemos como realidade. O autor limita-se a registrar uma realidade, não a representá-la. Ele seleciona o que ouviu, viu, por meio de recordações, de temores, de previsões, de sua realidade interna e o leitor a recria. Exemplo clássico são os gigantes vistos, aumentados com o fermento imaginativo de Cervantes e imaginados e vistos por Dom Quixote.

Joacles Costa: Como preparar os intelectuais do amanhã?

Ester Abreu: A atualidade está muito visual? O mundo virtual domina e é enriquecedor. Há bate-papos literários, há lives, facebook, instagram, e-books, filmes, show, televisão, várias formas de se informar, crescer intelectualmente, mas os livros não contêm folhas mortas. São páginas e páginas elaboradas linhas por linhas com conteúdos que não podem ser descartáveis. Assim o intelectual se formará folheando livros e procurando recompor ideias em folhas de papel.

Joacles Costa: Por que você não queria ser professora?

Ester Abreu: Como sou tímida, e tenho me esforçado para dominar esse medo de me comunicar em público, não queria ser professora. Para não ter que enfrentar pessoas diante de mim. Pensava em fazer contabilidade ou direito, desde que fosse para trabalhar só em escritório. Mas minha mãe me falou que eu poderia fazer o Curso Normal, ir trabalhar como professora durante dois anos, e, depois, ganhar uma bolsa de estudos para fazer um curso para Professora de Educação Física, em Vitória. A minha professora de Educação física era muito bonita e minha prima, e de fazer exercícios físicos gostava. Assim com esse “engambelo”, fiz o exame de seleção. Mas, quando comecei a dar aulas em escola rural e comecei a amar as crianças e entusiasmar-me com o milagre da aprendizagem de crianças e de adultos, fui-me entusiasmando pela profissão. É maravilhoso ver os olhares amigos e ouvir a leitura e ler a escrita de adultos e crianças que ali entraram sem nada saber. Fui me entusiasmando cada vez mais em procurar transmitir o que sabia para o outro. É uma doação, mas muito mais recepção. No magistério pude cada vez mais aprender para poder transmitir.

Joacles Costa: O escritor é aquilo que lê e vive?

Ester Abreu: Inegavelmente sim. Parodiando Borges em “El jardín de senderos que se bifurcan”, explanamos que o escritor vive num caminho que se subdivide de acordo com as suas leituras. Por meio dela seu conhecimento se amplia e as possibilidades de escrever ampliam. Pois todo o cabedal escrito é produto de sua vivência e de suas leituras. Como uma matriosca é o produto do escritor. Num livro se encaixam muitos outros livros e vida.

Joacles Costa: O que a sua literatura representa para o estado Espírito Santo?

Ester Abreu: Essa pergunta é capciosa. Faz-nos voltar para nós criticamente. Primeiro porque a literatura não representa o Estado do Espírito Santo, ela faz parte de uma literatura do Brasil, país de diversidade geográfica, cultura, raça e literatura. Depois como minha produção literária é eclética: com livros didáticos, de poesia, de tradução, de ensaios, de crônicas, de memória e infantil, pode-se dizer que esta variedade acompanha a essência brasileira.

Joacles Costa: Quais os mundos que a literatura te levou?

Ester Abreu: Conheci o mundo pela literatura. Ela me impulsionou a viajar e conhecer lugares onde algum escritor viveu, morreu, sonhou. Lugares, por exemplo, onde visitei devido às leituras: Machu Picchi depois que li de Pablo Neruda El Canto General, La Coruña, levada pela Pardo Barzan, Las Gran Canarias por Galdós, Santander, por Pereda. Soria, por Antonio Machado, Oviedo pela La Regenta, e assim fui conhecendo geograficamente, mas também levada pelas leituras vi o sol da meia noite, e muitos e muitos países distantes e culturas diversas.

Título: EPIFANIAS – COMO SE FOSSEM CRÔNICAS

Autor: Ester Abreu Vieira de Oliveira



EPIFANIAS – COMO SE FOSSEM CRÔNICAS reúne textos informativos (quase ensaios), crônicas e poesia. A obra contém um conteúdo rico, diversificado e tem o livro como uma fonte de consulta. O leitor jovem ou não mergulha num mundo de lembranças de causos, de impressões, de situações familiares, de temas variados, algumas vezes apoiados em citações que oferecem ao leitor estímulo a conhecer a obra citada. São Crônicas reflexivas que fazem uma visão panorâmica da literatura desde os tempos medievais ao contemporâneo. O livro apresenta textos de autores com os quais Ester trabalhou ao longo da vida profissional em sala de aula e conta uma parte da Infância e Juventude dela em Muqui – Espírito Santo. O livro termina com alguns poemas dedicados à Muque, cidade natal da escritora.

Ano: 2020

Número de páginas: 207 páginas

Leitura Em Dia: O que você está lendo no momento: Estou lendo Anjos e diabos do Espírito Santo de José Carlos Mattedi, pois sempre procuro ler livros de acadêmicos. Mas o que estava rerecendo pela manhã eram poemas de Juan Ramón Jiménez³.

2848 25/10/2020 às 15:46 - última atualização 01/11/2020 às 14:09

Coluna: Abreu | “Conheci o mundo pela literatura. Ela me impulsionou a viajar e ...

Por Joaciles Costa
Redação Em Dia ES

conhecer lugares onde algum escritor viveu, morreu, sonhou.”



Ester Abreu Vieira de Oliveira nasceu em Muqui – Espírito Santo em 31 de janeiro de 1933 é Professora e escritora, possui graduação em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória (1960),

Print da página eletrônica com a entrevista de Ester Abreu Vieira de Oliveira.

³ Revisão de texto: Max Maciel.

Mutações: entre o sonho e a poesia¹

Mutações: Between Dream and Poetry

Andréa Gimenez Mascarenhas*

Versos em diferentes matizes de verdes e azuis emergem da tela de Van Gogh, “Barcos de pesca no mar” (1888), tela esta que não por acaso ilustra a capa deste livro de poemas intitulado *Mutações*. A autora, Ester Abreu Vieira de Oliveira, possui uma biografia que engrandece o cenário da literatura produzida no estado do Espírito Santo e extrapola o território nacional, sendo reconhecida em outros países, principalmente de língua hispânica. No entanto, para muito além de sua rica biografia como escritora, docente e integrante de diversas instituições literárias e culturais, Ester Abreu é uma pescadora de sonhos e nos leva por uma imensidão de verde-azul a sonhar. O leitor é convidado a um mergulho de corpo e alma numa espécie de vórtice das palavras.

¹ MASCARENHAS, Andréa Gimenez. *Mutações: entre sonho e poesia*. 2021. In: NUNES, Pedro J. (Org.). *Tertúlia capixaba*. Colaboração de Leia capixabas, de Anaximandro Amorim. Vitória, 2022. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/leia_capixabas/mutacoes_entre_o_sonho_e_a_poesia.html>. Acesso em: 7 nov. 2022.

*Psicóloga clínica.

O livro contém 31 poemas que versam sobre o mistério da própria criação poética, mesclando com toques sutis sensualidade e inquietações existenciais. São águas que bailam em movimentos sinuosos e curvilíneos como ondas, qual o corpo de uma mulher, um corpo que dança, (“os galhos e as folhas dançarinas” [OLIVEIRA, 2021, p. 17]). Os versos de Ester Abreu transmutam em leveza a angústia dos dias presentes. Uma escrita feminina, um olhar feminino que tem o poder de restituir a beleza e a vida por meio de um ritmo que invoca o que há de mais subterrâneo, o *nonsense*, o devaneio. Na justificativa da autora,

[...] a princípio, não pensava levar a público alguns momentos nos quais libertei a alma de emoção, que deixei emergirem subterrâneas imagens, as quais não proclamo *ipsis litteris*, imitem as de Orfeu, que, em tempos imemoriais, foi capaz de falar a todos os seres com seu encantador canto. Longe de mim tal comparação e ascensão poética (OLIVEIRA, 2021, p. 13).

Em *Mutações*, Ester Abreu busca a essência da poesia: “[...] procuro a essência da poesia numa visão externa, recriada que me despertou o ápice do sonho” (OLIVEIRA, 2021, p. 13). O ápice do sonho remete a um ponto de opacidade/obscuridade, aquilo que Freud denominou em seu texto “A interpretação dos sonhos” (1900) como sendo “o umbigo do sonho”, justamente o que não pode ser conhecido por aquele que sonha devido à intrínseca relação que mantém com o desejo. Trata-se de um enigma encoberto por imagens oníricas metamorfoseadas, deslocadas ou condensadas. Os sonhos têm essa propriedade mutante, deixam apenas vestígios, assim como a poesia.

Ester Abreu deseja que o leitor a acompanhe no “arcabouço das palavras”, e para isso realiza uma viagem através do desconhecido, adentrando o “umbigo do sonho”. O arcabouço poético sustenta a alma humana. Um corpo sem alma não vive, não pulsa, apenas sobrevive. Os poemas de Ester Abreu, conforme diz Francisco Aurelio Ribeiro ao prefaciá-la obra, “são luz nestes tempos obscuros”.

O poema “Mistério” (OLIVEIRA, 2021, p. 15) abre o livro:

Da raiz da alma
brota, brota, brota
a canção
a emoção
fresca
fragrante
jorra
nas entrelinhas
do papel.

Os primeiros poemas do livro: "Mistério"; "Angústia"; "Indagações"; "Revelação I" e "Pomar de minha infância", são marcados por questionamentos sobre a existência, incertezas, uma sombra de angústia, solidão, e reminiscências da infância. Sentimentos certamente advindos de um tempo pandêmico, mas também, ao que parece, de um tempo interior, subjetivo, como refletem os versos do poema "Angústia" (OLIVEIRA, 2021, p. 17). Uma espécie de solidão escolhida.

- Só, infinitamente só, desintegrada...
Inarmônica com a lua e as estrelas num céu claro
o sol e a vida sensitiva
as ondas e as águas murmurantes
a praia e as espumas sorridentes
os galhos e as folhas dançarinas.
- Só, infinitamente só, desintegrada...
Semelhante ao perfume da flor desprendido.
à melodia adormecida no espaço
ao apagar das luzes num jardim
à espuma desfeita na areia.
- Só, infinitamente só, desintegrada...
(Perfume esvaído
Melodia perdida
trevas desoladas
espumas acabadas)
- Só, muito, muito só o terminar...

Marguerite Duras, considerada por muitos como uma das mais notáveis escritoras francesas do século XX, em seu livro de ensaios intitulado *Escrever* fala que a solidão e a dor residem no processo de escrita. “A solidão da escrita é uma solidão sem a qual a escrita não acontece, ou então se esfarela, exangue, de tanto buscar o que mais escrever” (DURAS, 2021, p. 24).

O silêncio em *Mutações* reveste-se de louvores e canções, (“Oculto entre cores / orquestra / anuncia o dia. / Bach, Beethoven e Mozart / invejariam a harmonia” [OLIVEIRA, 2021, p. 33]). Sucedem-se às indagações existenciais dos primeiros poemas, versos impregnados de música, vida, cores e amores entre céu, terra, mar e divindades. Primitivos elementos que constituem um DNA poético e mutante como no poema “Visão marítima” (OLIVEIRA, 2021, p. 45):

Instantaneamente
o céu desce
enquanto marejas sal.

Da janela
ouço o teu rumorejar
ao quebrar-te na praia.

As ondas crescem
gemem.

Em cópula lunar
As águas elevam a calda.

Inquieto reluzes, ó mar,
expelindo espumas
- dejetos infinitos

Os últimos poemas do livro, “Silêncio”; “Deus, Tu és meu Deus”; “A dor da Virgem diante do filho crucificado” e “Oração”, traduzem um desejo de aceitação da beleza da vida como dádiva divina. O poema “Deus, tu és meu Deus” (OLIVEIRA, 2021, p. 71) remete a um arrebatamento místico tão intenso como na poesia de Santa Tereza D’Ávila, considerada a Doutora da Igreja. Busca a união do corpo

com o espírito (“Busco a Ti, Senhor. Ó meu Deus, / Para unir-me intimamente Contigo”). Um verdadeiro encontro com o campo do feminino, impossível de simbolizar, apenas passível de sentir.

Enfim, às indagações explicitadas no poema “Indagações” (OLIVEIRA, 2021, p. 19):

Quando partir, ficarei
nas rosas?
nos pássaros?
no mar?
na noite?
Quando partir, ficarão
a noite estrelada
o mar azul
os seres alados
a vida sensitiva,
mas eu – etérea forma –
onde ficarei?

podemos apenas responder com alguma poesia. É certo que os primeiros raios da manhã nascem dissipando os sonhos da noite anterior e deixam apenas alguns vestígios de oníricas imagens. No entanto, os poemas de Ester Abreu, através de seus vestígios, nos levam a sonhar eternamente.

Ester, estrela mutante, mulher, luz e poesia...

“A poesia é a possibilidade de dizer algo sobre o indizível. Se o sonho deixa apenas alguns vestígios, a poesia por sua vez, através dos seus vestígios, nos leva a sonhar” (Andréa Gimenez Mascarenhas)

Referências:

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Mutações*. Vitória: Cousa, 2021.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. A interpretação dos sonhos, 1900. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. IV.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Tradução de Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

tertúlia quem somos mapa do site

Tertúlia

Livros e Autores do Espírito Santo



Mutações: entre o sonho e a poesia

Andréa Gimenez Mascarenhas



Versos em diferentes matizes de verdes e azuis emergem da tela de Van Gogh, "Barcos de pesca no mar" (1888), tela esta que não por acaso ilustra a capa deste livro de poemas intitulado *Mutações*. A autora, Ester Abreu Vieira de Oliveira, possui uma biografia que engrandece o cenário da literatura produzida no estado do Espírito Santo e extrapola o território nacional, sendo reconhecida em outros países, principalmente de língua hispânica. No entanto, para muito além de sua rica biografia como escritora, docente e integrante de diversas instituições literárias e culturais, Ester Abreu é uma pescadora de sonhos e nos leva por uma imensidão de verde-azul a sonhar. O leitor é convidado a uma mergulho de corpo e alma numa espécie de vértice das palavras.

O livro contém 31 poemas que versam sobre o mistério da própria criação poética, mesclando com toques sutis sensualidade e inquietações existenciais. São águas que bailam em movimentos sinuosos e curvilíneos como ondas, qual o corpo de uma mulher, um corpo que dança, ("Os galhos e as folhas dançarinas", p. 17). Os versos de Ester Abreu transmitem em leveza a angústia dos dias presentes. Uma escrita feminina, um olhar feminino que tem o poder de restituir a beleza e a vida por meio de um ritmo que invoca o que há de mais subterrâneo, o nonsense, o devaneio. Na justificativa da autora, "[...] a princípio, não pensava levar a público alguns momentos nos quais libertei a alma de emoção, que deixei emergirem subterrâneas imagens, as quais não proclamam *ipse litteris*, imitem as de Orfeu, que, em tempos imemoriais, foi capaz de falar a todos os seres com seu encantador canto. Longe de mim tal comparação e ascensão poética" (p. 13).

Em *Mutações*, Ester Abreu busca a essência da poesia: "[...] procuro a essência da poesia numa visão externa, recriada que me despertou no ápice do sonho" (p. 13). O ápice do sonho remete a um ponto de opacidade/obscuridade, aquilo que Freud denominou em seu texto "A interpretação dos sonhos" (1900) como sendo "o umbigo do sonho", justamente o que não pode ser conhecido por aquele que sonha devido à intrínseca relação que mantém com o desejo. Trata-se de um enigma encoberto por imagens oníricas metamorfoseadas, deslocadas ou condensadas. Os sonhos têm essa propriedade mutante, deixam apenas vestígios, assim como a poesia.

Print do site *Tertúlia*, de Pedro J. Nunes, com o texto de Andréa Gimenez Mascarenhas.

El mar está al final de algunos niños (Hacia el sentir y el escribir de Ester Abreu Vieira de Oliveira)

El mar está al final de algunos niños (Para o sentir e o escrever de Ester Abreu Vieira de Oliveira)

Santiago Montobbio*

Había recibido hacía poco *Epifanias: como se fossem crônicas*, el entonces último libro de Ester Abreu Vieira de Oliveira, cuando escribí un texto que rememoraba mi relación y trato con ella, una relación de amistad y de colaboración fecunda a través del amor por las palabras y de la poesía y que titulé "Amistad a lo largo", y que fue mi colaboración para el número que la *Revista da Academia Espírito-santense de Letras* dedicaba a su centenario. Al final de ese texto mencionaba este entonces último libro de Ester, porque veía en él virtudes y características que la representaban y definían muy bien, su sentir y su escribir en su singularidad, en la originalidad y frescura de su voz personal, y que eran unas características que me hacían sentir esta escritura y percepción de las cosas muy próximas. Podría ir a buscar lo que entonces dije, pero no hace

* Escritor.

falta. Está en este título la asunción de contrarios, la posibilidad de que el arte relate, pueda contar un intenso fulgor espiritual, es decir, una epifanía como si fuera una crónica. Es posible hacerlo. El arte permite la paradoja, el darse en las junturas, a veces lejos de toda programación posible, y en caminos insospechados. Esta unión y mezcolanza de poesía y ensayo, de la poesía en el ensayo, es algo que me parece muy característico y muy personal de una voz, y algo que me hace sentir que estoy de ella muy cerca. Algo así tuve que decir, y lo digo de nuevo. Lo digo ahora, en esta ocasión, al escribir unas palabras sobre el particular sentir y escribir de Ester, con la voluntad de que intenten acercarnos lo que los singulariza, y tras leer con atención y calma este libro al que entonces me referí, *Epifanias: como se fossem crônicas*, y también el ahora último libro de la profesora, escritora y poeta, *Mutações*.

Este nuevo libro de poemas de Ester se abre con un envío o dedicatoria y un lema o dístico que van dirigidos a todos pero a mí especialmente me interpelan y desde luego me parece que resultan especialmente significativos. Ese envío o dedicatoria para todos y que siento se dirige a mí, y me permite sentir que puedo aventurarme a escribir estas palabras, pues comparto esta aventura, es el siguiente: "Para os que se desbruçam / no arcabouço das palavras". Sí, Ester sabe que compartimos esta pasión y este empeño, y siento, al sentirme incluido en este envío o dedicatoria de su último libro de poemas, que puede estárseme permitido decir algo de esta aventura, intentar acercarme a ella, tal como me parece que en Ester se da y la practica. A las palabras dedica también la primera sección de *Epifanias*, y nos da razón de así hacerlo en su "Apresentação": "Os textos elencados na primeira parte oferecem relações entre a palavra, seu valor, poder e docilidade de se encaixar em outros textos, pois todo escritor, dominado pela palavra, consciente ou inconscientemente, cria situações, rememora fatos, mostra o seu saber, identifica-se com outros textos e reflete-os". Así las tres secciones de este libro, que se encadenan y podemos de algún modo, en algún punto unir – "O poder da palavra", "Entre os livros e a vida", "Telúricas recordações" –, porque en la infancia está la fuente y también el amor y el principio de las palabras, y en los libros la vida, y la vida para ellos, vuelta a ellos.

Nos dará razón, al final del primer capítulo, “Apontamentos da escrita e de seu caminhar com justificativas do seu fazer e o porquê”, de porqué se acerca y nos traslada el arte poética de otros escritores, qué del escribir han pensado y dicho, y volveré a ello. Pero me encuentro muy pronto entre los mismos con Jorge Luis Borges, un escritor que nos acompaña a los dos, y cuya devoción compartimos, algo que percibo también en lo que de él cita – en las ocasiones que lo cita –. Nos dice Ester: “Jorge Luis Borges (1889-1986), escritor argentino, em “Pierre Menard autor do *Quixote*” (1986, p. 47) escreve sobre a arte de criar uma obra e a influência das leituras no processo criador de uma obra ficcional. // Também orienta, com a sua experiência de escritor, que para escrever é preciso ter um plano coerente e o texto tem que ser relido. Para escrever é preciso ter emoção e ler muito”. Y aquí las palabras que cita de Borges, pues nos dice que “Declara que escrever: É um prazer e uma necessidade. Escrevo por efeito desse impulso misterioso da criação e tento não intervir em seu desenvolvimento. Nunca começo sem antes ver, com clareza, o princípio e o fim. Depois dito vários rascunhos, normalmente três, e sempre acompanhando a conexão temporal da história. Sim sei que a partir de Joyce, muitos alteram essa norma e intercalam os tempos narrativos. É um erro. Não posso me imaginar um *Quixote* sem sucessão. [...] Ler e escrever são formas acessíveis da felicidade. [...] Sem leitura não se pode criar, e sem emoção, tampouco. Os textos são, sobretudo, espírito, e a emoção é necessária porque não se pode viver sem ela. O importante é sonhar e ser sincero com seus sonhos (STORTINI, p. 69-71)”. Lo que aquí dice Borges de su proceso de escribir, de cómo ve el principio y el final y ha de desandar por la zona de sombra, lo dice también en uno de sus prólogos. He acudido en muchas ocasiones a los prólogos de Borges, en especial a los prólogos de sus libros de poemas, en los que hay consideraciones maravillosas. Borges recuerda a Borges y lleva a Borges, y lo que aquí dice Ester me hace pensar en lo que el poeta argentino dice en uno de sus prólogos, en concreto en el de su libro de poemas *La rosa profunda*: “La doctrina romántica de una Musa que inspira a los poetas fue la que profesaron los clásicos; la doctrina clásica del poema como una operación de la inteligencia fue enunciada por un romántico, Poe, hacia 1846. El hecho es paradójico. Fuera de unos casos aislados de

inspiración onírica – el sueño del pastor que refiere Beda, el ilustre sueño de Coleridge –, es evidente que ambas doctrinas tienen su parte de verdad, salvo que corresponden a distintas etapas del proceso. (Por Musa debemos entender lo que los hebreos y Milton llamaron el Espíritu y lo que nuestra triste mitología llama lo Subconsciente). En lo que me concierne, el proceso es más o menos invariable. Empiezo por divisar una forma, una suerte de isla remota, que será después un relato o una poesía. Veo el fin y el principio, no lo que se halla entre los dos. Esto gradualmente me es revelado, cuando los astros o el azar son propicios. Más de una vez tengo que desandar el camino por la zona de sombra. Trato de intervenir lo menos posible en la evolución de la obra. No quiero que la tuerzan mis opiniones, que, sin duda, son baladíes. El concepto de arte comprometido es una ingenuidad, porque nadie sabe del todo lo que ejecuta. Un escritor, admitió Kipling, puede concebir una fábula, pero no penetrar su moraleja. Debe ser leal a su imaginación, y no a las meras circunstancias efímeras de una supuesta “realidad”. Algo parecido dice Borges en las palabras que reproduce Ester, algo a lo que podemos unir las. Nos dirá más adelante Ester en este capítulo: “Escrever é solidão e angústia. O desejo do poeta fica entre emoção e inteligência. Nessa ambiguidade, busca descrever o mundo da realidade. Mas escrever é sempre indagar, agregar experiências e renová-las”. Emoción e inteligencia, inspiración y razón, espíritu y estudio o formación o trabajo. Cabría emparentar esta dicotomía con la cuestión de la naturaleza y el arte que está ya en el *Arte poética* de Horacio, como estará, formulada en los términos de inspiración y trabajo en los *Consejos a los jóvenes poetas* de Baudelaire, y en ambos casos – Horacio, Baudelaire –, y en contra de lo que de ellos se suele afirmar, quizá por no ir a lo que de verdad dicen sus textos y desconocerlos en realidad, para sostener una posición de afirmación en la conciencia de la necesidad de la existencia de ambos polos o aparentes contrarios y de su fatal, inevitable, necesaria convivencia. Así lo dice Horacio: “¿Hace loable un poema la naturaleza o el arte? / He ahí la cuestión. Yo no veo en qué aprovecha el estudio / sin rica vena o ingenio en bruto; ambas cosas / se piden ayuda mutua y se conjuran amistosamente”. Puede parecer que me estoy alejando. Pero quizá no – creo que no. Esta convivencia entre emoción e inteligencia – son los términos

que emplea Ester- en el arte de las palabras está desde el principio y es cuestión medular a plantearse en lo que se medita sobre él. También así lo hace Ester, así las tiene presentes. Como otros escritores. Por esto se acerca a sus artes poéticas, y así nos lo dice al final de este capítulo – y ahora sí transcribo sus últimas palabras: “Assim, investigando o que disseram sobre a arte poética, o que é a arte de reproduzir, ou seja, de representar a idéia, como executá-la, qual a importância e sua contribuição para o agora, verifica-se que há certa identidade nas explicações dos escritores acima nomeados. Há em suas afirmações que na arte de escrever se mesclam: sinceridade, dificuldades, organização, e conhecimento de outras experiências da escrita”. Pero, además de acercarnos al arte poética de otros escritores, a recordar y poner encima de la mesa cuestiones medulares sobre el arte de escribir – como esta cuestión de la emoción e inteligencia y su coexistir en él, su necesaria convivencia –, cabe preguntarse de qué modo el escribir y sentir de Ester, su percepción de las cosas y su manera de trasladarlas en su escribir da razón de ello, qué ejemplo es y constituye, y en qué medida, de estos extremos, y cómo se dan en él. Creo que el modo en que se dan y conviven, en que aparecen de modo sorpresivo y fulgurante y a la vez están en su sustrato, en lo más hondo, como raíces desde el principio, es un punto que caracteriza de manera muy singular el escribir y sentir de Ester, y el que hace sea la suya una voz tan personal. Voy a intentar explicarme – a mí mismo y a todos – en lo posible.

El dístico que hace de lema del último libro de poemas de Ester, *Mutações*, al que ya me había referido, dice así: “O destacável no universo é a complexidade / Cada pessoa carrega o universo em seu coração”. La complejidad, el universo, el corazón. Y del corazón el escribir – y escribir, claro, con el corazón. Hay algo en estos dos últimos libros de Ester que son constantes presentes en su escribir y su percepción de las cosas – y cómo ésta se expresa en su escribir –, y es esta frescura y sencillez en medio de la complejidad y la hondura. Ester nos habla en este libro de la infancia, de la libertad, de la música, del barroco y del escribir. Quiero traer aquí unas iluminadoras palabras de Borges, este escritor que compartimos y los dos queremos, en otro prólogo a un libro de poemas: “Es

curiosa la suerte del escritor. Al principio es barroco, vanidosamente barroco, y al cabo de los años puede lograr, si son favorables los astros, no la sencillez, que no es nada, sino la modesta y secreta complejidad". Nos dice Ester en un momento de *Epifanias*, dentro del capítulo dedicado al soneto, su evolución y su secreto: "A essência do poema constitui as vozes íntimas suscitadas pela circunstância. Não há muita descrição e os temas que nela se encontram são as vivências do poeta, o mundo contemplado por ele e seu aspecto sensitivo".

Las voces íntimas, la intimidad. Que aparece de pronto, como un rayo de luz o un brotar de agua de fuente, fresca. En medio a veces de cauces insospechados o que podrían ocultarla pero que así se da y es, así pasa, y así, de esta manera la epifanía en las crónicas. Jorge Luis Borges decía que él sentía que era ante todo poeta, y que lamentaba que los demás no compartieran esta opinión. A veces lo he recordado, para decir que yo sí la comparto, como he recordado también el ensayo que Ernesto Sabato le dedicó, y que tituló "Los dos Borges", para decir que el Borges íntimo de sus poemas perduraría más que el admirado narrador de construcciones intelectuales. Es una opinión que en su día pareció original, pero que era profundamente lúcida. Pero este Borges íntimo y que es el que nos desarma y nos maravilla y más queremos está en sus poemas pero está también y aparece de pronto en sus ensayos, y en formas más discretas de ellos, como en sus prólogos, conferencias o conversaciones. Allí, de pronto, la intimidad. Que es la emoción o el espíritu, el aliento espiritual, que se encuentra y aparece de pronto, por ejemplo, en un texto en principio de ensayo. Creo que esta aparición y presencia de la poesía en el ensayo, imbricada con él, formando parte de él, esta unión de dos cauces que no tienen por qué estar separados sino que hay escritores que revelan su cercanía, aunque esto sea algo que hace muy personal una voz, está en la muy personal voz de Ester, y lo vemos muy bien en estas epifanías entre las crónicas, en medio de las crónicas – como se fossem crônicas, nos dice literal y exactamente desde su título.

La emoción, la intimidad. El corazón. En su misterio. Que es el del sentir y el de la indagación en arte. Así no puede ser más revelador y significativo que el primer poema de *Mutações* se titule “Mistério” y esto digan sus versos:

Da raiz da alma
brota, brota, brota
a canção
a emoção
fresca
fragrante
jorra
nas entrelinhas
do papel.

De la raíz del alma la canción, la emoción. En las entrelíneas del papel. Pero desde la raíz – de la raíz del alma. Así lo que brota y se da en la canción, la canción que dice la emoción, de la que nace y a la que expresa. Ester nos ha hablado de la lectura, del necesario leer para escribir. Pero hay un contenido espiritual en la lectura que aún resulta más determinante en su adquisición y en la manera que nos llega que el de su aspecto de formación y de cultura – y ambos aspectos pueden estar unidos, darse juntos. Nos dice Ester en un precioso texto titulado “Como o sol de verão entrando no mar”, y en el que aborda al principio – y en todo él – algo sobre lo que puso el acento la estética de la recepción, que es el valor del lector, de cómo el texto literario es recibido, compartido, interpretado y completado por quien lo lee: “As teorias de recepção se fundamentam em pressuposto de que as obras são objeto de algum tipo de acolhimento e o mais usual deles é a leitura. Mas o autor do texto não sabe quem o lerá, quem compartilhará de suas experiências, de suas insatisfações ideológicas, de seus prazeres e de suas epifanias”. Y nos dice al final de este texto: “Um texto é linguagem. A leitura é uma forma de projeção do livro e produção do prazer, como disse Roland Barthes, acima citando, para quem a produção do melhor prazer ocorre quando texto consegue fazer-se ouvir indiretamente; quando, ao lê-lo, somos levados a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa. Mas o texto nos cativa, não necessariamente durante o tempo todo. Pode ser num ato tênue, rápido quase irrefletido, num momento de um movimento brusco de cabeça, “como o de pássaro que não ouve o que nós escutamos e que escuta o

que nós ouvimos”. Mas este momento será completo de magia, de penetração espiritual, de prazer e de sonhos, belos e profundos como sol de verão entrando no mar”.

Magia y penetración espiritual. Así el efecto de la lectura, su don. Su aportación para el alma, para la persona toda. Que llega también de modo imprevisto, como un regalo y una sorpresa, y para decir esta magia y penetración espiritual Ester va a buscar la imagen del sol y del mar -como sol de verão entrando no mar”.

De la raíz del alma hablaba el poema “Mistério”. Y en la raíz, en el principio, está el fundamento y la fuente del espíritu. En la infancia y lo que de ella conservamos, lo que en ella nos hizo ser ya entonces como somos. Esta imagen del mar, y la presencia de la infancia como última sección del libro, me hace recordar un poema mío al que Ester dedicó atención enseguida y tradujo al conocerlo y que tiene por primer verso “El mar está al final de algunos niños”. El poema completo dice así:

EL MAR ESTÁ AL FINAL DE ALGUNOS NIÑOS.

Habita su corazón y es quizá su brújula,
su ritmo, su latido. El mar está al final
de todo lo que resplandece en esta vida.
El mar es una infancia. El mar es la libertad, la música.
Yo quiero ser el mar que te encuentre y te adivine
cuando se despierte la mañana y en tu alma
su ritmo seguir, como un niño
que al final o en su corazón lo cifra.

Ester nos habla en este libro – lo he comentado – de la libertad y de la música y de la infancia, y de la lectura en la infancia. De la intimidad y la cultura y cómo se entretajan y se anudan, se mezclan y conviven en una persona, y cómo la lectura permite el acceso al espíritu y lo modula. Tiene un contenido espiritual. De ahí que así la sintamos, como un sol de verano sobre el mar. Este maro que está al final, al final de algunos niños, me parece que dice la infancia y el misterio y la fuente de pureza que es. La infancia, que aún nos sostiene. Nos hace ser como somos. Por esto Ester va a ella en este libro, *Epifanias*, y forma su última, necesaria, inevitable, sustantiva sección. Hay que ir a la infancia. En otro poema

de mi libro *La poesía es un fondo de agua marina* pienso en ella y a ella me dirijo como razón y sustento al final de un poema: "Pasan los años y se sustenta todo en el principio. / Recuerdo con amor a mis padres y sonrío". Y en este libro hay otro poema dedicado a la infancia que quiero también recordar, porque la dice como fuente:

HE HABLADO DE LA INFANCIA EN ALGÚN SITIO

Hay mucha literatura sobre esto, pero yo sólo la he orillado
o apuntado. La infancia es pozo secreto
que sustenta el mundo, aire que entonces puro respiramos
y de algún modo aún nos acompaña, raíz muy última
de nosotros mismos. En los compases más altos de la vida
la infancia perdura. Todo es infancia.
Hoy quería decirlo de un modo sencillo
pero también claro, definitivo.
En ella hundo mis raíces, estoy
de su tierra y sus recuerdos vivos.
Entre las manos, si la acaricio,
tiene el mundo menos olvido.

Digo la infancia como la he sentido y dicho en mis poemas, y así lo hago porque pienso y siento que así nos la dice y manifiesta para todos Ester en *Epifanias*. Así resalta este valor de permanencia en relación a su casa natal al final del último de sus capítulos: "Mas a minha casa natal continua habitada em minha mente, inserida dentro de mim, com seus valores de intimidade e lembranças de meus entes queridos e vozes de todos os que por lá passaram".

Y en el espíritu, además de – como hemos visto – la infancia como raíz y como fuente, el amor, el amor en el origen y en el nacer de las palabras, su causa. Así nos lo dice recordando el pensar de Bachelard: "Segundo Bachelard, em seu estudo crítico e epistemológico sobre o fogo, ele não nasce de um friccionar de elementos, ou pedras, mas do amor. Assim, do conceito desse filósofo, se deduz que o fogo nasce para agradar alguém. As associações que fazem dele como o amor são repetitivas na poética. Ao falar nesse tema, não podemos nos esquecer dos versos em que Camões faz a metalinguagem do fogo: "Amor é fogo que arde sem se ver, / é ferida que dói, e não se sente". Pero nos lo dice la misma Ester desde su propia voz en el maravilloso texto "Por qué canto a comédia da vida?",

en el que lo da como fundamento ya al principio del mismo (“Dessa forma, assinalarei que o amor é, ainda, o respaldo para a impulsão de melhoria neste mundo”), como fundamento de todo, lo vemos, y está también a lo largo de todo este texto, en el que se pregunta por qué canta y se responde: “Por que canto? Canto porque há rios que cantam e quando um rio canta, há vida nele”. Este capítulo es, sí, un texto maravilloso, en que da razón de amor del canto, de la vida en él empleada.

Las palabras, de amor. Las palabras del escribir y las que nos llegan de un modo espiritual a través de la lectura – y así ya en la infancia. La intimidad y la cultura, el estudio y la formación, la lectura, y cómo ésta se hace espíritu, modela el espíritu. Ester nos dice de muy bello modo este componente espiritual y formativo, formativo de la persona – de lo que es y puede ser –, que tiene la lectura. Expresa y da testimonio de esta conciencia: “Leitora fui desde a infância, talvez herança dos gostos de meus pais, mais o conteúdo das leituras foram leveduras do que sou, fui e poderei ser. Como leitora de autores que se alimentam uns dos outros e, por isso, são intermináveis o processo criativo, remoendo a memória, encontro vidas que marcaram a minha vida no processo imaginativo e alimentaram o cofre dos meus carinhos”.

El cofre de los cariños. A sus cariños nutrió la lectura – es decir, a su afecto, a su corazón. Al espíritu. La lectura es espíritu y por tanto rayo de sol sobre el mar, mar que se une a la infancia y merece unirse y que está al final de algunos niños, que lo está y sigue estando en lo que escriben, como en lo que escribe Ester. Creo que este carácter afectivo y de intensidad espiritual, de conservada inocencia, que asoma de profunda y bellísima manera en lo que Ester escribe y que nos llega, cuando lo leemos – y por ser fieles a su sentir y sus palabras –, como el sol de verano entrando en el mar, está y reside lo más característico y más personal de su voz, su timbre inconfundible. Que es el que da el espíritu y mantiene el espíritu y como tal se percibe aun en la inmensa cultura. El espíritu pervive y como tal llega. Es lo que queda, lo que nos toca -lo que más nos toca. Por esto el poema “Rememorando” acaba mencionando la pureza antigua, yendo

a ella. A esa pureza de la infancia que aún conservamos y es nuestra raíz, el mar que está al final de algunos niños y que yo percibo en el sentir y el escribir de Ester Abreu Vieira de Oliveira, y de la que ella se acuerda y a la que nos lleva en él y en sus días de hoy al final de este poema:

Agora
A vida que se esvai
Fluindo rápida
Veste-se da pureza antiga.

Barcelona, 4 de diciembre de 2021.

Poemas para no olvidar.
Ester Abreu entre dos misterios:
el de la palabra poética y el del amor

Poemas para não olvidar.
Ester Abreu entre dois mistérios:
o da palavra poética e o do amor

José Suárez-Inclán García de la Peña¹

Una feliz casualidad me llevó a conocer a Ester Abreu. Fue en Brasilia, en el *IX Encontro Internacional de Escritoras: Viva Cecília Meireles*, que se celebró en el Distrito Federal del 13 al 17 de marzo de 2014. Yo por entonces trabajaba como asesor lingüístico en la Embajada, donde, entre otras ocupaciones, como dar cursos de actualización a las profesoras de español — eran mujeres en su mayoría — de los diferentes y espléndidos estados de Brasil (guardo como un tesoro las fotos de cientos de docentes), me ocupaba del proceso de selección, revisión y edición de las publicaciones. Acabábamos de sacar a la luz el libro de Julio Camba *La casa de Lúculo o el arte de comer* en edición hispano-portuguesa. Y pensamos que este *Encontro* era una buena ocasión para presentarlo.

¹ Escritor. Doutor em Filologia Hispânica pela Universidad Nacional de Educación a Distancia de Madrid (Uned).

Aún conservo el anuncio del lanzamiento:

Desde la Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil les invitamos a la presentación del libro "La casa de Lúculo o El arte de Comer", del escritor español Julio Camba, editado por esta Consejería y cuya versión bilingüe Portugués-Español, ha sido traducida por Edna Parra, Ester Abreu, Jorge Luiz do Nascimento y Maria Mirtis. La presentación tendrá lugar dentro del *IX Encontro Internacional de Escritoras* el 14 de marzo a las 17 h. en el NobileLakeside Convention & Resort Hotel². La escritora, profesora y traductora Ester Abreu, que participa en el encuentro, presentará el libro. Intervendrá José Suárez-Inclán, asesor de la Consejería y coordinador de la edición.

Participaba Ester con una previa charla o "palestra" sobre *O teatro na perspectiva da autoria feminina*, una de las muchas especialidades que ha abordado con acierto en las vastas extensiones de la literatura y de la lingüística. Y después, en la agenda de las 17 h., estaba programado el "lançamento" de *La casa de Lúculo o el arte de comer*.

A casa de Lúculo ou a Arte de Comer (Nova fisiologia do Gosto). Edição bilingue: Tradução, notas e estudo introdutório de Edna Parra Cândido, Ester Abreu Vieira de Oliveira, Jorge Luiz do Nascimento e Maria Mirtis Caser, Brasília, DF, Consejería de Educación de la Embajada de España, Secretaria General Técnica, 2013 (Colección Orellana).

Julio Camba (1884-1962) reúne, nessa obra, vários ensaios sobre gastronomia nacional e internacional, num texto leve, irônico e instrutivo. Serve como um guia de gourmets, como reflexão sobre a arte de cozinhar. O título da obra faz menção a Lucio Licinio Lúculo, o primeiro gastrônomo do império romano (110 a.C.).

La presentación, como suele ocurrir en estos congresos y encuentros de abultada agenda, llegó con mucho retraso. Es sabido que todas las presentaciones y representaciones, lecturas de poemas o de narraciones, gustan de alargarse. Eran más de las 19 h., y en la Mesa 2 de la Sala Clarice Lispector casi todos los invitados ya habían expuesto sus ponencias y apenas quedaban algunas esforzadas escritoras y oyentes. Ester era una de ellas cuando me llamaron para

² NobileLakeside Convention & Resort se encuentra a orillas de brasiliense Lago Paranoá, muy cerca del palacio de La Alvorada, residencia oficial de la presidencia de la República Federativa del Brasil.

leer un breve texto sobre Camba y su obra.³ En él mostraba mi asombro por haber seleccionado a Camba para ocupar un lugar en la Colección Orellana que se dedica fundamentalmente a editar y difundir literatura clásica hispánica en ediciones bilingües portugués-español. Algunos de estos libros recogen las primeras versiones en portugués de nuestros más insignes poetas, dramaturgos o prosistas: desde la Edad Media con las “Coplas a la muerte de su padre” de Jorge Manrique, hasta los siglos de Oro, con el pícaro Lazarillo de Tormes, el místico Juan de la Cruz, los viajeros que llegaron al Amazonas, y los clásicos inconmensurables como Cervantes, Lope de Vega, Quevedo. Así hasta llegar en viaje literario a nuestro siglo. Los decimonónicos Bécquer y Juan Valera (representantes insignes de las corrientes romántica y realista), el gran dramaturgo Valle-Inclán o el poeta íntimo, hondo y simbólico, Antonio Machado, dieron paso a una de las últimas publicaciones bilingües, que recoge el hermoso legado popular y anónimo del mayor espacio de naturaleza viva del planeta: *Las leyendas de la Amazonia Brasileña*. ¿Qué hacía allí Julio Camba? Este gallego, buen escritor y excelente periodista de principios del siglo XX, era poco conocido y leído, no solo en Latinoamérica sino en España, y además el libro que se nos proponía no era uno de sus clásicos, derivados de una amplia experiencia viajera y muchos años de corresponsal de diarios en el extranjero, como *Londres* (1916), *Alemania, impresiones de un español* (1916), *Playas, ciudades y montañas* (1916), *Un año en otro mundo* (1917), *La rana viajera* (1920), *Aventuras de una peseta* (1923) o *La ciudad automática* (1934) sino uno titulado *La casa de Lúculo o el arte de comer* (1929). O sea: un libro de cocina.

Camba, aquel gallego hijo de maestro de escuela que a los trece años, se escapa de casa y embarca como polizón en un barco a Argentina, anarquista de joven, republicano de adulto y conservador de mayor, pero siempre indómito, libérrimo e independiente, nos estaba hablando en estas páginas, entre humor y sabiduría, de algo tan elemental y universal, tan refinado y tan íntimo como la comida. Y en su desenfadado recorrido por la cocina de distintas épocas y países, estaba

³ Muy pocos hombres participábamos en el *Encontro*: Luiz Carlos Neves, el cantor Pancho Ríos, dos pianistas que se turnaron para acompañar a varias poetas y yo. Reconozco que me encontraba algo abrumado allí esperando entre las salas Cecília Meireles, Clarice Lispector, Clotilde Chaparro, Chiquinha Gonzaga y el hall donde se exponían los libros y las escritoras firmaban autógrafos. Yo no veía el momento de leer mi breve intervención y largarme de allí. Si no hubiera estado Ester tal vez lo hubiera hecho sin siquiera intervenir.

universalizando y elevando a la categoría de joya literaria, el arte de comer: uno de los más antiguos y, sin duda, de los más queridos por el ser humano en cualquier tiempo y lugar.

La vida de Camba, un autodidacta inteligente y curioso, bien leído y viajado (y bien comido) le había llevado inevitablemente a tener una visión amplia del mundo dentro de una España, que a principios del siglo XX, era aún cerrada en exceso, un poco provinciana, en un mundo que se desarrollaba y modernizaba de forma inexorable. Esta amplitud de mirada le otorga la condición de "moderno", de hombre atento y conocedor. Decía Unamuno, en su afán de regenerar y modernizar España, que "a los españoles les faltaba viajar y leer". No fue el caso de Camba. Que es moderno, ácrata y conservador. Conoce su tiempo, pero no se adelanta a él. No es vanguardista pero sí precursor de esa escritura-reportaje, esa fusión de géneros, llena de libertades, hoy tan de moda en la literatura o en el cine.⁴

Cuando terminé de leer mi presentación la sala estaba casi vacía. Ester se acercó solícita — más que solícita: sonriente — y me rogó que se la mandase por correo electrónico. Al parecer le había gustado y, naturalmente, fuimos a celebrarlo almorzando. No hay otra forma de honrar un libro que trata de la vida y la cocina. Comimos y hablamos de literatura y de poesía. Su ironía, su sonrisa amplia, su conversación culta, inteligente, nada pedante, me cautivaron de inmediato. Y allí comenzó nuestra amistad. Porque Ester, como el propio Julio Camba, se me iría revelando como una mujer generosa y atenta a todo; moderna, ácrata y conservadora, que une en su biografía y en su poesía tradiciones a las que no renuncia y libertades a las que no piensa renunciar. En aquellos dos o tres días que Ester visitó Brasilia pude constatar la veneración que amigos y alumnos le profesaban, algunos de ellos, antiguos discípulos, eran ahora profesores en los departamentos de letras de la UnB. Tal devoción en el mundo profesional universitario es una rareza a valorar y a tener muy en cuenta. Pasado el tiempo, a lo largo de nuestros encuentros en la UnB, en la Universidad Federal de Espírito Santo o en el Congreso Cervantino en el que coincidimos la Universidad Federal de Amazonas en Manaus, constaté que solo era uno más entre los cautivados.

Nuestra relación se fue fortaleciendo cuando en mayo de ese mismo año fui a impartir un curso de una semana a la UFES en Vitoria. Junto a la profesora Maria

⁴ Texto extraído de la presentación de *La casa de Lúculo o el arte de comer* en el "XI Encontro Internacional de Escritoras" en Brasilia.

Mirtis Caser, Ester Abreu organizaba la feria del libro. En Vitoria volvimos a comer —saborear los platos clásicos de la cocina capixaba es compartir mesa con los dioses—, a reír, a hablar de literatura y a contemplar los hermosos paisajes de Espírito Santo que Ester me iba descubriendo. Allí Ester se me reveló como una universal capixaba y me regaló varios libros de lingüística recién publicados.⁵ Pero también me quiso regalar otros libros suyos de naturaleza muy diferente a la tarea didáctica que allí me ocupaba. No eran estudios ni ensayos sobre literatura o lengua española, ni traducciones bilingües ni elementos comparativos gramaticales o lingüísticos. Eran unos libros breves, delicados; dos libros de poemas: *Para no olvidar: una reunión de vidas en homenaje y Poesías Fotográficas*⁶. En este último hace un hermoso canto a la naturaleza, uno de los temas clave en la poesía de Ester. Pero quisiera dejar aquí algunas reflexiones sobre su obra *Para no olvidar*. No es casual que comience con esta cita de Unamuno:

Siempre he creído que cuanto más cosmopolita parece un escritor, más universal y humano, tanto más hondamente es de su raza y de su edad. El más profundamente castellano de los escritores de Castilla es Cervantes, por ser el más universal y humano de todos.

Existe un dicho con más de un siglo en España, una sentencia taurina — cuando mencionar algo relacionado con el viejo arte de la tauromaquia no suponía una incorrección moral — atribuida al célebre Juan Belmonte, que reza: “se torea como se es”. Si podemos trascenderlo a otra dimensión poética — la tauromaquia es una representación viva de la antigua tragedia mediterránea —, el de la lírica, diríamos que también “se escribe como se es”. Leyendo los poemas de Ester es sentencia que, tanto temática como formalmente, se cumple sobradamente. Autenticidad, delicadeza, presencia pujante de la naturaleza y del amor, temporalidad intemporal, universal cercanía. Es su poesía formalmente sencilla, o quizá fuera más exacto hablar de claridad, de falta de enrevesamiento, que no

⁵ Estudio comparativo de la sintaxis verbal portuguesa y española con especial atención al uso de *brasileños* (2013) y *Alguns aspectos do possessivo português em confronto com o espanhol* (2014).

⁶ Publicados en Vitória en 2005 y en 2014 respectivamente, no se hallaban entre las obras recogidas en la Consejería de Educación de la Embajada.

de profundidad. “Pero mi verso brota de manantial sereno”, escribiría Machado. No es de extrañar que, don Antonio, el hondo poeta y profesor andaluz esté entre sus elegidos en sus poemas *Para no olvidar*. A él dedica en sus *homenajes de una vida* estos versos que hablan de la luna: “Pastora de la noche, /¿en cuáles caminos / la suave claridad / que envuelve los campos / y llena de leche las arenas de las playas / estás luciendo?

Hay una preocupación en la poesía de Ester, abrumadora cuestión inherente a todo poeta, por encontrar la palabra poética, por saber decir. No es de extrañar que *Para no olvidar* comience, en el poema “A mis poetas”, dedicado a G. Bécquer, con este verso: “Quisiera transformar el villano idioma”. Desde el primer verso la declaración de intenciones es explícita. También ella quisiera descifrar “ese himno gigante y extraño / que anuncia en la noche del alma una aurora”; también Ester “quisiera escribirle, del hombre / domando el rebelde, mezquino idioma [...] Pero en vano es luchar, que no hay cifra / capaz de encerrarlo”⁷.

Es sintomático que sea a Gustavo Adolfo Bécquer al único poeta al que dedica dos de sus poemas en este libro. Porque Bécquer es el poeta que busca sin cesar, toda su poesía es una búsqueda: una demanda imposible de dos misterios: el de la palabra poética y el del amor. Me parece que son dos misterios muy presentes en la poesía de Ester. Es en este mismo primer poema donde vuelve a mostrar la poeta la inquietud por saber decir el secreto poético, donde “Quisiera del villano idioma /hacer la metamorfosis/ de las cosas/ para que sean / ellas / mismas”. Ecos cercanos de Juan Ramón cuando en *Eternidades* ruega: “¡Inteligencia, dame / el nombre exacto de las cosas! / Que mi palabra sea / la cosa misma, / creada por mi alma nuevamente”⁸. Y son muchas las veces que Ester volverá en sus versos sobre esta inquietud. El título del poema “No sé cantar”, dedicado a Pablo Neruda, y subsidiariamente al dolor que le provocan las contradicciones de su querida América, la deja bien patente: “Quiero cantar la alegría de los carnavales

⁷ Versos correspondientes a la Rima I de Gustavo Adolfo Bécquer.

⁸ Juan Ramón Jiménez, *Eternidades* (1916-1917), Madrid, Visor, 2007.

y el dolor de la miseria de esta mi América Latina [...] pero no sé cantar. [...] Quiero cantar / la belleza de la naturaleza americana / esplendorosa, / la alegría de un pueblo alegre, / pero / ino sé cantar!”. “¡Quién supiera escribir!”, comienza el poema “Inefable”, dedicado a Campoamor, y termina con esta lamentación: “¡Ay!, ¡quién pudiera describir la belleza del Iguazú!”. No hay duda de que el reconocimiento de lo inasible en el lenguaje poético es elemento sensible de todo poeta. ¿Contradicción o conocimiento? Creo que en Ester es inteligencia, la franqueza de mirada que aflora en toda su poesía. Llaneza lo llamaba Cervantes. Autenticidad. Bécquer atisbaba un resquicio a este indescifrable lenguaje de la poesía en el lenguaje inefable e inasible del amor: “si teniendo en mis manos las tuyas / pudiera, al oído, cantártelo a solas”⁹. Y con ello abordamos fugazmente el segundo misterio presente en la poesía de Ester: el amor. Me fijo es en el título del libro: *Para no olvidar: una reunión de vidas en homenaje*. Hay en todo el poemario una generosidad de dedicatorias, un hondo sentido humano que trasciende los ritmos poéticos para hacerse un ritmo, uno solo, que guía sus poemas. Un rescate por medio de la memoria poética a lo que ya se ha ido y a lo que aún está. “No, no, no hay olvido en el dolor”, corrige a Luis Cernuda, “cortando los eslabones del amor”, a quien dedica “Quién dice que hay olvido”. ¿Cómo olvidar a Federico García Lorca sin mentar a “aquellos que han cortado / las alas de Granada?” ¿Es posible hablar de Mío Cid sin hacerlo “al amor de Jimena”? “A este amor sufrido de las mujeres quiero cantar” —escribe Ester en “Sale el poema”—, porque “Ahora quiere salir un poema / Que cantará el amor / Que vierte lágrimas copiosas de un dolor / Tan fuerte como el de arrancar la uña de la carne”. Amor carnal y dulce también, como hablaba Juan Ruiz, “Pues con arte se quiebran / los más duros corazones. / Pues así aconseja Venus / Protectora de los amantes”. Amor que se hace pasión literaria y humana en Cervantes y su Quijote, al que llama en “La paz del caballero” “Gentil amante, / héroe del amor; / caballero del ensueño”; Quijote —o Cervantes— al que “rocía en la frente la luz del amor”, del que toma prestado el verso “náufrago de amor” para su poema “Cuando pases por esa isla”. Pero quiere mojar Ester su pluma

⁹ Versos correspondientes a la Rima I de Gustavo Adolfo Bécquer.

en amores que no son literarios, homenaje a los de aquí, a los suyos, sus contemporáneos de carne y hueso: Mariana en su canastilla a la que su madre “con amor / y dolor / la atiende”; a Marcio, “luz, alegría, orgullo, placer y dolor / entre las olas del mar”; a Frederico Marvilla, que “duerme, duerme, en cuna de oro / donde el amor te acaricia”; a su padre, recordando el momento de su ausencia, cuando “El amor llena la sala. / Amor de los hijos y de la madre”. Y finalmente una petición de amor a un marinero. Ester, que lleva el mar consigo, el mar Atlántico de su tierra, le escribe a Rafael Alberti, marinero en tierra que también llevó su mar Atlántico siempre consigo. Desde la otra orilla. Del océano y de la vida: “Marinero, marinero, /Mientras tu barco deja estela / Llévame contigo a navegar / Y me adornas con los encajes de Venus. / Marinero, marinero, / Tira esperanza / En mi sufrido corazón / Antes que la marejada / Me lleve.”

Un tiempo después de conocernos, cuando yo ya me iba de vuelta a España tras mis casi cinco años en Brasil, Ester, con la que había compartido un curso sobre El Quijote en Manaus y un delicioso paseo en barca por el Amazonas en el que ella, tocada con un estupendo sombrero para el sol, me animaba a intentar pescar un pirararucú, me confesó sus dudas sobre si presentar sus poemas a un concurso en Casa América. Yo la animé y así, añadiendo algunos poemas a aquellos editados *Para no olvidar*, floreció un nuevo libro, al que titulé *Inesperadas canciones*. Me lo envió a España con una hermosa dedicatoria: “Amigo José, sigue el libro, resultado de su incentivo para presentarlo en el concurso “Casa América”. Si el premio fue frustrado, el libro de poemas ahí está. Gracias por la fuerza. Un fuerte abrazo de Ester. 2016”. ¿Frustrado? El premio ahí estaba, era el libro. En él aparece una foto — la única foto del libro — que hizo Ester conmigo desde la barca en Manaus donde se juntan el río Negro con el Solimões: “Qué bodas dichosas / recibe Amazonas!: / Del cálido Negro / Y del frío Solimões”. Hay un canto a la vida en los poemas que se añaden en este libro, un canto a la supervivencia que va, como todo canto de amor, más allá de nuestra propia vida: “me levanté como la aurora / abierta a la luz / cogiendo el puro aire de la vida.” Aparece en estos últimos poemas el viejo dilema de la vida y la

muerte, de la vida más allá de la muerte. En el poema titulado "A la vida" escribe Ester: "La nieve me hiela, / me calienta el sol, / la noche me ciega, / me gobierna el día / y en todos yo pienso, / pues aquí estoy / aunque espere la muerte." Todos la esperamos, pero, con esa especie de panteísmo cristiano, Ester se pregunta por el viejo "Dilema" en el poema que lleva el mismo nombre: "¿Cuándo parta, / me quedaré en las rosas? / ¿Cuándo parta, / me quedaré en los pájaros? / ¿Cuándo parta, / me quedaré en el mar? / ¿Cuándo parta, / me quedaré en la noche? / Cuando parta, quedarán / la noche estrellada / el mar azul / los seres alados / la vida sensitiva. / Pero yo, / etérea forma, / ¿Dónde estaré?" Estarás aquí, Ester, estás aquí, entre la tierra y el mar, el cielo y nosotros.

Madrid, 5 de marzo de 2022.

Ester Abreu Vieira de Oliveira: um percurso

Ester Abreu Vieira de Oliveira: a Journey

Francisco Aurelio Ribeiro*

Como se ha dicho últimamente la mujer comienza rebelándose contra su destino (bello eufemismo de marginación), intenta luchar contra el varón para adquirir sus mismos derechos, y presa de una identidad que no le pertenece, en la alternativa que separa a madame Bovary de George Sand, acaba por descubrirse y asumirse. Es entonces cuando toma la palabra. Palabra de mujer...

Rosa María Rodríguez Magda

Ester Abreu Vieira de Oliveira nasceu em Muqui, em 1933. Graduada em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 1960, Especialista em Filologia Espanhola (Madri), Especialista em Português Superior – Universidade de Lisboa (1968), Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1983), Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1994, e Pós-doutorado em Filologia Espanhola (Uned), em Madri, em 2003. É membro do Colegiado do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Ufes –

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Mestrado e Doutorado – e atua na área de Letras, atualmente, em teatro, poesia e narrativa da literatura hispânica, literatura brasileira e literatura espanhola.



Ester de Oliveira nos anos de 1950 (Acervo da autora).

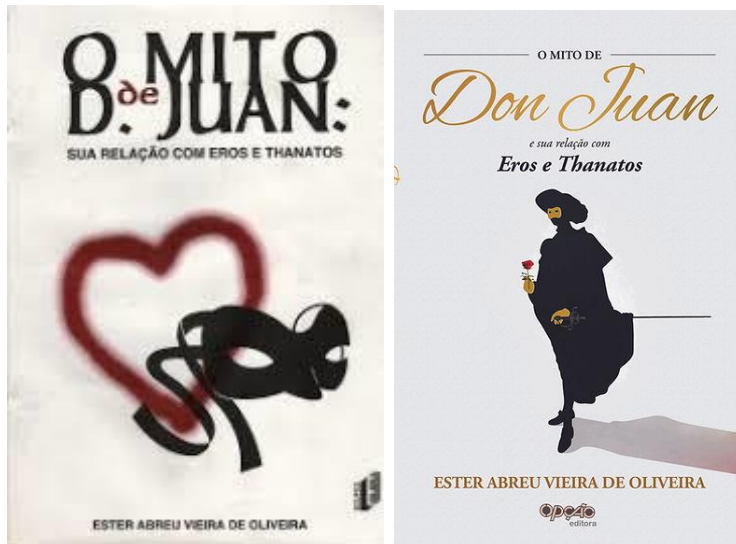
É pesquisadora da Linha de Pesquisa Poéticas da Antiguidade à Pós-Modernidade (PAP), líder do grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): Estudos de literatura hispânica: caminhos e tendências. Tem participado como representante de instituição em comissões e conselhos culturais estaduais e municipais. Tem trabalhos publicados (impressos, on-line e CDs) em revistas especializadas, em jornais e em anais de congressos com temas referentes às línguas e às literaturas espanhola e brasileira e, ainda, livros didáticos e infantis, tradução de obra, livros de poesia, de crônicas e de ensaios. Pertence à Academia Espírito-santense de Letras (AESL), Cadeira 27, sendo sua Presidente desde 2019, à Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL), Cadeira 31, ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), à Associação de Professores de Espanhol do Espírito Santo (APEES, membro fundador), à Associação Brasileira de Hispanista (ABH, membro fundador), à Asociación Internacional de Hispanista (AIH), à Asociación Internacional del Teatro Español y Novo Hispano (Aitenso).

Páginas e páginas seriam necessárias para descrever as atividades curriculares da Professora Ester Abreu, mas, no resumo acima, procuramos destacar um pouco de sua extensa obra produzida nestes quase noventa anos de profícua existência. Ester sempre se destacou, modestamente, no mundo predominantemente masculino das letras e da docência no ensino superior, por sua garra, determinação, inteligência e sensibilidade, e, sobretudo, por sua postura e palavra de mulher, a marca da diferença neste mundo conturbado por guerras e tragédias sociais, violências geradas, quase sempre, pela ambição e pelo poder masculinos. A guerra da Ucrânia é, agora, um triste exemplo disso. Afinal, já escreveu Svetlana Aleksievitch, a primeira jornalista a ganhar um Prêmio Nobel de Literatura, *A guerra não tem nome de mulher*. Filha de pai bielorusso e mãe ucraniana, Svetlana nasceu em Stanislav, Ucrânia, em 1948, e em seus livros descreve os horrores do desastre de Chernobil, em 1986, e das guerras em sua região.

O século XX foi o primeiro século em que as mulheres puderam se afirmar diante da milenar superioridade masculina e se libertar, após muitas lutas, do jugo fálico para se impor nas artes, nos esportes, nas ciências, na política, na cultura, em geral. Ester Abreu é um desses exemplos de mulher vencedora, desbravadora dos espaços femininos nas zonas de poder masculino e sua vida e obra são orgulho e honra não só para sua família, mas para todos nós capixabas.

Nascida em Muqui, a "cidade-menina", nos anos trinta (e isso me traz especial recordação por ser a terra-natal de minha mãe e o lugar onde passei os melhores dias de minha infância). Ester teve uma mãe professora, que sabia da importância de se bem educar, igualmente, filhas e filhos, por isso, pôde frequentar as melhores escolas do sul do Espírito Santo. O Colégio de Muqui foi um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino do Estado e lá ela iniciou sua educação fundamental. Vindo para Vitória, bacharelou-se em Letras Neolatinas, na antiga Faculdade de Filosofia (Fafi), em 1958. Depois, cursou, também na Fafi, Didática Especial de Espanhol e Português, de 1959 a 1960.

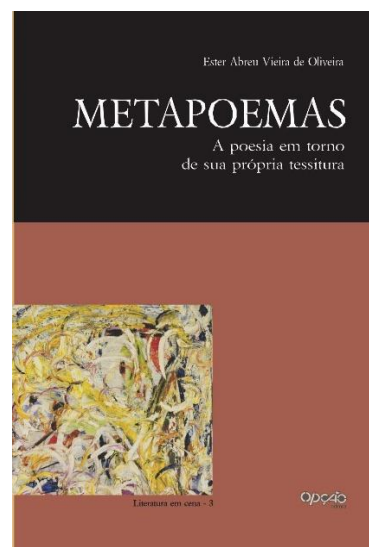
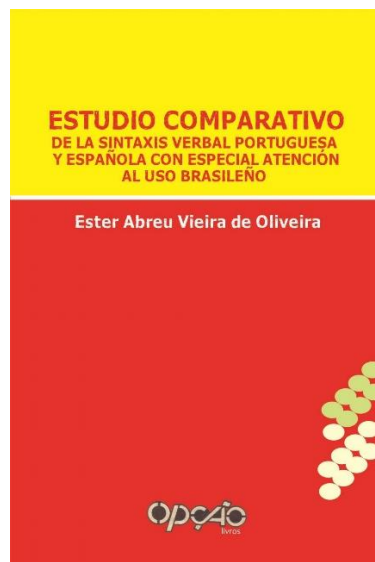
Ester Abreu foi professora em todos os níveis de ensino. Grande parte dos profissionais do Espírito Santo, hoje, foi seus alunos, no antigo Colégio Estadual, onde lecionou Francês, Português, Espanhol e Literaturas de língua portuguesa. Na Ufes, onde começou a lecionar em 1965, ensinou Português para Estrangeiros, Espanhol e Literatura Espanhola e Língua Portuguesa. Mestre em Letras, pela PUC-PR, com a dissertação *Alguns aspectos do possessivo em português em confronto com o espanhol*, e Doutora em Letras Hispânicas Neolatinas, pela UFRJ, com a tese *O mito de Don Juan: sua relação com Eros e Thanatos*. Esta foi considerada pelo acadêmico Prof. Miguel Depes Talon um dos melhores trabalhos já lidos por ele em toda sua prolífera vida de leitor.



Capas de livros de ensaio de Ester de Oliveira.

Ester Abreu nunca se conformou com os títulos fáceis e próximos. Sempre batalhando seu enriquecimento cultural, conseguiu especializar-se em Filologia Espanhola, em Madri, em 1968; em Português Superior, em Lisboa, também, em 1968; em Estudos Hispânicos, em Salamanca, em 1994, e pós-doutorado em Filologia Espanhola, em Madri, em 2003. Ester participa de congressos internacionais em diversas partes do mundo e é destaque mundial em sua área de conhecimento. Neste ano, recebeu homenagem pela Associação Internacional de Mulheres Escritoras, no dia 08 de março, pelo Dia Internacional da Mulher.

No entanto, seu olhar amoroso e observador foi sempre o Brasil, o Espírito Santo, Vitória, Muqui e as escolas onde atuou, embora seus olhos inquietos buscassem sempre além-mar, terras de Espanha e Portugal, nossa origem colonizadora e nossa identidade. Por isso, sempre se sentiu dividida, como a "Ibéria", título de um de seus livros de poesia. Em sua busca de entender essa divisão, Ester nos aproximou de nossa origem, trazendo para cá o questionamento dialético da dupla D. Quixote/Sancho Pança, a picaresca, o romantismo de Zorrilla, o esperpêntico, o mito de Don Juan. Ela é a ponte que nos liga a um passado não tão longínquo, aproximando-nos do além-mar e das culturas que nos formaram.





Capas de livros didáticos e ensaísticos de Ester de Oliveira.

Como se não bastasse ter sido professora de quase todo mundo, Ester Abreu nunca deixou de participar de funções administrativas na Ufes. Coordenadora de cursos, coordenadora de extensão, subchefe de departamento, coordenadora do Núcleo de Línguas, decana do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN, antigo Centro de Estudos Gerais – CEG), foi, por muitos anos, presidente da Associação de Professores de Espanhol do Espírito Santo, Presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e, atualmente, da Academia Espírito-santense de Letras. Sua participação em bancas de concurso começou em 1959 e continua até hoje, nas provas de seleção de candidatos ao PPGL, como professora voluntária. É uma das professoras da Ufes com maior número de participação em cursos, congressos e seminários dentro e fora do país, porque nunca parou de produzir, mesmo após ter-se aposentado. Possui centenas de trabalhos publicados dentre livros didáticos, ensaios, artigos e publicações em anais. É a articulista que mais publicou na *Revista do IHGES*, criada em 1917, e na *Revista da AESL*, desde 1998.



Ester de Oliveira e a apresentadora Gabriela Zorzal em participação do Programa Um dedo de prosa, em 2014 (Foto de Reinaldo Carvalho).

A extensa obra literária, científica, didática de Ester Abreu se iniciou com *Português para estrangeiros*, 1981; *Antologia poética de cidades brasileiras*, 1985; *Poetas brasileiros de hoje*, 1986, e em dois livros publicados com muitas dificuldades, *Momentos* e *Ibéria dividida*, ambos em 1989. Em 1994, alguns de seus poemas foram traduzidos para o francês e publicados na antologia *Quelques chose d'elle*, de edição suíça.

LIVROS

“Momentos”

Reunião de poemas da professora da Ufes e escritora, Ester Abreu Vieira de Oliveira, “Momentos” é um livro que em sua maior parte trata das recordações de infância e mocidade da autora, passada em Muqui, no interior do Estado. Para Ester, “Momentos” representa o homem com os seus cinco sentidos despertos, seus sonhos, memórias, recordações e inquietações. O resultado é um livro extremamente lírico, com versos tais como: “No silêncio da noite/ o jardim veste o ar/ de suave perfume”, retirado do poema “Simetria”, um primor de minimalismo. Ela é mais uma poeta



que vem somar e compor, com os seus textos, os alicerces da literatura capixaba feita neste final de século.

“Ibéria Dividida”

Com uma mistura de poemas em espanhol e português, a poeta e professora universitária Ester Abreu Vieira de Oliveira criou este “Ibéria Dividida”. O livro mostra a influência da literatura espanhola, e não faltam homenagens a Rubem Dário e Cervantes. Natural de Muqui, Espírito Santo, Esther já publicou livros didáticos e tem colaborado em revistas e jornais. Esta é a primeira vez que nos apresenta obras poéticas. Aproveitou então, e lançou logo dois livros de uma vez: este “Ibéria Dividida”, bilíngue, e “Mo-



mentos”, uma coletânea lírica. O lançamento vai ser no próximo dia 11, com um coquetel na Livraria Ancora.

Matéria do jornal *A Gazeta* sobre lançamento de livros de Ester de Oliveira, em 1989.

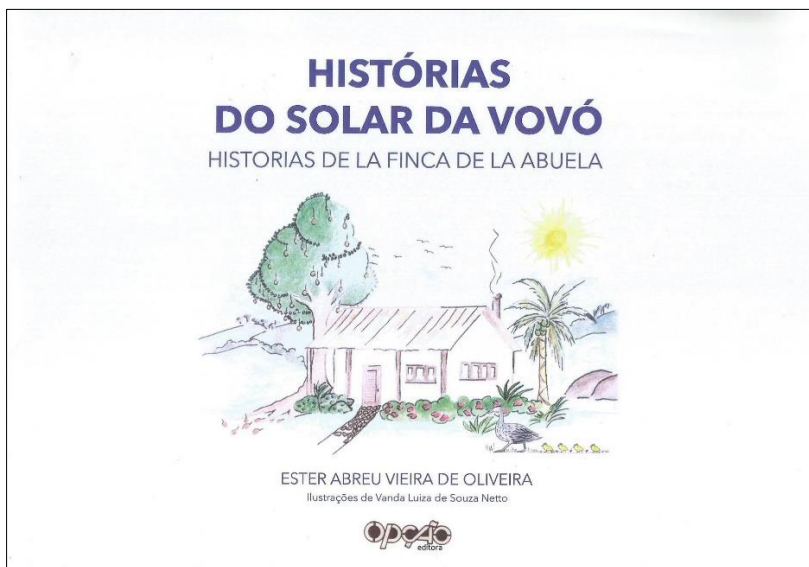
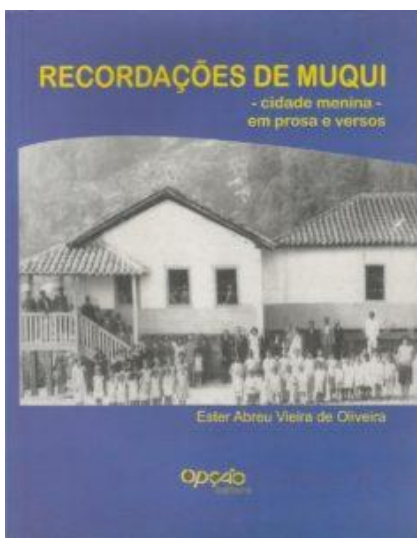
Momentos, seu primeiro livro de poemas, ganhou menção honrosa na AESL, em 1986, prêmio publicação do Departamento Estadual de Cultura (DEC), em 1982 e elogios dos acadêmicos Elmo Elton e Luiz Busatto. Segundo o orelhista anônimo da obra, "Os cinco momentos e ecos de *Momento* representam o homem com seus cinco sentidos despertos, seus sonhos, gostos, memórias, recordações e inquietações atávicas". Em estudo crítico publicado em 1990, destaquei a valorização da memória, da tradição, do lirismo sentimentalista, sem ser piegas, dos poemas de Ester Abreu, numa época de desconstruções, ceticismo, descrenças, desilusões. Ester é a poeta da esperança, da ilusão, da valorização da vida, da simplicidade, do sentimento, que não passa, apenas, pela vida, mas que a vive.

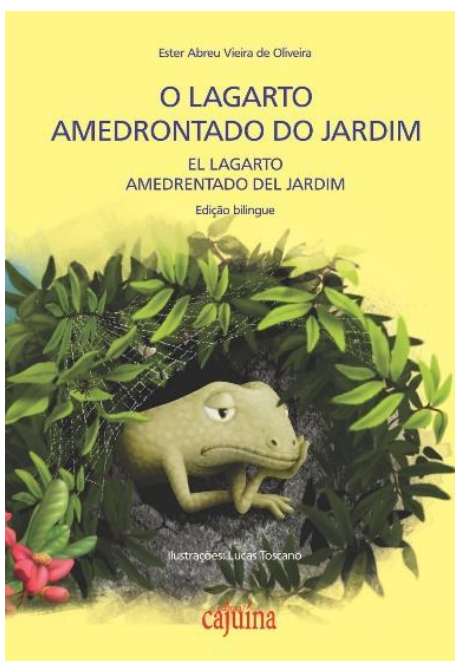
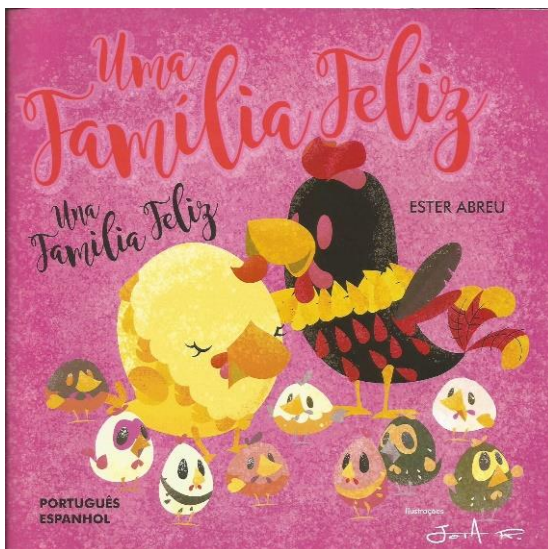


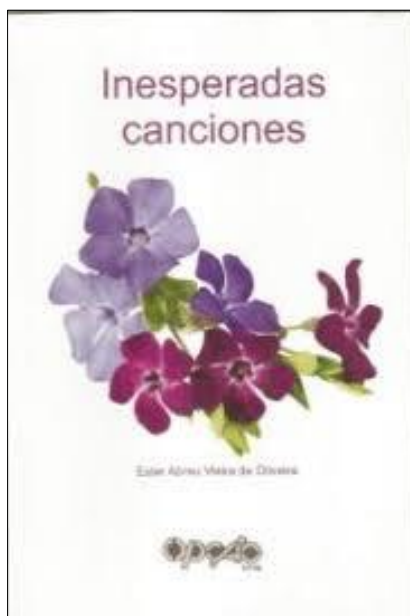
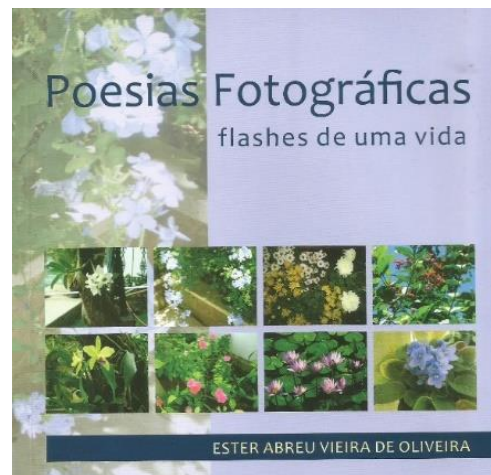
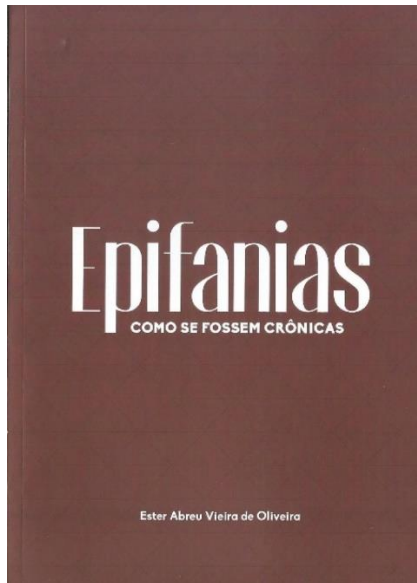
Capas de livros de poemas de Ester de Oliveira.

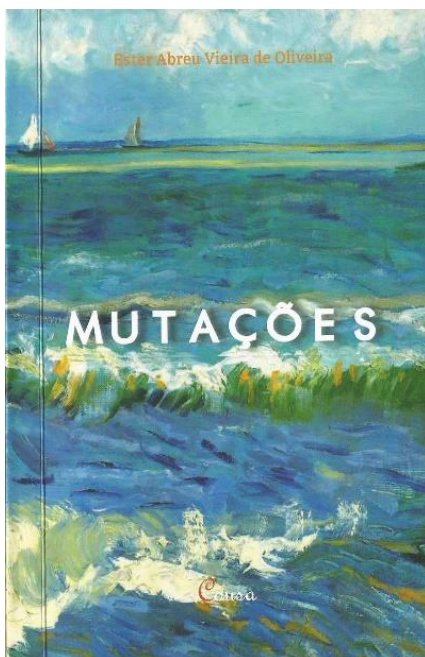
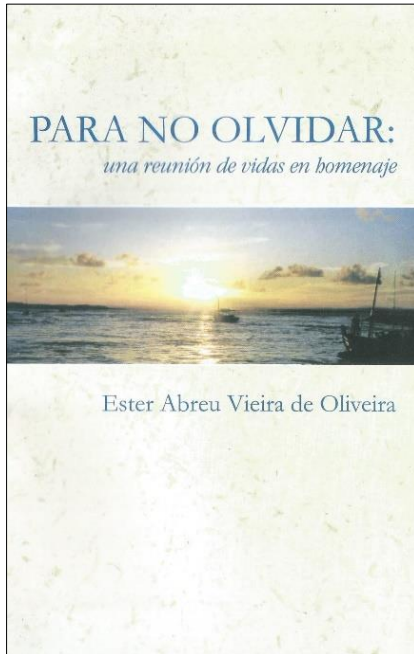
Em *Ibéria dividida*, coloca em poemas a duplicidade que sempre marcou suas pesquisas daqui e dalém mar: Brasil/Europa, Portugal/Espanha; colonizado/colonizador. Certa vez, me confessou ter a alma dividida. Todos nós, cara Ester, a temos. É fruto de nossa consciência de abismo que herdamos com a modernidade.

Depois dessas obras iniciais, muitas outras foram publicadas, em diferentes gêneros literários: ensaios, crônicas, poesias, literatura infantil. Algumas delas são: *Para no olvidar: una reunión de vidas en homenaje* (2005), *Salmos de inquietação e eclosão do ser* (2006), *Recordações de Muqui – Cidade menina* (2011), *Poesias fotográficas* (2014), *Inesperadas canciones* (2016), *O lagarto amedrontado do jardim* (2018), *Uma família feliz* (2019), *Epifanias como se fossem crônicas* (2020), *Mutações* (2021).







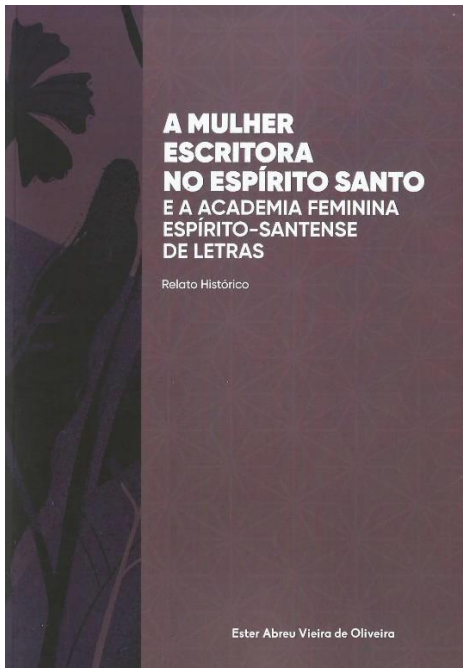


Capas de livros de literatura de Ester de Oliveira.

Ester Abreu é nosso principal símbolo de que as mulheres venceram as barreiras, quebraram os grilhões e marcaram sua presença pelo seu valor, criando um novo tempo, é o tempo das mulheres.



Ester de Oliveira em sua casa (Fotos sem crédito).



Capa de *A mulher escritora no Espírito Santo*, relato histórico de Ester de Oliveira

E, para concluir, retomo a mesma autora que usei na epígrafe deste ensaio: “Tiempo de mujer? Mejor: irrupción de la mujer en el tiempo, para darle la vuelta y hacerlo cíclico, vital, genérico, fecundo, progresivo, no conclusivo, no mortal de necesidad” (1994, p. 2).

Referências:

RODRÍGUEZ MAGDA, Rosa María. *Femenino fin de siglo. La seducción de la diferencia*. Edición corregida y aumentada. Barcelona: Anthropos, 1994.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Ibéria dividida*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1989.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Momentos*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1989.

A poesia-grito de Waldo Motta e a construção de um sentido para a vida

The Shout-Poetry of Waldo Motta and the Construction of a Meaning for Life

Marcel Martinuzzo*

Nos versos de “O momento profundo”, publicado pela primeira vez em *Os anjos proscritos e outros poemas* (1980) e posteriormente na coletânea *Eis o homem* (1987), Waldo Motta contempla o absurdo da existência e declara: “A vida não tem sentido, a não ser / esse que nós mesmos lhe infundimos” (MOTTA, 1987, p. 11). Inspirados por essa afirmação, a presente seleta se organiza a partir do seguinte questionamento: que sentido é esse que o poeta infunde à vida com os seus poemas? Nosso objetivo é reunir textos que nos falem sobre a compreensão do sujeito lírico waldiano acerca do seu fazer poético e do seu papel como poeta ao longo do tempo.

Waldo Motta é conhecido por elaborar uma engenhosa cosmovisão homoerótica a partir do amor masculino, à qual chamou de “erotismo sagrado” (MOTTA, 2000, p. 61). Por mais dinâmica que seja a sua escrita nessas quatro décadas de atividade literária, é formidável verificar como alguns aspectos decisivos da sua

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

lírica permanecem vigorosos desde as primeiras publicações. Um deles – o qual se encontra particularmente bem representado nos textos que selecionamos – é o seu inconformismo. Por maior que seja o seu apuro técnico, nós não estamos falando de um esteta, de um autor cujo objetivo é alcançar o belo por meio de jogos de linguagem. Não: o poema waldiano não é um fim em si mesmo, mas um meio para se atingir algum propósito. Ele deseja comunicar, anunciar, revelar algo, e espera – com isso – interferir na ordem do mundo de alguma maneira, pois conformar-se com ele e aceitá-lo passivamente não é uma opção.



Waldo Motta (Foto de Ricardo Aguiar).

Essa verve inconformista de Waldo Motta pode ser verificada ainda em “O momento profundo”, há pouco mencionado. Na última estrofe desse poema, o sujeito lírico nos apresenta – como resposta pessoal à falta de sentido da vida – o seu modo de participar da realidade (MOTTA, 1987, p. 11):

Se eu bater bater minha cabeça
nos paralelepípedos desta rua desolada
até reduzi-la a farelos
não resolve porque o mundo continua.
Mas se eu gritar gritar gritar talvez
desperte os homens dessa catalepsia.

Diante do absurdo, o sujeito lírico *escolhe* o grito. Nada o obriga, posto que a vida não tem nenhum sentido prévio. Nada tampouco o ilude, pois ele está ciente do risco de fracassar, tal como indica o advérbio “talvez” ao final do penúltimo verso. “Gritar”, no entanto, ao contrário do suicídio “nos paralelepípedos desta rua desolada”, oferece alguma possibilidade de transformação, mesmo que pequena. O poeta quer ser ouvido, ele quer “despertar os homens”, retirá-los da inércia: sua poesia-grito é, portanto, um ato político. O poema não é apenas um artefato estético a ser admirado, mas também e principalmente um instrumento – um meio – de tocar a sensibilidade do outro e dar-lhe, se possível (“talvez”), uma nova visão. Apesar de todas as atualizações temáticas e estilísticas da obra poética de Waldo Motta, essa postura tem sido uma constante no seu fazer literário ao longo de todas as fases.



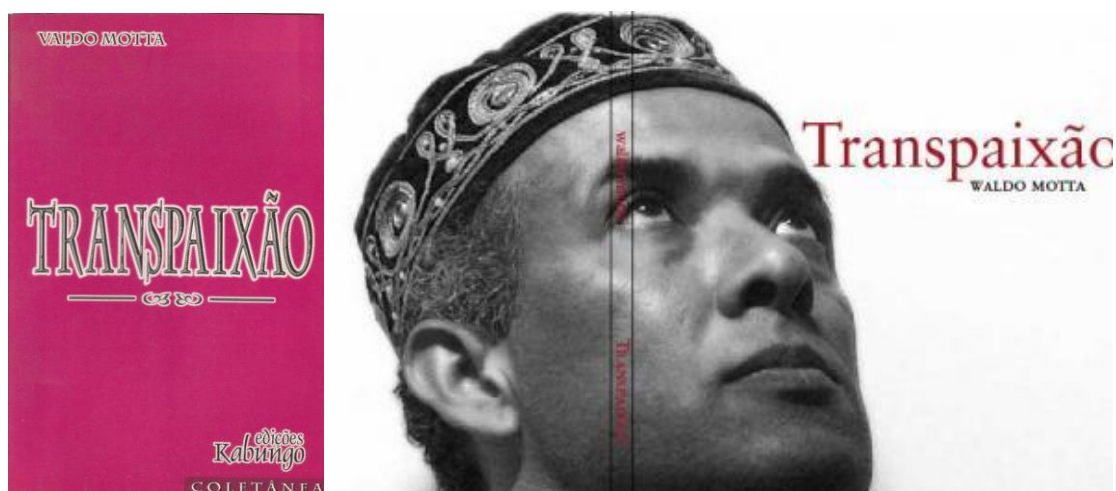
Capas de livros de Valdo (Waldo) Motta.

No que se refere às transformações na lírica waldiana e também da à construção de um sentido para a vida, bem como de outros aspectos de sua poética, é

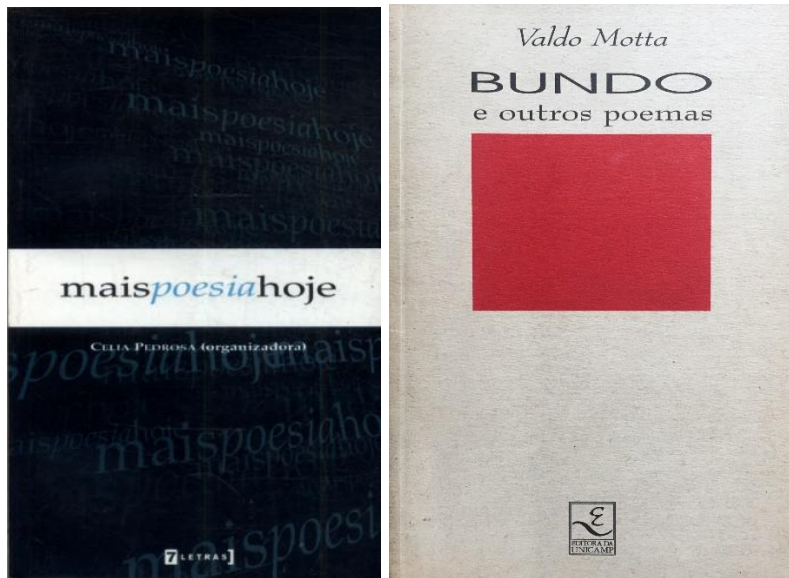
interessante considerar as seguintes ponderações do autor a respeito do seu percurso literário (MOTTA, 2008, p. 17-18):

Quero mostrar como vejo e entendo a minha trajetória: um processo de autoconhecimento e maturidade, marcado por experiências e reflexões em que o poeta se vê protagonizando um drama espiritual, uma aventura arquetípica, a princípio inconsciente, em que luta contra tudo e todos pela realização plena do potencial divino, aventura em que, após frustradas buscas na exterioridade e de percalços e desilusões nas relações afetivas, sociais, nos credos, volta-se o procurador para o âmago de si mesmo e descobre ali, naquele lugar, o novo mundo, a terra prometida.

Esta síntese da sua trajetória, elaborada já durante a maturidade literária do escritor, chama atenção para outro aspecto decisivo da sua obra: a constante busca de autoconhecimento. Longe de ser contraditório, esse movimento em direção ao “âmago de si mesmo” é concomitante e complementar à sua ação político-poética sobre a realidade externa. O sujeito lírico waldiano é um homem inquieto, atormentado, incapaz de aceitar a hostilidade do mundo. Ao mesmo tempo, é alguém que escolhe deliberadamente viver as suas paixões e, assumindo as consequências dessa escolha, procura compreender melhor a si mesmo e a sua realidade no processo. Dor e desejo, a alegria e a indignação, os conflitos de fora e os de dentro de si mesmo, tudo isso é matéria de poesia a serviço da “realização plena do potencial divino” que o poeta não anseia somente para si, mas para todos.



Capa das edições de *Transpaixão*, de Waldo Motta.



Capas de *Mais poesia hoje* e *Bundo e outros poemas*.

O que você está lendo?

Valdo Motta, o Poeta

*A Gazeta
Caderno Dois
25/8-1996, p. 4*

José Augusto Carvalho

Bundo & outros poemas, de Valdo Motta, não é apenas mais um livro de poemas, porque seu conteúdo sofrido, erudito, místico e, sobretudo, profundamente corajoso faz dele um dos melhores livros de poemas já escritos por um capixaba nos últimos tempos. Não é à toa que é o primeiro volume da coleção *Matéria de Poesia* da Editora da Universidade Estadual de Campinas, a mais conceituada das universidades brasileiras, internacionalmente reconhecida.

Conhecedor como poucos do valor que a palavra assume, viva e plurissignificativa, num texto poético, Valdo Motta revela-se um poeta que se debruça sobre si mesmo, na descoberta do mundo. Deixemos que o poeta fale, em trechos pinçados mais ou menos aleatoriamente, ao longo desse livro tão rico e profundo: “Claro, claro: / É pelo talo / Que começa o fruto. / A vida / medra / do rabo”. (p. 71); “A poesia é a minha / sacrossanta escritura. / cruzada evangélica / que deflagro deste púlpito”. (p. 79); “Quero ir atrás / do secreto fim / das coisas, ao cais / dos mares de mim”. (p. 89); “Só pode amar quem moeu / Seu eu na amora / mó / e desse pé renasceu” (p. 116).

Na introspecção que resulta numa verdadeira análise do mundo que o cerca, o poeta tem estes achados maravilhosos: “A mulher é a miragem do caminho / do homem em busca de si mesmo” (p. 56); “Todos os caminhos / que se abrem para o mundo / não valem o caminho interdito” (p. 39); “Se me encontro em perigo / ao Diabo e a Deus bendigo. / Na luta de mim comigo / quem me vence é meu amigo”. (p. 83).

Talvez o leitor pense em Fernando Pessoa. Mas não é só. O livro de Valdo Motta é um passeio pela intertextualidade, desde Camões a Drummond de Andrade. E se diz repetidas vezes “Quero ser amado” (p. 48), também diz num hai-kai pessimista: “Eis no que deu / a Terra Prometida / por Prometeu”. (p. 93).

Preocupei-me aqui em dar uma pequena amostra do talento poético de Valdo Motta. O espaço pequeno não me permitiria teorizar, quando a voz do poeta é muito mais forte do que qualquer tentativa de análise do seu estro.

Valdo Motta não é um poeta. Valdo Motta é O poeta. Que terá motivos de sobra, agora, para sofrer ainda mais: só se atiram pedras em árvores fruteiras. E certamente haverá à sua espera os que não suportam o talento alheio.

(MOTTA, Valdo. *Bundo & outros poemas*. Carapinas: Unicamp, 1996, 132 páginas).

■ (O autor é professor da Faculdade de Direito de Vitória e escritor)

■ **Observação:** Este espaço está reservado a colaborações voluntárias (limite de 30 linhas), com opiniões sobre Livros e identificação do autor. O material recebido será avaliado pelo Caderno Dois.

Imagem da coluna “O que você está lendo?” (sobre *Bundo e outros poemas*), assinada por José Augusto Carvalho, em *A Gazeta*, de 1996 (Fonte: Acervo do Neples).



Chamada de *A Gazeta*, de 1996, para o lançamento de *Bundo e outros poemas*, de Waldo Motta (Fonte: Acervo do Neples).



Imagem do artigo de Fábio de Souza Andrade sobre *Bundo e outros poemas*, na *Folha de São Paulo*, de 1997 (Fonte: Acervo do Neples).

A obra poética de Waldo Motta é um monumento de beleza e irreverência erigido sobre a dor. Sua poesia é dinâmica e heterogênea, tendo passado por diferentes fases em processo contínuo de autocrítica e reformulação. Triplamente marginalizado em sua condição de homem pobre, negro e *gay*, o poeta capixaba

teve por mestra a sua própria curiosidade e foi ousado o bastante para experimentar variados estilos formais, do poema metrificado ao verso livre e ao anagrama. A necessidade de compreender melhor os seus afetos e a sua sexualidade, e também o seu pendor para as questões do espírito, o levaram a beber na fonte de diversas tradições religiosas, bem como da poesia de diferentes épocas; daí a sua identificação sempiterna com vates e profetas, para os quais a palavra poética tem o poder de criar, revelar e transformar o real. Todo esse conhecimento acumulado permitiu que o autor construísse uma obra que – atenta às contradições do humano e aos problemas sociais – retira a homossexualidade do seu lugar de execração para dar a ela a dignidade do Sagrado. A palavra é, enfim, o meio pelo qual Waldo Motta deseja “infundir sentido à vida” e “despertar os homens”, tocando-lhes a sensibilidade.



Waldo Motta no final dos anos 1980 (Fotos de Paulo Roberto Sodré).



Waldo Motta nos anos 2000 (Fotos sem crédito).

Na presente seleta, buscamos apresentar poemas escritos em diferentes épocas a fim de valorizar a heterogeneidade da lírica waldiana em suas diferentes fases. Alguma prioridade foi dada aos poemas anteriores à publicação de *Bundo e outros poemas* (1996), uma vez que eles têm recebido menos atenção da parte da fortuna crítica do autor. Com isso, desejamos contribuir para dar mais visibilidade à obra do poeta, a qual, apesar de já ser considerável, ainda está muito aquém do seu mérito.

Referências:

- MOTTA, Valdo. *Bundo e outros poemas*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MOTTA, Valdo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987.
- MOTTA, Valdo; OLIVEIRA, Wilbett R. *Os anjos proscritos e outros poemas*. São Mateus: Edição dos Autores, 1980.
- MOTTA, Valdo. Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu. In: PEDROSA, Célia. *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008.
- MOTTA, Waldo. *Terra sem mal*. São Paulo: Patuá, 2015.

SELETA**O momento profundo**

Do ventre da noite raia o dia, filho
que se entranha de novo, quando a tarde finda.
A vida não tem sentido, a não ser
esse que nós mesmos lhe infundimos.

Se eu bater bater minha cabeça
nos paralelepípedos desta rua desolada
até reduzi-la a farelos
não resolve porque o mundo continua.
Mas se eu gritar gritar gritar talvez
desperte os homens dessa catalepsia.

MOTTA, Valdo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano
Abel de Almeida, 1987. p. 11.

O vate

Continuo vendo fantasmas, germens macroscópicos
mas invisíveis, continuo advertindo
sobre o que se esconde nos pensamentos
as intenções colaterais dos gestos
alertando que o inimigo disfarçado
penetra, com a nossa conivência, em nossa casa.
Não lhe deem ouvidos, o poeta é um visionário.
Magoado, calo-me e juro
não fazer mais nada por esses ingratos.
Mas logo depois me surpreendo falando
espontâneo como a folha seca
cai da árvore no inverno.
Falar está além de mim, não posso
deter este indômito fluxo
tão além de mim como
involuntário é o sonambulismo.
O poeta aponta
para o gadanho que reponta
da mão distraída.
Olham e não veem
abrem mais os olhos e não veem
arregalam os olhos e...
Impressão!
Mas não desanimo.

MOTTA, Valdo; OLIVEIRA, Wilbett. *Os anjos proscritos e outros poemas*. São Mateus: Edição dos Autores, 1980, p. 10-11.

Saudações

Ó ilustríssimos senhores
de modos finos, que saco!
Pelo amor da santa, fora
com vossos salamaleques!
Não quero louros nem busto
e nem meu nome em via pública.
Não quero as vossas vênias
e rapapés, flores dúbias.
Não quero ser o poeta
de que todos se orgulham.
Descaradamente confesso
a quem interessar possa:
Quero ser é a vergonha
da província e da república.
E só me enfeite a fronte o fogo
dessa coisa que me empurra,
traste, traça a roer em
ora alegre, ora soturna
porém diuturna fúria
– as juntas da conjuntura.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 50

O labor discreto

As coisas não mudam assim
da noite para o dia, céleres.

Por isso, perdi a flama
que fazia de meus versos

uma rocha iracunda.
Porque no final das contas

o importante é ter mudado
um pouco de mim, ao menos.

O cupim, no anonimato,
rói as vértebras deste tempo.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 23.

O apelo das coisas

Permitam-me que eu me recuse
a participar, pelo menos por hoje,
da despreocupada festa.
Ainda não é o tempo só de festas.

Portanto, deixem-me estar a só comigo,
que eu preciso de vez em quando
estar a sós comigo mesmo,
que é quando eu posso reaver-me
o meu lado mais sério e profundo,
o aguerrido, o inconformado, o insubmisso
o rebelde, o cerebral, o circunspecto.

Deixem-me estar a sós comigo mesmo
pois preciso reabastecer-me de meus temores
de meu ódio e de minhas esperanças.

Deixem-me estar a sós comigo mesmo,
tenho compromisso com as coisas
e elas estão me chamando
e eu não devo fugir das coisas.

Deixem-me, que hoje eu não vou, não posso, o mundo
continua em seu louco compasso
e as coisas estão me convocando
e à minha poesia belicosa.

MOTTA, Valdo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano
Abel de Almeida, 1987. p. 28.

Poemas cambiantes

Pelo asfalto, volto a casa, bêbado.
 Ao longo da rua, casas jururus
 e como que encolhidas de frio.
 Do fundo do corpo pesado e arfante,
 como que a um títere vivo
 o não-sei-o-que-seja que sou dirige-me
 os passos vacilantes pela rua vazia.
 Num acesso de ira, dá-me ganas
 de partir a estátua de carne
 de que sou cativo, em mil pedaços.
 E ver o rosto disso que sou;
 inda que hediondo.

Deposto, estiolado
 nas masmorras de mim.
 Quando é que este sósia,
 este pobre arremedo
 do que sou porá termo
 nesta flagrante farsa
 e me devolverá
 meu lugar usurpado?

Entre mim e mim
 há um abismo profundo
 assim como um rio morto à noite
 em cujas duas margens noturnas
 eu, simultaneamente, estivesse.
 À noite é no meu interior
 que o rio abissal divide.

Da margem aquém
 olho a treva densa
 que me separa de mim.

Punge-me no fundo do peito
 uma dor indefinível
 que pode ser uma curiosidade

de conhecer o ser além
ou uma espécie de saudade
desse que nunca vi
e de que não tenho a menor ideia.

O ritmo sacolejante e frenético
da música que toca do outro lado da rua
dá-me vontade de dançar tanto,
incessante, vertiginosamente,
feito uma piorra desvairada,
até que meu corpo atarracado e franzino
dissolva-se no ar desta tarde triste, completamente.

Só porque escrevo
sinto esvair-se
o que me enchera.

A esferográfica
é como se
me ordenhasse.

MOTTA, Valdo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano
Abel de Almeida, 1987. p. 16.

Sovar-te de nomes

Sovar-te de nomes
até a exaustão
transformar-te em pão
para muitas fomes

sabendo que o nome
se ao homem sustém
torna-o refém
também o consome

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 51.

Vórtice

E como os deuses me agraciassem
 com a peste que me lavra a palavra
 e me escalavra veias, nervos, plexos;
 e como por emblema desta fúria
 que em mim grassa – nem graça nem desgraça,
 eu só tenha este séquito de traças
 zanzando pela casa e em meu crânio;
 e como nesta altura da descida
 aos círculos do inferno eu só me eleve;
 e como nada reste além da réstia
 do que em mim é alheio e me arrasta
 em seus rastos de luz na vasta treva,
 que me resta, que me resta, e se é sina,
 senão me dar, rabinho entre as pernas,
 e o coração na boca, e o cu na mão,
 e ganindo no êxtase da dor,
 que me resta senão a imolação,
 o gozo da escarificação
 nos cacos do Espelho, na moenda
 do amor me revolvendo, e assim volvendo
 ao pó, ao ar, à luz, ao Ser essente?

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 39.

Ode à ida ao Id

Vexilla regis prodeunt inferni

cf. Dante

Hás
de
ir
ao
Id

Hás
de
ir
ao
Hades

Hás
de
apegar
-te a
toda e qualquer
merda
neste
mar de

Hás de enfrentar
a nado
o nada
para enfim dar
a Lugarnenhum

Hás de ir ao Id,
hás de ir ao Hades,
apesar de Cérbero
a tudo atento
com seus mil ouvidos
e olhos cibernéticos,
apesar de toda a
hiperinfernália

de ritmos pânticos,
sabores e odores
e cores e sons
alucifeéricos
do Leviatan.

Hás de ir ao Id,
hás de ir ao Hades,
derrotar Satan
e as potestades.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 91.

Descobrimentos

Aqui vou eu, bundo, pando
ó país que almejo e canto,
terra desolada, bela adormecida,
virgem por salvar!

Gênios perversos, bestas solertes,
hostes medonhas, greis infernais,
aqui vou eu, verbo em riste,
arredai!

Hidras, quimeras, anfisbenas, lâmias,
górgonas, gárgulas, ogros, exus,
anhangás, humbabas,
abracadabra!

Eldorados, thules, surgas, agarthas,
cimérias, hespérias, pasárgadas, cólquidas,
xangrilás, cocanhas, saléns, guananiras,
reinos miríficos, mundos arcanos,
céus interditos, aqui estou eu!

Velocinos, tesouros,
manás, elixires,
graais, aqui eis!

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 56.

EAD WALD

*Vale mais o bom nome que muitas
riquezas; e a boa graça mais
que prata e ouro.*

Provérbios 22:1

Seja pelo vau do
rio ou mar, seja
pelo abismo, ó Valdo,
conforme desejas,

és o pão ausente
nessa mesa posta
(tanta, tanta gente
cevada com bosta).

Crias quantas pontes
podes. Doas odes
ao demo inocente
do reino de Hades.

Reféns de anteontens,
hordas de exus,
salvam-se em ti, fonte
de verdade, luz

pública, e tão mais
bela e pujante
quanto mais e mais
sejas adamante.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 91.

Endereço da salvação

Todos os caminhos
que se abrem para o mundo
não valem o caminho interdito.
É preciso ensinar a porta certa
da casa de Deus
e franquear aos miseráveis
as riquezas
ocultas em suas próprias entranhas.

MOTTA, Valdo. *Bundo e outros poemas*. Campinas:
Unicamp, 1996. p. 34.

Assim disse a monstra

Eu sou a monstra sagrada
eu sou a bicha papona
eu sou a jaguatirica
dos vales
eu sou a suçuarana
dos montes.
Eu sou o maracajá.

Sou demônio, anjo e deus
guardião de mil segredos
e do sonhado GRRRAAAALLLL.

Eu sou o terror das selvas,
eu sou o horror das trevas,
todos me amam e temem.

Por amor a Yanderu,
sirvo a Jurupari,
finjo-me de Anhangá,
Caipora e Saci.
Sou um anjo travesti.

Curinga, proteu
dez mil faces tenho.
Em todo e qualquer
lugar estou eu.

Eu sou o querubim do tabernáculo,
e o anjo da espada flamejante,
e o tigre de Blake e Borges,
e a pantera de Dante, e o leopardo
de Eliot e Daniel,
e o dragão do jardim das Hepérides
e a besta do Apocalipse
e a serpente do paraíso.

Sou o próprio Chupacabra.

Pantera rosa-shocking
jaguar azul-bebê
tigresa rosicler
sou cheia de gatimonhas;
mas ronrono de ternura
e me enrosco todinha
em torno do meu dono:
aquele que a todos ama
e de todos é o amo.

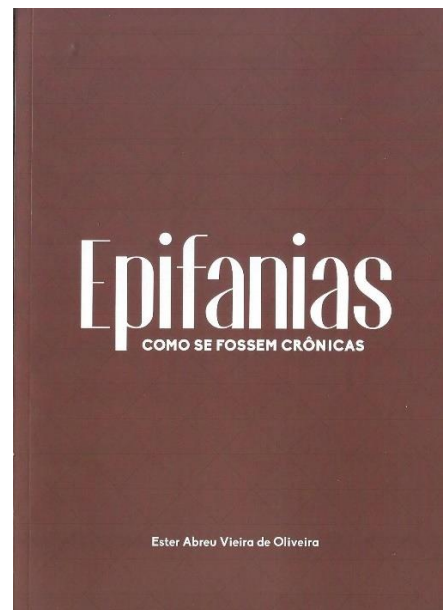
Não me venha com bravatas e esconjuros
e nem me torne presa, caça ou vítima
de sua estupidez civilizada.
Sou uma besta sagrada e protegida,
um animal santo e exijo
todo o respeito devido
à minha divina estirpe.

MOTTA, Waldo. *Terra sem mal*. São Paulo: Patuá, 2015. p.
60.

Recebida em: 30 de abril de 2022.
Aprovada em: 18 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Ester Abreu de. *Epifanias:
como se fossem crônicas.*
Vitória: Formar, 2020.

Josina (Jô) Nunes Drumond*



Ester Abreu Vieira de Oliveira é um exemplo de dedicação aos livros, à Literatura e ao magistério. Foi professora de “meio-mundo” no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras da

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ufes, onde ainda leciona como voluntária, após a aposentadoria, ministrando aulas para os cursos de Mestrado e Doutorado.

Sua atuação no universo cultural capixaba é ímpar. Ela se faz presente em praticamente todos os eventos literários e participa efetivamente de diversas instituições culturais (AEL, AFESL, APEES, AIH, ABH, IHGES entre outras). Atualmente é Presidente da Academia Espírito-santense de Letras e Vice-Presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras.

É impossível resumir em poucas linhas um currículo quilométrico. Atendo-me apenas às pós-graduações *stricto sensu*: Mestrado em Língua Portuguesa (PUC-SP), doutorado em Letras Neolatinas (UFRJ) e Pós-doutorado em Filologia Espanhola (UNED-Madri).

Ester tem cerca de cinquenta publicações em livros, incluindo algumas antologias por ela organizadas. Eclética e dedicada aos estudos, a intelectual capixaba tem obras diversificadas que perpassam gêneros e subgêneros literários: ensaios, poemas, crônicas, contos, livros infantis, artigos, e uma infinidade de textos acadêmicos publicados em anais de congressos nacionais e internacionais.

Em seu livro *Epifanias: como se fossem crônicas*, ela segue um interessante percurso, em três etapas. Parte do poder da palavra, como introdução, percorre diversas trilhas literárias, por sedução, e aporta em Muqui, sua paixão de longa data. O torrão natal é aqui contemplado com dez crônicas repletas de “relembraamentos” de infância, pincelados com nostalgia dos velhos tempos.

Esta obra contém textos reflexivos, informativos, alguns “quase-ensaios” (como diz ela), estudos e crônicas. O ecletismo da autora deságua na diluição de fronteiras literárias, próprias dos tempos pós-modernos.

Do ponto de vista filosófico, epifania significa uma sensação profunda de realização, no sentido de compreender a essência das coisas. Sendo

pesquisadora de primeira linha, Ester está sempre em busca da essência das coisas e da ampliação de conhecimentos.

Na primeira parte deste livro, intitulada “O poder da palavra”, descortina-se uma visão panorâmica da Literatura desde a Escolástica medieval, passando pelos grilhões normativos aos longos dos séculos até o desaguamento da diluição de fronteiras literárias da contemporaneidade. Focaliza-se também a Literatura Fantástica, que sempre despertou fascínio e temor em todos os tempos e espaços. A professora inclui nessa parte um texto magistral sobre o soneto, no qual ela aborda as origens, a perenidade, a rigidez da forma fixa, seus encontros e desencontros (adeptos, críticos mordazes e interferências), passa por diversos sonetistas estrangeiros, nacionais e fecha sua apresentação com dois poetas capixabas: Beatriz Monjardim e Athayr Cagnin.

A segunda parte, “Entre os livros e a vida” tem temática variada e a marca do labor da autora como professora de Literatura. Trata-se de estudos, pesquisas, crônicas, textos e autores com os quais trabalhou em sua vida profissional.

Na terceira parte, “Recordações telúricas”, por meio de crônicas, ela tece reminiscências de sua infância em Muqui, cidade “onde o verde toca o azul” e registra poéticos retratos da infância e dos familiares.

Ester abre o livro em grande estilo, com reflexões sobre o poder e a subversão da ordem. Começa focalizando o conceito de superioridade que nós, ocidentais, herdamos da Escolástica medieval. Faz uma abordagem panorâmica desse conceito, começando no século XV, quando o classicismo perde espaço para o racionalismo cartesiano, passa pela rigidez das formas poéticas, da dramaturgia e da religião no século XVI e faz um contraponto com os conceitos da contemporaneidade, citando o respaldo de Nietzsche, de Foucault e de Deleuze, quanto às relações de poder na sociedade. Aborda as fórmulas gerais de dominação dos séculos XVII e XVIII e termina focalizando a emancipação contemporânea do escritor, ao se desprender dos “grilhões normativos”. Na pós-

modernidade o escritor constrói formas híbridas, dilui fronteiras, subverte as convenções ficcionais, mas, paradoxalmente, cria um novo tipo de poder.

No texto "O sobrenatural nas artes e na vida" Ester aborda um tema muito recorrente na Idade Média europeia: superstições, feitiçarias, aparições e agouros. Essas crenças continuaram a subsistir ao longo dos séculos e despertaram a mais forte emoção do ser humano: o medo. Com baladas, canções, romances e lendas, em prosa e verso, o homem questiona o sobrenatural, na literatura oral ou escrita, em todas as épocas e países. Nesses textos encontram-se mistérios sobrenaturais, fenômenos que não podem ser explicados.

O texto "Dos encontros e desencontros dos sonetos" é uma verdadeira aula, na qual a professora parte da origem dessa forma literária, passa pelo conhecimento das regras estritas e bastante rígidas, pelas possibilidades de variações e demonstra a utilização dessa forma poética mundo afora, ao longo dos séculos. Mostra também a rebeldia dos tempos modernos contra regras imutáveis e severas do soneto clássico, a crítica mordaz, assim como interferências no ritmo, na métrica e na temática. Como não podia deixar de constar, há também uma mostra panorâmica dos grandes sonetistas internacionais, nacionais e capixabas.

Na crônica "Letras transformam a vida" a autora rememora sua iniciação literária, na infância. Seu pai, exímio declamador, passava-lhe poemas curtos a serem memorizados e declamados em reuniões sociais. Após a alfabetização passou a ler o que lhe caía nas mãos. Como não havia livraria em sua cidade natal, além dos livros da biblioteca da igreja do Muqui, lia também, na juventude, livros proibidos para sua idade, apanhados sorrateiramente na biblioteca do pai. A autora registra sua formação literária, desde os livros de M. Dely (biblioteca das moças) até sua vida adulta de literata e apresenta um leque de boas leituras, que servem de roteiro para jovens iniciantes. Em viagens imaginárias, a partir de leituras, leva consigo o leitor, que embarca prazerosamente na narrativa.

No texto “Como o sol de verão entrando no mar” Ester começa abordando a teoria da recepção e a relação autor/leitor. Focaliza tanto o poder da leitura, quanto o poder da escrita e se envereda pelo desejo milenar do homem, que há mais de 17 milênios fazia figuras rupestres, no afã de se comunicar com a posteridade. Menciona os primeiros povos a dominarem a escrita, as primeiras publicações e o advento da imprensa. Ao fazer reflexões sobre o ato de ler e de escrever, a autora demonstra grande erudição e muito conhecimento do terreno que está percorrendo. Recorre a teóricos e pensadores, que se manifestaram sobre o assunto: Barthes, Azorín, Unamuno, Huidobro, Clarice Lispector, Jorge Luís Borges e Manguel.

“Trovas e cancionero capixaba” é um excelente ensaio sobre a trova. Aborda sua origem, no cancionero popular do Sul da França e seu desabrochar em Portugal e Espanha, no século XIII. Focaliza a importância dessa manifestação popular, suas regras de composição e sua dificuldade, escondida atrás da aparente simplicidade e espontaneidade. Aborda também a abrangência da trova no Brasil, onde há cerca de três mil trovadores registrados, desde sua valorização ocorrida em 1950, assim como o movimento de trovadores do ES.

Na terceira parte, “Recordações telúricas” Ester menciona um pouco da história da cidade de Muqui, mostra aspectos consuetudinário de sua juventude, relembra os fabulosos casos do avô Cornélio, as brincadeiras infantis usuais, as histórias de boiadas contadas por tio Heitor, as narrações assombrosas do vizinho Nino Lugon, os sabores do pomar, a passagem do trem das dez, o silêncio do colégio interno...

Logo no início, antes de incursionar pelas intrincadas trilhas da memória lacunar, ela se justifica junto aos leitores: “se minha memória falseia, devido ao afastamento temporal em que o real existiu, desculpem-me”. Cita também uma frase de Borges, com o mesmo teor: “nossa mente é porosa para o esquecimento [...] sob a trágica erosão dos anos”.

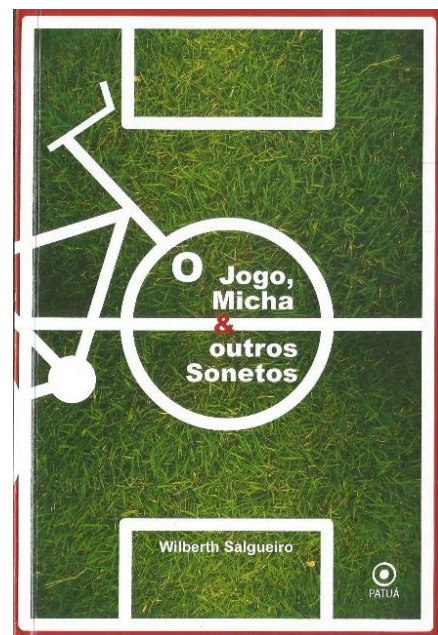
Ao relatar o incêndio no trem, em Muqui, ela tece reflexões sobre a utilidade e o perigo do fogo. Em seguida, parte da lenda do mito grego Prometeu, que roubou o fogo de Héstia e por isso foi eternamente castigado, mencionou incêndios que marcaram a memória da humanidade como o de Roma, provocado por Nero, o da biblioteca de Alexandria, a queima de livros em Praça Pública, na Alemanha Nazista, a destruição causada por chamas vorazes no museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e termina com o incêndio que recentemente abalou a todos: o da Catedral de Notre Dame, em Paris.

Ester fecha sua obra poeticamente com três 3 poemas: “Ecos”, contendo flashes de tempos idos, “Casa paterna”, no ela qual condensa o conteúdo de suas crônicas referentes a Muqui, e “Balada ao solar dos Rambalducci”, com reminiscências do casarão abandonado onde fazia incursões fantasiosas, juntamente com outras crianças, para descobrir seus mistérios, para criar um mundo onírico, com castelos habitados por príncipes, num cenário pintado pela fantasia infantil. Mostra flashes de um tempo sem volta, impregnado de reminiscências e de poeticidade. Com iscas de nostalgia e anzóis vergados de saudade, a autora pesca retalhos da vida nos abismos da memória.

Recebida em: 6 de março de 2022.
Aprovada em: 17 de outubro de 2022.

SALGUEIRO, Wilberth. *O jogo, Micha e outros sonetos*. São Paulo: Patuá, 2019.

Paulo Roberto Sodré*



José Lins do Rego na arquibancada todo entusiasmo pelo jogo do Flamengo é a lembrança fotográfica mais remota que guardo da relação de um escritor com o futebol. Não sei se por terem me fascinado seus romances do famoso “ciclo da cana-de-açúcar”, como aprendíamos no colégio, onde a professora Maria de Fátima comentava excertos de *Fogo morto*, ou se por ter sido “perna de pau” (e não “um pé de vento”, como cantou Vinicius de Moraes

* Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

os passes de Garrincha) nas peladas das ruas empoeiradas de Alto Lage, o romance do paraibano que trata de salineiros e futebol, *Água-mãe*, passou-me despercebido. Acho que futebol, apesar da fama de obsessão nacional, é para poucos. E deixei igualmente intocado o *Flamengo é puro amor*, crônicas do paraibano autor de *Menino de engenho*.

Talvez por isso tenha hesitado em encarar de imediato *O jogo, Micha e outros sonetos*, de Wilberth Salgueiro, cuja capa destaca o para mim inacessível campo verde onde duas traves se encaram animosamente para evitar em seus domínios uma bola pontapeada por um dos dez jogadores de pulmão e músculos ágeis e rivais. Contudo, como o poeta é um exímio jogador de decassílabos, um hábil meia de armação de quartetos e tercetos, e um desenvolto ponta para jogos de palavras e rimas, enfrentei a leitura.

Reconhecido crítico literário, professor titular da Ufes e pesquisador do CNPq, com densa publicação em livros de ensaios (*Forças e formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea*, de 2002; *Lira à brasileira: erótica, poética, política*, de 2007; *Prosa sobre prosa: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções*, de 2013; *Poesia brasileira: testemunho e violência, humor e resistência*, de 2018; *A primazia do poema*, 2019), em periódicos acadêmicos e, como colunista, no jornal literário *Rascunho*, Wilberth Salgueiro – ou Bith, nas capas de seus primeiros livros de poemas – é igualmente reconhecido por sua paixão pelas desafiadoras formas fixas e seus respectivos metros rigorosos de que se sobressaem gratas tiradas humorísticas.

Seu percurso de haicaísta é iniciado em uma publicação alternativa, *Anilina*, de 1987, e continuado em edição mais convencional pela editora Porto Palavra, *Digitais*, de 1990, com brasileiríssimos haicais (alguns já publicados no primeiro livro). *32 poemas* traz, em 1996, o consórcio de haicais e sonetos produzidos entre 1991 e 1996. Em 2004, deixando os três versos da forma legada por Matsuo Bashô e traduzida por Paulo Leminski, Bith defronta, em *Personcontos*, os catorze versos configurados pela maestria de Francesco Petrarca, continuados

por Luís de Camões, mantidos por Olavo Bilac, atualizados por Vinicius de Moraes, renovados por Glauco Mattoso. Com título em palavra-valise, *Personcontos* (junção dos termos *persona*, *sonetos*, *contos*) avança no domínio técnico e nos temas existenciais, eróticos e meta-poéticos que percorrem os poemas estreantes de origem japonesa.

Exatos quinze anos depois, Wilberth Salgueiro abandona o pseudônimo (Bith), continua o confronto com o soneto (e as variadas alternativas de formatação dos catorze versos) e nos apresenta diversos poemas sobre *partidas*, sejam lúdicas, amorosas, sejam políticas, poéticas: eis o leitmotiv de *O jogo, Micha e outros sonetos*.

Na apresentação do novo livro, José Américo Miranda é certo em sua percepção dos poemas e de sua leitura:

Este é um livro para se ler com cuidado. Primeiro, é preciso vencer preconceitos, “driblar” ideias antigas e encorpadas. Depois, é preciso pôr o mundo entre parênteses, para mergulhar na leitura. O livro é exigente: esnoba na técnica composicional [...] (2019, [p. 9]).

De fato, não espere o/a leitor/a, apoiado/a em “ideias antigas e encorpadas”, encontrar no livro *um mover de versos brando e piedoso*, um *tresloucado* estrofar de Via Láctea ou uma vivência de grande amor. Exigentes e contemporâneos, os 163 sonetos – dos quais 50 já tinham sido publicados em *Personcontos*, de edição esgotada – requerem leitura atenta, detalhada, não raro divertida. Note-se que cada um deles, ainda que faça parte de nove conjuntos ou blocos (“O jogo”, “Insonemínimeus”, “Lugares”, “Amor”, “Contingências”, “Lembranças”, “Micha – uma história triste de se rir”, “Personcontos” e “Oito sonetos antigos”), tem, como orienta o poeta no “Painel” de seu livro, sua autonomia (SALGUEIRO, 2019, [p. 7]).

Mesmo mínimo, o traço narrativo dos poemas de Bith/Wilberth Salgueiro já se nota nos primeiros livros, como nos haicais de *Anilina* (“lá vai o alcóolatra / de lata em lata catando / a noite passada” (1987, p. 55]) e *Digitais* (“um homem...

(foi ontem / no parapeito da ponte / - só ficou a ponte)” [1992, p. 31]). Esse fascínio pela *liricidade* – extraída não dos evidentes verbos ensimesmados de primeira pessoa, mas dos ritmos, dos enjambements e do irresistível calembur conseguidos criativa e ironicamente e a duras penas de transpiração – aliada ao narrativo se desdobra nos sonetos-minicontos de *Personcontos*, como em “Tubi ou Diego”, poema que trata de um flagrante cômico de partida de futebol:

TUBI OU DIEGO (25)

Foi tudo muito rápido. Arqueu
saiu jogando a bola pra Tomé
que, da lateral, viu Tubi correndo
em baita impedimento, sem zagueiros,

mas o juiz deixou passar por causa
de ter sido assim rápido. Então
atacante e goleiro se miraram,
no segundo possível de um olhar

antes do gol fatal. Eis que Tubi
hesita: tenta o drible, tenta o chute...
Foi um átimo: feito um vento sul,

Diego dá o bote, chega em cima.
A torcida, de muda, grita uuhh...
quando, antes de entrar, a bola fura! (BITH, 2004, p. 37; SALGUEIRO,
2019, p. 163).

Em que pese o fato de em *Anilina* o tema do futebol já estar posto (“degrau por degrau / o torcedor derrotado / pela arquibancada” [BITH, 1987, p. 29] ou “no meio da tarde / pênalti: o jogador / a trave parada” [p. 30] – em *Digitais*, no entanto, nenhum sinal de bola ocorre, exceto a menção à do jogo de sinuca), é justamente no livro de 2004 e nesse poema que parece estar o gérmen do que virão a ser a motivação e o fundamento de “O jogo”, um dos blocos mais alentados do novo livro: a habilidade em narrar decassilábica e heroicamente os passes (do futebol e da relação pai torcedor-filho) em sonetos petrarqueanos de rimas heterofônicas e “predominantemente imprevisíveis”, como citará *pignatariamente*²⁵ mais adiante Micha, personagem do 7º bloco do livro (SALGUEIRO, 2019, p. 128).

²⁵ Em depoimento publicado no *Bravos companheiros e fantasmas 8*, Salgueiro afirma: “Décio Pignatari em *O que é comunicação poética* foi incisivo ao afirmar que as melhores rimas são as

Conjunto de 51 *catorze versos*, “O jogo” narra as memórias de um campeonato vivido por Carlos e seu pai, Joaquim, em 2012, em Cachoeira Doce. O embate entre Nova Estrela e Patrióticos se justapõe aos conflitos entre pai e filho. Em que pese o interesse que o tema enseja, dos vários aspectos a se destacarem nesse labor dos sonetos um deles é a sofisticação das rimas que, entoantes, se aclimatam a monossílabos de palavras fragmentadas, num ousado tipo de encadeamento de sons e ideias que revela bem o trabalho exigente de Bith Salgueiro. Disso é exemplo a composição de “Ofício” (p. 52):

Eu vi, menino, o jogo. Pode crer
nas coisas que relato. Escritor
tem por dever ser vero. É nosso o-
fício. Mas o placar, os gols, isso eu

recordei, pesquisei (vê lá no Goo-
gle: “decisão entre Nova Estrela e
Patrióticos, ano de dois mil
e doze, na cidade de Cacho-

eira Doce”). Meu pai Joaquim mor-
reu. Mamãe também. Tenho um filho. Juro
(e olha que sou ateu de carteirinha)

que jamais vi um jogo tão incrível.
Não me lembro de tudo, mas de muito.
E é hora de falar da grande dor.

No texto, o narrador recorda desde a infância a partida entre Nova Estrela e Patrióticos (arena futebolística simbolizando talvez o nefasto jogo político de 2018). No poema, as rimas chamativas entre “crer-eu”, “Escritor-o”, “Goo-Cach-o-[u]”, “Estrela e-mil”, “mãe-dor”, “carteirinha-incrível” são conseguidas por meio do *enjambement* não apenas de frases no interior das estrofes (“Pode crer / nas coisas [...]”) e entre estrofes (“[...] isso eu // recordei [...]”), mas de palavras (ou sinafias: “[...] nosso o- / fício [...]”), como adiantamos. Menos incomuns, algumas toantes, como “juro-muito”, equilibram de certo modo a imprevisibilidade radical das outras. Vale notar ainda, no jogo de construção dos

imprevisíveis (acabando com esse papo de rima rica e rima pobre). A rima toante não é garantia, mas ajuda bastante a alcançar um bom grau de imprevisibilidade” (2018, p. 416).

versos, entre o 1º e o 2º tercetos o encadeamento seguido de anacoluto: “[...] reu. Mamãe também. Tenho um filho. Juro / (e olha que sou ateu de carteirinha) // que jamais vi um jogo tão incrível”, completando a dicção poética baseada na interrupção, na suspensão e no fragmentário.

Embora “O jogo” compusesse sem dúvida um livro autônomo, decidiu, e bem, o autor juntar a esses os “Insonemínimeus” (outra palavra-valise que encerra os termos *insonne*, *soneto*, *mínimo*, *meus*), sonetos “desentranhados de apenas uma frase com catorze sílabas” (SALGUEIRO, 2019b, [p. 11]). Virtuose, as vogais e as sílabas captam um lance de reflexão, como em “Na pia”: uma persona convencional (“mera tia”) não alcança o fruto, *in natura*):

Na pia
a pêra
havia.
(Ou era.)

Se à
vera
ia a
mera

tia
tê-la,
ela

sumi-
a (per
se) -se.

Na pia a pêra havia. (Ou era.) Se à vera ia a mera tia tê-la, ela sumia (per se) -se (SALGUEIRO, 2019a, p. 69).

Nos quatro blocos seguintes (“Lugares”, “Amor”, “Contingências”, “Lembranças”), Salgueiro agrupou, em cada um, seis poemas. A topografia variada das compras, das aulas, dos porões ditatoriais ou das casas serve de tema aos poemas de “Lugares”; o afeto e seus desdobramentos compõem “Amor”; em “Contingências” a oscilação do pensamento frente às aporias ou aos disparates da vida. “Lembranças” traz predominantemente o que parece estar disperso nos outros blocos: qualquer coisa de pseudoautoficcional, isto é – ou seria – de ficção fingindo-se de quase história pessoal. Talvez aqui Wilberth

Salgueiro ensaie o soneto-crônica, à Rubem Braga, em que o passado colegial em Cachoeiro, a juventude na carioca Vila Isabel ou o papel de pai inaugurado em Vitória ressoem, delicadamente. Apesar desse verniz “pessoal”, vale demarcar com o poeta que, embora o autor se camufle sem cessar nos versos, “a ideia é dar voz aos personagens [...] seres reinventados” (SALGUEIRO, 2020, p. 462).

A narrativa e uma evidente persona, Micha – cujos sentidos onomásticos encorpam essa figura: pão feito de diversas farinhas; migalha –, retornam no 7º bloco com 16 sonetos sobre o suicídio anunciado de um *gauche* negro, professor e poeta com sua “história triste de se rir”. Nessa série, o aspecto existencial se coaduna ao social, formatando um caminho humano sem saída e sem volta. Seguem-se os “Personecontos” e “Oito sonetos antigos” (de 1991 a 2002), desfechando o volume.

A heterogeneidade cronológica do livro se justifica: Salgueiro recolhe em um seu conjunto de sonetos até então produzidos. Tal volume permite aos/as estudiosos/as a observação do percurso do poeta na concepção e construção de seus catorze versos ao longo dos anos. Como declara o poeta:

Fazer um soneto dá muito trabalho – e não cabem eufemismos aqui. Há uma forma/fôrma a ser cumprida, e a conta tem de fechar. Com frequência, você (refiro-me ao poeta) pensa um verso, percebe que ele é lindo, maravilhoso, perfeito, e vai ver ele tem 9 ou 11 sílabas – e sem chance de hiatizar ou ditongar alguma sílaba. Para um sonetista ortodoxo como eu, o jeito é refazer o verso (o que significa abandonar, sem dó, aquele verso lindo, maravilhoso, perfeito), e esta é a dor e a delícia de escrever (2018, p. 418).

Bith ou Wilberth Salgueiro é, percebe-se, exímio herdeiro de uma tradição avessa ao discursivismo emotivo e pretensamente espontâneo da poesia. Cada palavra, cada verso, cada ritmo, cada som precisa de sua razão de ser *no* e *pelo* poema, cabralinamente a seco. Nada mais. Contudo, mina nesse trabalho rigoroso a *umidade* necessária que torna a literatura expressão do inescapavelmente humano: o afeto, a dor, a tensão, a amizade, a memória, o trauma, o prazer, a reflexão, o humor. Nesse sentido, o poeta procura se desvincular relativamente

do que ele – em persona crítica – afirma a respeito da poesia contemporânea brasileira:

Em linhas gerais, se trata nossa poesia contemporânea de [a] uma produção solipsista, centrada nos acontecimentos singulares da vida do sujeito que escreve – **ensimesmada**; de [b] uma produção indiferente a questões de cunho político, social, coletivo – **desengajada**; de [c] uma produção em que rareia a presença crítica do humor (quando muito, dá-se a ver certa ambivalência irônica) – **desengraçada**; de [d] uma produção que, além de se encastelar em alusões a herméticos acontecimentos da vida do autor, excede em jogos e torneios metapoéticos – **autotélica** (SALGUEIRO, 2018, p. 420-421).

Sensível ao coletivo, de que se desprende certo engajamento, propenso ao humor e – cedendo aqui e ali ao canto de Iara da poesia – ao metapoético, o conjunto sonetista de Wilberth Salgueiro é, como afirma Miranda, “[...] tecnicamente ousado, lança pra frente a bola da poesia brasileira”. Após a leitura dessa *sonetança*, o/a leitor/a não terá dúvida: sim, jogada de mestre.

Referências:

BITH. *Anilina*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1987.

BITH. *Digitais*. Rio de Janeiro: Portopalavra, 1990.

BITH. *32 poemas*. Vitória: Edição do Autor, 1996.

BITH. *Personecontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004.

BITH [Wilberth Salgueiro]. Cenas de uma vida em sete capítulos e alguns poemas. In: SODRÉ, Paulo Roberto; FREIRE, Pedro Antônio; AMARAL, Sérgio da Fonseca (Org.). *Brav@s companheir@s e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 412-424. Disponível em: <https://blog.ufes.br/neples/files/2020/04/E-book-Bravos-companheiros-e-fantasmas-8-com-ISBN-corrigido_compressed.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

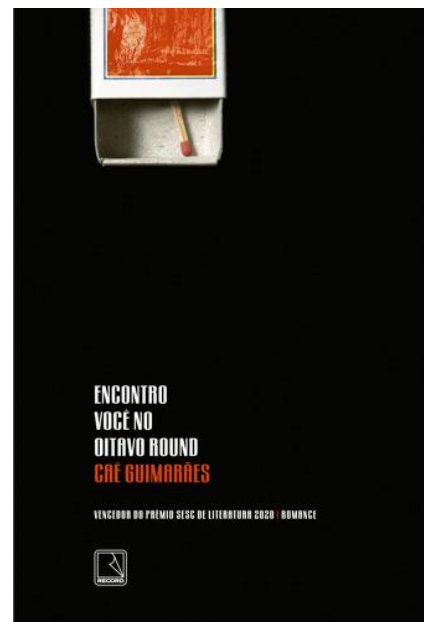
CORNELSEN, Elcio Loureiro. O “futebol de poesia” na literatura e na música popular brasileira. In: VERMES, Mônica; SODRÉ, Paulo Roberto; SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Entre literatura e música*. Vitória: Edufes, 2019. p. 39-62.

SALGUEIRO, Wilberth [Bith]. Entrevista a Andréia Delmaschio e Vitor Cei. In: CEI, Vitor et al. (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020. p. 461-469.

Recebida em: 10 de maio de 2022.
Aprovada em: 23 de outubro de 2022.

GUIMARÃES, Caê. *Encontro você no oitavo round*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

Rodrigo Leite Caldeira*



O livro *Encontro você no oitavo round*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura de 2020 e finalista no Prêmio São Paulo de Literatura em 2021, é o romance de estreia do carioca Carlos Eduardo Guimarães.

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Nascido em 1970, Caê Guimarães, com é mais conhecido, se mudou para o Espírito Santo em 1974, onde, desde os anos 1990, participa ativamente do cenário cultural capixaba como escritor, poeta, roteirista e jornalista. É autor de três livros de poemas: *Por baixo da pele fria* (Massao Ohno, 1997; Cubert, 2013 [edição bilingue português/catalão]; Cousa, 2017), *Quando o dia nasce sujo* (Secult/ES, 2006) e *Vácuo* (Cousa, 2014); uma novela: *Entalhe final* (Massao Ohno, 1999); e um livro de crônicas: *De quando a minha rua tinha borboletas* (Secult/ES, 2010).

Encontro você no oitavo round nos apresenta a história de Cristiano Machado Amoroso, um pugilista em fim de carreira que, provocado pela curiosidade jornalística da personagem Ester Miller, retoma a atividade de escritor que, ao longo da narrativa descobrimos, havia sido trocada pela de lutador em busca de uma *vendetta*. Trata-se de um romance curto, mas que em suas 139 páginas consegue dar uma tal coerência à narrativa que ao final da leitura paira uma sensação como se tivéssemos lido um livro muito maior. Neste resultado, enxergo o peso da experiência com a escrita acumulada por Caê Guimarães ao longo dos anos, sobretudo, como roteirista. Trata-se de um livro cinematográfico. Todo ele um argumento que, me parece, resultaria em uma bela película sobre este universo do boxe e da literatura, amplamente explorado pelo cinema norte-americano e ainda carente na produção nacional. Nesse sentido, registre-se o importante filme de José Alvarenga Júnior, *10 segundos para vencer* (Globo Filmes, 2018), que levou para as telas uma obra baseada na trajetória de Eder Jofre, o primeiro pugilista brasileiro a conquistar um cinturão mundial de boxe.

Para os leitores familiarizados um pouco mais com a biografia de Caê Guimarães, é fácil encontrar os elementos do que ele tem chamado em entrevistas sobre o livro de "memórias como matéria-prima a serviço da invenção". Assim como Cristiano Machado Amoroso, o seu criador também se refugia no pugilismo e na literatura nesta luta, senão vã, dolorosa contra as misérias sociais que o cercam. Se no livro, Amoroso é o pugilista profissional que estreia na literatura contando a sua história, Caê Guimarães é o escritor profissional que com engenho dá vida

às suas memórias de pugilista amador e coloca o leitor junto com ele nos dois ringues: o da luta e o da escrita. Certamente que, nesta prosa “dedilhada como poema”, este alinhavado alcançado entre a experiência de vida de um pugilista e a experiência de um escritor, é o ponto alto desse romance que, ao meu ver, alcança, em termos ficcionais, resultado semelhante ao conquistado por Loïc Wacquant na sua experiência com o boxe e registrada no livro *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe* (Relume-Dumará, 2002).

Outra característica peculiar do romance é a divisão da narrativa em três partes. A primeira é representada em todos os capítulos pelo símbolo do infinito (∞) que, não por acaso, é um oito deitado e já conecta o leitor mais atento a uma certa ideia cíclica proposta pela narrativa; a segunda parte, chamada “A luta”, descreve, round a round, o grande evento anunciado desde o início do livro: a última luta de Cristiano Machado Amoroso. Nesta parte, Caê Guimarães, que já colocara o jornalista Norman Mailer no ringue-livro como epígrafe, lhe rende uma bela homenagem seguindo os ensinamentos do seu livro *A luta*, quando Mailer apresentou ao mundo a história da maior luta de boxe do século XX: Muhammad Ali *versus* George Foreman (Companhia das Letras, 2011); a última parte, “Pródromo”, que além do sinônimo de prefácio, nos ensina o Houaiss (2001), também significa “as primícias de um escritor, os primeiros escritos”, já dá o tom do desfecho inusitado do livro e que tende a colocar no rosto do leitor aquele sorriso cúmplice de quem acaba de descobrir um segredo.

Quero chamar a atenção para um processo fabular invertido adotado por Caê Guimarães na construção das personagens do livro. Se em uma fábula clássica as personagens são representadas por animais com características humanas, temos em *Encontro você no oitavo round* a inversão dessa lógica literária com a constante bestialização metafórica das personagens. Este recurso narrativo trouxe ao livro elementos de fina ironia, contribuindo, sobretudo, para uma crítica social que não se perde em panfletária e mantém o equilíbrio primordial das grandes obras literárias entre o ético e o estético. À guisa de exemplo, e sem comprometer, acredito, o encantamento dos futuros leitores com esse processo,

me parece oportuno evidenciar a maneira como Caê Guimarães o realiza nas descrições de Cristiano Machado Amoroso, o pugilista, e em seu antagonista Rudinho, o “gigolô que agencia suas lutas”. Ora Amoroso é descrito como um *miúra*:

Ele me toureia. Como um matador a um miúra cravado de *banderillas*. Ou o boxeador bailarino a um demolidor (p. 15).

Ora como um *peixe arisco*:

Deixar-me abater, não como um frango gordo e mole é degolado na granja. Mas como um peixe arisco é arrancado do conforto da água salgada (p. 17).

Ora como uma *aranha*:

Digo que sou uma aranha que sonha e tece teias ao redor (p. 26).

Como uma aranha burlesca finge que nada sente, quando na verdade percebe vibrar toda a extensão da sua teia, se estimulada (p. 137).

Já Rudi Verter, o Rudinho, o “merdinha” (p. 38), o “couve amarela” (p. 42), o “abscesso” (p. 43), o “homenzinho com camisa ridícula” e de “alma sebosa” (p. 44), é sempre associado aos animais com uma adjetivação que busca colocá-lo no lugar mais distante possível de qualquer empatia por parte do leitor:

Ele sibila como uma cobrinha pequena e magra, mas de veneno potente. Sabe a hora certa de dizer as coisas (p. 15).

O homenzinho se apressa com as puãs fracas, seus dedos longos fazem pinças inseguras para evitar que meu dejetos lambuze sua camisa sintética (p. 16).

A matraca ritmada coça a lateral dos lábios, um bigode fino lhe escorre na direção do queixo. (...) Parece um parente desimportante do zumbido. Ou um papagaio, sempre honesto na repetição, jamais sincero no enunciado (p. 17).

Rudinho parece mais calmo, mas sua cara de esquilo assustado me pede pelo amor de Deus que encerre tudo, que caia, ou finja cair, e não levante mais (p. 121).

Cobra, caranguejo, papagaio e esquilo. A fauna em torno de Rudinho é toda ela uma obra à parte neste romance. Caê Guimarães coloca sobre os ombros dessa personagem os elementos mais característicos da miséria humana presentes em uma sociedade alicerçada na exploração do outro. Há, portanto, na rebeldia de Cristiano Machado Amoroso — poética, enquanto escritor; violenta, enquanto lutador — um ensinamento que, longe de ser um libelo, tende a provocar no leitor ruminacões importantes sobre o papel de cada na engrenagem dessa máquina de moer gente. Na clássica distinção entre romance e conto atribuída a Julio Cortázar, mas que no texto “Alguns aspectos do conto” (CORTÁZAR, 2006) ele mesmo diz ser de “um escritor argentino, muito amigo do boxe”, o romance sempre ganha por pontos no combate entre o texto e o leitor, ao passo que o conto, deve ganhar por nocaute. Em *Encontro você no oitavo round*, arrisco-me a dizer, há uma junção dessas máximas: quando o leitor já se dá por vencido pelos pontos acumulados ao longo de 22 capítulos do romance, eis que surge o “Pródromo”, como um conto, “incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases” (p. 152), como sintetiza Cortázar, e nocauteia o leitor antes que ele seja salvo pelo gongo final: ding ding ding.

Referência:

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147-163.

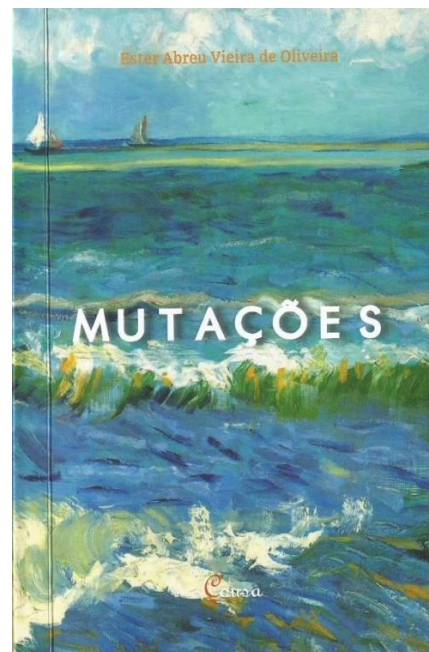
MAILER, Norman. *A luta*. Tradução de Cláudio Weber Abramo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

Recebida em: 7 de março de 2022.
Aprovada em: 17 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Mutações*.
Vitória: Causa, 2021.

Silvana Pinheiro*



“**P**ara os que se debruçam no arcabouço das palavras” é a dedicatória do mais recente livro de poemas de Ester Abreu, lançado em 2021,

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

em tempos de pandemia, disseminando frescor para os dias áridos desse momento histórico.

Ao inaugurar as páginas do livro assim, a autora faz um convite aos que apreciam deter-se sobre as construções com palavras, uma generalizante distinção. Mas isso sugere uma das marcas da poesia de Ester: comunicar-se democraticamente com leitores de variados perfis, respeitando-lhes as possibilidades de leitura, sobre camadas igualmente variadas de significados, ainda que a poetisa traga em sua formação uma bagagem considerável de erudição. Seus versos são acessíveis a um espectro amplo de leitores que ainda investem algum tempo em debruçar-se sobre palavras, o que é de certa forma heroico em um país com taxas elementares de leitura.

A epígrafe da obra também é da autora e destaca a valoração da complexidade da existência e de cada humano em si mesmo ao lidar com ela, considerando também a grandiosidade potencial daqueles que visitarão o livro: “Cada pessoa carrega o universo em seu coração”. Ester Abreu é simples assim, tanto na vida quanto na literatura. Por isso, grande também.

Ester Abreu é figura conhecida no campo das letras capixabas, por sua atuação competente e marcante como professora de Línguas e Literaturas Brasileira e Espanhola, bem como associada da Academia Espírito-santense de Letras e da Academia Feminina de Letras do Espírito Santo. Nessa última, em especial, além de uma das fundadoras, é militante assídua e incansável promotora da produção literária das escritoras de nossa terra, grupo do qual faz parte há longo tempo, tendo publicado inúmeros artigos de pesquisa e ensaios, além de livros de poemas, crônicas, memórias, crítica literária e literatura infanto-juvenil.

Mutações traz um prólogo assinado por Francisco Aurelio Ribeiro (p. 11-12), conhecedor perspicaz da trajetória da acadêmica e poetisa. Traz ainda, de início, uma justificativa da própria autora: “Escolhi os poemas que me parecessem o

mais plástico possível, sem aprofundamentos filosóficos, mas que representassem o meu fazer poético” (p. 14). Dessa forma, Ester apresenta uma coletânea de textos representativos de sua produção, por meio de uma seleção pessoal dos poemas colhidos ao longo de seu alargado percurso como literata.

O título da publicação não estabelece ligação com nenhum texto do interior da obra em especial. Propõe muito mais nominar o conjunto dos poemas, à medida que indica o trânsito por diferentes temas, assuntos, recursos poéticos e, possivelmente, fases da autora e de suas mutantes experiências existenciais que motivaram as produções, como fica sugerido também na justificativa.

A seleção traz 31 poemas, sem compor divisões pontuais, embora seja possível subentendê-las ao longo da leitura. As temáticas são variadas, mas apresentam pontos de contato, no que diz respeito à metapoesia, ao teor existencial, ao diálogo com elementos da natureza e da música, além da espiritualidade.

O poema de abertura, “Mistério”, é de linhagem metapoética. Exalta a experiência de escrita da poetisa, ensejando uma interpretação sobre o labor de seu lugar como artista da palavra, que se dá, em sua visão, a partir de uma experiência anímica, singular e pessoal, de interpretação da realidade: “Da raiz da alma / brota, brota, brota”. No entanto, se apresenta na feição de uma certa concretude, “[...] nas entrelinhas / do papel” (p.15).

Nessas primeiras páginas do livro, observo que os poemas transitam por aspectos existenciais: o labor poético, as indagações sobre a solidão, a morte, a passagem do tempo etc. O diálogo é permanente com os motivos da natureza em geral, compreendidos por meio de múltiplas sensopercepções: “No mais profundo / ficou a nítida visão / de claridades entre sombras”.

Especialmente nesse primeiro suposto conjunto de textos, evidencio um jogo com a disposição dos versos. Muitas vezes Ester Abreu busca destacar, por meio desse artifício, o recurso do paralelismo comum a vários poemas do livro:

Pelo rio passa
Um ramo
que empurra borbulhas
Uma pata
que ampara a ninhada (p. 23).

Um segundo bloco sugerido pela sequência dos poemas é vislumbrado nas composições ligadas aos fatos da música, tais como o *jazz*, as notas musicais, alguns instrumentos. Mais uma vez o diálogo se dá com elementos do meio natural. Destaco aqui, no entanto, entre muitas interessantes proposições imagéticas engatadas em sinestésias, alguns versos que me chamam a atenção, os do “Mestre das doze cordas” (p. 25-26). Tratam, para além de experiências cotidianas com a natureza, sobre fatos sócio-históricos relevantes para as discussões étnico-raciais da contemporaneidade, como a realidade dos negros escravizados na América do Norte e suas composições jazzísticas.

Visualizo, ainda, uma sutil terceira parte que, percebo, a mais longa da obra. Nela há uma sensível identificação da poetisa com o mar e seus mistérios e arquetípias, entre diferentes paisagens e histórias, mitológicas ou reais, desde o Penedo capixaba, até a geografia dos cenários do Marrocos: “Nos teus milênios, / ó mar, eterno poema, / quantos secretos / monstros centenários guardas?!...” (p. 51).

Finalmente, intuo uma quarta formação em bloco, com poemas ligados à espiritualidade. De início, destacam-se construções inclinadas à contemplação da natureza e à provocação do silêncio e da reverência diante de um templo natural. Em um segundo momento, evidenciam-se versos de uma religiosidade de matriz cristã. Há um poema à semelhança de um salmo bíblico, por exemplo: “Deus, Tu és meu Deus” (p. 71). E uma exaltação litúrgica à Virgem Maria, diante de seu

filho crucificado (p. 73-74). E, ainda, uma oração sublime ao Cristo, a quem a poetisa deseja ver, muito mais em suas andanças sobre a Terra, fazendo o bem, do que inerte na cruz.

As mutações dos versos de Ester Abreu, assim, ensejam um passeio por temas universais, cujo ponto de apoio são principalmente os fatos do meio natural, focando experiências de subjetividade, por vezes com ares de epifanias, aos sabores leves de musicalidade e com a absorção da fluência de movimentos permanentes dos sentidos do corpo, na leitura das realidades mais simples e cotidianas.

Recebida em: 10 de maio de 2022.
Aprovada em: 17 de outubro de 2022.



Ester Abreu Vieira de Oliveira
(Foto sem crédito)